Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 11 DE JUNHO DE 1972-N.º 17768- ANO 52.º - PREÇO 1$50

OS RETRATOS PROIBIDOS DE ESTALINE

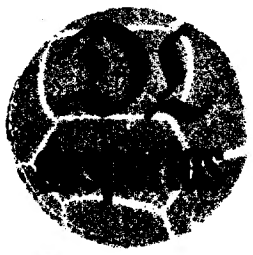
Foram encontrados agora em Moscovo, na posse de coleccionadores, retratos proibidos na era de Estaline, entre eles um do próprio ditador, que não tinha sido devidamente retocado. A hagiografia oficial da época pretendia impor a imagem paternalista de um condutor voltado para a salvação das massas obreiras. O (mau) retrato da direita estava proibido bem como outros de personalidades caídas em desgraça. **(NA PÁG. 15)**

HOJE: 40 PÁGINAS

O (mau) retrato proibido de Estaline

MEIRIM

O dono de Aveiro



«Meu pai tinha uma oficina de sapateiro. Conheço 71 países. Já fui convidado para a Publicidade, o Teatro e o Cinema. Empresário de boxe, eu? Minha mulher caluniou-me. Minhas filhas adoram-me. Os meus métodos são os melhores». Estas e outras declarações são de Joaquim Meirim, que está agora em Aveiro para tentar salvar o Beira Mar da queda na II divisão. Ele aparece com as duas filhas em foto especial para o «DL/Desportos» de hoje.

Com um grão na asa

Uma pequena parte da população de Lisboa frequenta normalmente as 1171 tascas que existem na capital. Um inquérito informal, feito nas imediações dos «estabelecimentos de comércio de vinhos» revelou com clareza o pudor com que o lisboeta médio encara aquilo a que chama «maus ambientes». Uma aproximação maior dos lugares «malditos» revela no entanto, aspectos inesperados: a existência de um comércio quase artesanal onde as relações de troca não estão de todo subordinadas ao lucro e á lei do mais forte. E, sobretudo, a autenticidade de um convívio que talvez já só seja possível assumir «com um grão na asa», como se vê nesta foto tirada no Ti'Chico da Severa. **(P. 23)**

Mc GOVERN, O IDEALISTA QUE SOBE

Página 12

OS ÚLTIMOS DIAS DE CAGLIOSTRO

Página 14

DL/DOMINICAL

SETE DIAS NO MUNDO

EM ESTOCOLMO DISCUTE-SE A POLUIÇÃO

As Nações Unidas organizaram a sua primeira conferência sobre a defesa do meio ambiente. O local escolhido foi a capital sueca. A conferência começou mal. Devido a uma descriminação política pouco compreensível nesta hora de «detente», ficou de fora um dos países mais industrializados do mundo, a República Democrática Alemã. A desculpa para essa atitude parece ter-se radicado no facto de o país não pertencer à ONU. Contudo, a Alemanha Federal esteve presente e também não pertence a organização mundial. Essa discriminação levou a que os países do Pacto de Varsóvia solidarizando-se com a RDA, decidissem não estar presentes. Resultado: ausência de diversos países entre os mais industrializados, o mais poluidores, se se quiser. Acordos sobre a conservação do meio ambiente no Báltico, por exemplo, não serão viáveis sem a presença da RDA, da URSS e da Polónia. Foi pois uma conferência coxa que começou. Mesmo assim, alguma coisa de útil pode vir desse encontro. Em primeiro lugar o facto de ele se realizar evidencia uma salutar preocupação a respeito da defesa do planeta. Mas, lamentàvelmente, os delegados pouco se pronunciaram sobre o mais agudo problema neste campo com que se debate o mundo: a poluição pela guerra. Olaf Palme, o primeiro-ministro sueco, porém, não esqueceu essa questão. Na verdade, terá algum sentido discutir, e até alvitrar, a limitação do progresso no «terceiro mundo», como forma de preservar o que ainda vai estando intacto na natureza, e, ao mesmo tempo, assistir impávido ao uso do napalm, dos desfolhantes, da guerra química em geral, exactamente contra países e regiões do «terceiro mundo». Há bem pouco tempo, as agências telegráficas revelaram números de tal modo impressionantes sobre a actividade militar americana no Vietname, que ninguém poderá honestamente falar de poluição sem se referir a essa destruição sistemática de uma parte do mundo. Assinar alguns acordos para preservar a existência das baleias no planeta tem algum interesse. Mas como combater a destruição do meio ambiente que é consequência da ânsia de lucro? Como falar na limitação da poluição quando num dos mais poderosos países do mundo o secretário do interior é demitido devido ao combate que levava a cabo contra as grandes companhias que utilizavam todos os meios para passar por cima das regras de preservação do ambiente? A poluição está ligada directamente à industrialização. É verdade. Mas as suas consequências tornam-se dramáticas quando essa industrialização é levada a cabo desordenadamente, tendo em vista unicamente os interesses dos empresários. Muito fácil é mostrar as consequências horríveis da poluição. Fácil também é apontar os números e delinear soluções técnicas para obviar o problema. Mas quando se tratar de começar a pensar-se em solucionar realmente a questão, em defender os homens de hoje e, sobretudo, os de amanhã, então ver-se-á que nada se poderá fazer sem tocar em interesses muito profundos. Limpar o ar, o mar e os rios não custa apenas dinheiro, muito dinheiro. Custa decisões que nem todos estarão dispostos a tomar, muito pelo contrário. Tal como nos romances policiais, convém averiguar (se é que não está sobejamente averiguado), e proclamar aos quatro ventos quem aproveita mais com a poluição. Lembro-me a propósito de uma frase do célebre filme «Um lugar na alta roda» «Smoke is money» (fumo é dinheiro).

Manifestantes protestam em Estocolmo contra a conferência do meio ambiente

DOMINGO

Terminou em Bruxelas a Assembleia da Opinião Pública para a Segurança e Cooperação Europeias. Durante quatro dias, delegados de todos os países europeus debateram livremente os caminhos que se deseja sejam trilhados por uma Europa que pertença verdadeiramente aos povos. A assembleia defendeu a participação de todos os estados do continente na Conferência dos Estados, a realizar provàvelmente no próximo ano, independentemente de regimes políticos e sistemas económicos. Representantes de opinião democrática portuguesa estiveram presentes e defenderam, contra alguma oposição, a participação de todos os estados, como forma de preparar o futuro de uma Europa livre e democrática.

Foi anunciado que a comissão permanente do episcopado espanhol se iria reunir para preparar uma nova conferência episcopal que possa unificar aqueles que se dividiram aquando da última conferência.

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

SEGUNDA-FEIRA

Os doze jurados que julgaram Angela Davis pronunciaram-se unânimemente pela absolvição da militante negra. Como Angela disse, tratou-se de uma vitória de todos aqueles que, no mundo inteiro, fizeram campanha a favor dela. Os jurados pronunciaram-se apenas sobre os factos. Por isso a absolveram, pois eles não a incriminavam. Contudo, talvez caiba perguntar se, caso o mundo se tivesse desinteressado, teria sido possível que o julgamento corresse com aquele clima de objectividade que o caracterizou. A acusação bem se esforçou por desviar as atenções para aspectos emocionais do caso Angela Davis. Não o conseguiu e acabou por fazer-se justiça, embora ninguém saiba como irá a negra Angela ser recompensada do tempo que passou na prisão.

TERÇA-FEIRA

Quatrocentos e dezessete mineiros morreram na mina rodesiana de Wankie. E mais um acidente deste género. Ele vem lembrar, mais uma vez, a precaridade das condições de trabalho daqueles que, debaixo da terra, diàriamente arrancam à rocha o calor que quantas vezes não têm em casa, a energia que fará rodar os dínamos das centrais eléctricas cujos benefícios não conhecem. Eram quase todos negros os mineiros que morreram asfixiados pelo grisu num país governado pelo sr. Smith.

Em Rabat, a OUA prepara a próxima «cimeira» da organização. O lema continua a ser o da descolonização.

QUARTA-FEIRA

George McGovern venceu num só dia quatro eleições primárias. Uma delas foi na Califórnia, o maior Estado da União americana. Será difícil detê-lo, reconhecem todos os observadores. Como consequência destas vitórias, o senador Muskie parece disposto a apoiar o candidato da paz. Em contrapartida, Humphrey, desesperado, recorre à extrema direita. A vitória de McGovern exemplifica aquilo que, à europeia, seria chamado uma viragem à esquerda no eleitorado americano. Se essa viragem é suficientemente grande para fazer perigar a posição de Nixon na Casa Branca continua a ser uma incógnita. À primeira vista, Nixon não corre perigo, mas McGovern já surpreendeu todo o mundo ao passar de obscuro candidato para favoritíssimo.

A França quase paralisou devido a uma greve ordenada pela CGT, a central sindical comunista. Para apoiar as reivindicações dos grevistas, mais de cem mil manifestantes marcharam pelas ruas de Paris.

QUINTA-FEIRA

A guerra aérea na Indochina atinge proporções cada vez mais graves. Mais de metade dos bombardeiros B-52 dos Estados Unidos estão em actividade naquela zona martirizada. Os telegramas das agências dizem que mais aviões estão já a ser encaminhados para esta guerra infindável. Entretanto, o príncipe Sihanouk, que vive em Pequim, afirmou que as autoridades chinesas não autorizavam a descarga de navios soviéticos nos seus portos, mesmo quando transportam material destinado ao Vietname do Norte. A informação parece estar em contradição com outras que diziam terem Moscovo e Pequim chegado a um «modus vivendi» para manter o fluxo de auxílio a Hanói.

Mobutu e Ngouabi tentam reconciliar Neto do MPLA e Roberto do GRPA. A diligência é fruto das pressões da comissão para a descolonização da OUA. Neto já se pronunciou favoràvelmente.

SEXTA-FEIRA

Henry Kissinger e John Connaly estão de viagem. O primeiro foi ao Japão explicar a posição americana face à China de Mao. O segundo anda pela América Latina. É possível que algum deles, ou mesmo os dois, se venha a encontrar com dirigentes de Hanói.

Na Austrália levantam-se protestos contra as anunciadas experiências nucleares francesas no Pacífico, as quais, segundo dizem os australianos, aumentarão o número de cancros na região. Como se sabe, a França e a China Popular são os dois países com armas nucleares que não assinaram o tratado que proíbe as explosões dessas armas na atmosfera.

Nixon dá as últimas instruções a Connally e Kissinger

EDIÇÕES COSMOS

APRESENTA AS SUAS COLECÇÕES

RUMOS DO MUNDO

GRANDES SÍNTESES DE HISTÓRIA UNIVERSAL

ÚLTIMO VOLUME PUBLICADO

O ISLAME E A SUA CIVILIZAÇÃO

Por ANDRÉ MIQUEL

A MARCHA DA HUMANIDADE

COLECÇÃO DE HISTÓRIA PERSPECTIVADA SOCIOLÒGICAMENTE

ÚLTIMO VOLUME PUBLICADO

LIVRE CÂMBIO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO: — PORTUGAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO DEZANOVE

Por MIRIAM HALPERN PEREIRA

STAND N.º 19

GRANDE CASINO PENINSULAR

FIGUEIRA DA FOZ

COMPLETAMENTE REMODELADO

ABERTO DESDE

1 DE JUNHO

MÁQUINAS P/ A INDÚSTRIA DE PLÁSTICOS

PRECISA-SE

Vendedor com conhecimento do ramo e técnica comercial. Resposta a este jornal ao n.º 571.

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

ELES VÃO ACHAR BARIL!

OPINIÃO

Um sujeitinho magro, esquálido, doentio, que a tevê brasileira celebrizou, para, logo depois excomungar, e que pelo seu esforço promocional virou figura de proa em sua profissão, vive **empolgado** de aristocracia. Ontem falava comigo, dizendo:

— **Acredite, é do sangue heraldico que me corre nas veias o meu gosto arquiducal pela música lírica.**

De facto, em sua casa há montes de albuns com as mais aperfeiçoadas gravações de todas as óperas dos mestres italianos, franceses e alemães. Conhece-as a todas. Possui as mais variadas interpretações. Podemos falar ao acaso em Zacconi, Tito Schipa, Chaliapine, Maria Barrientos ou a Callas, que logo ali estão a postos, prontos para descarregar o poder instrumental das suas cordas vocais. E ele:

— **Está no belo-canto a marca da minha aristocracia. O que não aceito é que você, uma pessoa educada, não compreenda o poder mágico e rendilhado do canto lídico. Acredite, a voz desses predestinados foi-lhes concedida por graça divina para encanto de testas coroadas. Sim, para quem escreveram elas as suas óperas, os grandes compositores? Para imperatrizes, rainhas. Majestades das cortes europeias. Ouvir essas óperas é reviver esses tempos, esses ambientes, o luxo, a grandeza, o êxtase, só possível em almas de eleição.**

E EU, SÓ PRA CHATEAR

— **Escuta aqui, mas esses nomes de que vocês abusam, lá no seu Belém do Pará natal, os Albuquerques, os Perestrelos, os Pamplonas, os Cavalcantis, acho eu que é tudo que lhes pode dar uma vaga ilusão de aristocracia. Diga a verdade, você não nasceu pobre?**

— **Culpa do meu bisavô que deserdou minha avó por ter escolhido, por amor, um homem de baixa extracção. Mas o sangue dos meus antepassados nobres corre nas minhas veias. Mas não me fale nessas coisas tristes, chega!**

E deixou-se cair sobre um vasto sofá numa atitude em harmonia com uma cópia de Rubens, pendurada por detrás dele, na parede.

E ELE; A MEIA-VOZ...

— **Sabe, ouvindo estas óperas, eu ouço-as em salões iluminados por candelabros, com lacaios de libré erguendo os respresteiros à minha passagem...**

— **Mas isso, agora, só é possível aqui, depois que o destino fez de você o mais discutido costureiro da granfinagem paulista...**

Sabe porque Porque a música, a ópera, criou em mim um sentido de ritmo, de linha pura, de elegância, num desejo ao mesmo tempo de graça e sofisticação. Eu visto uma mulher como Chopin escrevia um prelúdio. Como Mozart escreveria uma ária. A ópera, para mim, é a corte de Luis XIV

— **Compreendo...**

— **Uma das minhas avós em Lisboa ao lado da duquesa de Palmela, assistiu no Teatro de S. Carlos às Bodas de Figaro na noite de gala em que o Rei D. Carlos e a Rainha Dona Amélia, festejaram o próprio casamento. Tudo isto está nas minhas veias. E nas suas?**

— **Você nao pode acreditar. Eu aprendi a ouvir os Mozart, os Rossini, os Verdi...**

— **Onde?**

A REVELAÇÃO

— **Você vai ter um troço! Num circo. Sob uma enorme cúpula de zinco, cheia de goteiras, onde, na véspera tinham voado os mais célebres trapezistas do mundo, os palhaços como o Grock, ou os Fratellini, ou o Antonet, ou elefantes asiáticos, ou cavalos em alta-escola, ou chimpazés ciclistas...**

— **Que horror!**

— **Era o coliseu dos Recreios, aliàs a escola que frequentei com mais assiduidade...**

— **Mas a ópera num circo? Desceu então a tanto?**

— **O Coliseu era a democracia. O público comia sanduiches, bebia cerveja, gritava tá na hora. Por fim apagavam-se as luzes. O maestro erguia a batuta. E dava-se o milagre. Irrompia clamorosa a Aida, ou era a Carmen que acabava vítima dos seus próprios sortilégios, ou o Scarpia caindo, apunhalado, no chão do palco. Ou então a Manon** onde os terrores eram obrigados a repetir três vezes aquele negócio de **La donna é mobile...**

— **Que horror! Mas para que público?**

— **Para Lisboa. Por cinco tostões, compreende? Sim, para o povo que enchia a geral, circular moldura em anfiteatro, onde na obscuridade enevoada nós víamos, em enxame, o intermitente vago lume dos cigarros devorados com emoção. Foi assim, entre gentinha, como você costuma dizer, que eu conheci as óperas que na sua opinião são aristocratizantes. E depois, à saída, entre gritos e assobios, estávamos no quotidiano urbano das Portas de Santo Antão. Era a minha Lisboa!**

E LÁ FUI...

Pronto. Aqui estou eu em Lisboa. Discutindo e dizendo mal da ópera. Defronte do Coliseu bebia-se felizmente uma boa ginginha. Não importava que chovesse, ou que brumas de prata pintassem melhores cenários que os de **Rigoleto,** no mistério da noite. O que nos agradava, agora, a mim e ao Zé Gomes, meu companheiro, era ir à toa, pelas ruas escuras, repisando novos monólogos interiores. Pelo arco da rua Augusta já vinha um cheiro a maresia. E lá íamos até à beira do Tejo. Fragatas oscilando ritmadamente. Breves reflexos vermelhos floresciam, aqui e ali, na lâmina das ondas. Um manto de névoa cobria a nudez argêntea das estrelas. E ali ficávamos. Onde vais, meu jeito de sonhar?

AGORA; EM CASA

Pois é, leitor. O tempo passa. Eu chegara de São Paulo. E estava aqui em casa escrevendo o que fica acima quando me trouxeram, da rua Fernando Mendes, três ou quatro pacotes recém-chegados de Lisboa. Abro um, sem escolher. Trata-se do sexto volume da **Obra Poética** de Armindo Rodrigues, a que me referira recentemente nestas

colunas, a propósito do volume anterior (o 5.º) quando escrevera, contestando não lembro quem, que o autor não era o **poeta do amor,** mas o poeta **de um só amor.** Reconheço aqui o meu erro, que só tem desculpa porque vivo longe. Afinal, não é o poeta de um só amor. Neste sexto volume ele canta, especialmente, outros dois amores: — o de Lisboa e o do Tejo. Ora, como deles meu coração compartilha há muito (e disso sabe de sobra o leitor) logo comecei a folhear o volume. E não é que ao chegar à **Ode IV ao Tejo,** onde se diz mais adiante: «**Só vadios e poetas te queremos/meu Tejo antigo eternamente novo**», lá está, em cinco versos, a repetição comovedora da cena que acabara de recordar?

Ora ouçam Armindo Rodrigues:

«Estou no último declive do cais.
O José Gomes estaca ao cimo, atento,
Esqueço-me do que sou por um momento,
Meu pensamento, a que distância vais?
Que fumos são os teus, meu pensamento?»

Francamente, não sei como isto justificar, a não ser parafraseando Pessoa:

«Malhas que Lisboa tece»

CORTE

Súbito, interrompe o leitor: — Ora, direis, falar de poetas. Não estava má aquela conversa com o costureiro...

Mas não, leitor. **Ele desligou-se.** E na penumbra do salão, exausto, ensimesmado, (ele gosta de se dizer ensimesmado) mergulhou naquela ópera que vocês por certo conhecem **O pescador de pérolas...**

CONVERSA FINAL; ATENÇÃO POETAS!

Desculpem, mas agora vou falar de outros pescadores de pérolas, e peço para eles o respeito de vocês. Refiro-me ao casal E. M. de Melo e Castro e Maria Alberta Meneres. Conhecem? Muitos sei que sim. São os criadores da ANTOLOGIA DA NOVÍSSIMA POESIA PORTUGUESA, de que saiu em 1961, a 1.ª edição, em 1966 a segunda, e a terceira, recebida agora, revista, actualizada e aumentada, num monumental volume de cerca de novecentas páginas. Sim, leitora, neste trabalho, de formação porque não dizer didáctica, estão recolhidas obras de sessenta e três poetas, seleccionadas quatrocentas e sessenta e sete poesias, retiradas de duzentos e dezasseis livros. E trata-se apenas de POESIA NOVÍSSIMA.

Lembremos a contemporânea, — isto é, daqueles que já publicavam as suas obras antes de 1945, e vejam até onde vai a multiplicidade conscierite da poesia portuguesa. Ainda há pouco eu escrevera neste nosso **Diário de Lisboa:** Por mim eu entendo que Portugal existe precisamente porque não tem poetas. E o que nos salva. Desculpem, mas se não fosse Luis de Camões, Portugal seria diferente. Não há nada que mais transcenda da História do povo português do que a metafísica de todos os seus poetas. Porque são eles que explicam Portugal no bem e no mal. Sem eles, o que saberíamos nós acerca de nós?

Ora esta **Antologia** vem demonstrar como a poesia consegue transfigurar, embora em vivências opostas, sentimentos, esperanças, sarcasmos,ódio, amor, raiva, lágrimas e risos, sem esquecer, como eu disse então, essa pequenina **edelweiss** portuguesa que se chama liberdade. (Repito, porque da primeira vez fui aplaudido).

Mas, a sério: — Aqui temos, então, sessenta e três poetas. Muitos deles eu já conhecia. Não cito nomes, para não encher a página. Há ainda uma coisa que me envaidece. **Vinte,** entre eles, são como eu, nascidos em Lisboa. Fiz uma experiência, coloquei o ouvido durante cinco minutos sobre a capa desta **Antologia** e juro a vocês que escudei Portugal.

Mas uma coisa quero dizer a Maria Alberta e a Melo e Castro. Tenho aqui em casa volumes de alguns poetas que só por inadvertência foram esquecidos. Por mim, não há só sessenta e três. Há mais. E então o esforço do Araújo Moreira? E o Rui Cinatti? E o Madeira Santos? E Torquato da Luz? E José Carlos de Vasconcelos? E Eusébio C. Martins que escreveu com lágrimas **Palavras de sangue no dia 25 de Janeiro de 1969?** E Alberto Pimenta, autor de **Entes e Contraentes,** de quem foi esquecida **La Belle Marinière? E outros mais que o meu Diário de Lisboa** fez chegar às minhas mãos através do Atlântico...

Copacabana, fins de Maio de 72

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, ao, 908, G.B. BRASIL

VIAGENS 1972

VIAGEM AO JAPÃO

V CONGRESSO MUNDIAL DE ANESTESIOLOGIA
11/9 a 6/10

TOURS INGLATERRA
Londres

Londres — Edimburgo
Inglaterra — Escócia
Grande Tour da Grã-Bretanha

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA
DESCUBRA A HOLANDA
SONHO DO JAPÃO
— 4 partidas

TRANSNAUTICA
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
LISBOA
Rua Duque de Palmela, 35-37
PORTO
Rua de Júlio Dinis, 739

(Peça-nos programas especiais)

ÀS GRANDES EMPRESAS

VENDO TERRENO E ARMAZÉNS

Com projecto aprovado e pronto a construir um bloco c/ 23 habitações independentes e grandes armazéns. Situação: Queluz de Baixo, c/ lindas vistas sobre o Tejo e a 10 m. de Lisboa. Respostas ao Apartado 1421, Lisboa - 1.

AVISO

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Os Escritórios desta Companhia encontram-se encerrados desde as 18 horas, do dia 9, sexta-feira, só reabrindo na próxima quarta-feira, dia 14, às 9 horas.

Por este motivo previnem-se os Ex.mos Consumidores de que será alterado o calendário das visitas dos nossos Cobradores-Leitores, passando as mesmas a serem efectuadas no dia útil imediato àquele que indicamos nos horários, com excepção dos sábados em que não serão realizadas.

Caixa Nacional de Pensões

AVISO

Beneficiários que deixaram de contribuir obrigatòriamente para as caixas de previdência

De harmonia com a Portaria n.º 522/71, de 27 de Setembro, poderá ser requerida, até 30 de Junho de 1972, a continuação voluntária do pagamento de contribuições para o conjunto das modalidades de invalidez, velhice e morte, incluindo pensões de sobrevivência, com a faculdade de extensão às de doença e maternidade no caso de haverem sido abrangidos pelo seguro de doença na situação de contribuição obrigatória, pelos beneficiários que contem, pelo menos, um ano de inscrição e seis meses de contribuição e tenham deixado de ser abrangidos obrigatòriamente pelas instituições de previdência, independentemente da data em que aquele facto ocorreu.

Os beneficiários interessados poderão dirigir-se à Caixa Nacional de Pensões, sita na Avenida da República, n.º 98, r/c., esq.º, Lisboa ou à sua Delegação no Porto, na Rua de Santo Ildefonso, n.º 245, a fim de lhes serem prestados os necessários esclarecimentos.

A DIRECÇÃO

MÚSICA JOVEM

Para alem dos «cronicos», alegramo-nos por ver na lista dos «dez mais» de Lisboa o LP «Cosmonauta», do óptimo agrupamento espanhol «Aguaviva», «Shaft», de Isaac Hayes e alguns outros titulos que são prova de um certo bom gosto, embora misturados com outros que, de bom gosto... E o que e facto é que os gostos discutem-se mesmo!

10

1	«How do you do» (-) Mouth and Mac Neal	6	«20 Anos» (-) Patxie Andion
2	«Because I love you» (-) Majority One	7	«Middle» (-) Pink Floyd
3	«Alone Again» (-) Gilbert O'Sullivan	8	«How do you do» (1) Cat and Sulivan
4	«Without You» (3) Nilsson	9	«Cosmonauta» (-) Aguaviva
5	«Rocket Man» (4) Elton John	10	«Andam bairros de mão dada» (-) Lídia Ribeiro

Consultadas as seguintes discotecas: Canasta, Sassetti, Universal e Valentim de Carvalho.

Os "mais" das etiquetas

De novo José Afonso como o mais vendido pela etiqueta Orfeu (Arnaldo Trindade). A qualidade, segundo se afirma, começa a conquistar muito público.

Alvorada	O SEGREDO QUE EU TE DISSE Maria Valejo	MOTHER REUNION Paul Simon
Arnaldo Trindade	CANTIGAS DE MAIO José Afonso	TELEGRAM SAM T. Rex
Estúdio	O PRIMEIRO AMOR Maria da Fé	
Grande Feira do Disco	AMOR DE PAI Helena Santos	SOMEDY NEVER COMES Creedence Clearwater Revival
Movieplay	SÃO HORAS MENINOS Família Pituxa	SUPER STAR
Phonogram	(LP) JOÃO BRAGA-ANTONIO CALEM	HOW DO YOU DO Mouth and Mac Neal
Rapsódia	AS POMBAS BRANCAS António Brigue	COMME LES VIOLES Peppino Gagliardi
RCA	ORA BATE BATE Teresa Tarouca	WITHOUT YOU Nilsson
RR	O MEU SOLDADINHO Maria Armanda	COROS DO EXÉRCITO RUSSO (LP)
Tecla	A BORDO DA FRAGATA REAL (LP)	ZIBE-BRATIONS (quadrifónico) Boby Christian
Sasseti	PAÍS DE CRAVOS PAÍS DE CARDOS Elisa	ABERTURA 1812 Tchaikowsky
Valentim de Carvalho	VIM DE LONGE Paco Bandeira	QUE BONITA PRIMAVERA Dany Daniel
Zip	PEDRO SÓ Manuel Freire	MAMINA Dalida

NO ESTRANGEIRO

O categorizado conjunto britânico «Move» apareceu esta semana nos dez mais de Londres com um novo disco intitulado California Man. Contudo, a tabela de classificação contínua a ser comandada por T. Rex, com Metal Guru.

O astro americano da canção Don McLean subiu cinco lugares passando para o quarto, com Vincent, uma balada que ele próprio escreveu, baseada na vida do pintor Van Gogh.

Em Nova Iorque, o famoso homem-espectáculo Sammy Davis Junior, um veterano, ocupou sensacionalmente a posição cimeira com uma canção com o título Candy Man, destronando Oh Girl dos Chi-Lites.

Neil Diamond e o conuunto Fifth Dimension aparecem agora com novos discos nessa tabela.

Em Bona, Juliane Werdind consegue esta semana a distinção de ocupar o lugar cimeiro pela décima semana consecutiva com The Day Conny Kramer Died.

O êxito americano The First Time Ever I Saw Your Face, cantado por Roberta Flack, sobe firmemente na tabela de Hong-Kong e está agora em sexto lugar.

A seguir, os Top-Ten, da semana em centros mundiais escolhidos com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1. (1) Metal Huru: T. Rex
2. (2) Rocket Man: Elton John
3. (5) At the Club: Drifters
4. (9) Vincent: Don McLean
5. (4) Oh Babe What Would You Say: Hurricane Smith
6. (3) Could it be Forever: David Cassidy
7. (10) Lady Eleanor: Lindisfarne
8. (1) Califórnia Man: Move
9. (-) Isn't Life Strange: Moody Blues
10 (8) A Thing Called Love: Johnny Cash

NOVA YORK

1. (2) *Candy Man: Sammy Davis Jr.*
2. (1) *Oh Girl: Chi-Lites*
3. (4) *Sylvia's Mother: Dr. Hook And Medicine Show*
4. (7) *Nice To Be With You: Gallery*
5. (5) *Little Bitty Pretty One: Jackson Five*
6. (6) *I'll Take You There: Staple Singers*
7. (8) *Walkin' In The Rain With The One I Love: Love Unlimited*
8. (-) *Song Song Blue: Neil Diamond*
9. (-) *I Din't Get to Sleep at all: Fifth Dimension*
10. (1) *Tumbling Dice: Rolling Stones.*

portas
Valdorem
Ap. 76 Tomar · Portugal

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Franco, r. Cor. Soeiro de Brito, 30-CALDAS RAINHA

AMESTERDÃO

1. (1) Hello-A: Mouth and McNeal
2. (3) Let's Dance: Cats
3. (2) Memories: Earth and Fire
4. (4) Song Sung Blue: Neil Diamond
5. (8) Meisjes Met Rode Haren: Arne Jansen
6. (10) Matrimony: Gilbert O'Sullivan
7. (6) Everybody Join Hands: Debbie
8. (-) Tack Me Back 'Home: Slade
9. (9) Sylvia: Dr. Hook and Medicine Show
10. (5) Buddy Joe: Golden Earring.

ESTOCOLMO

1. (1) *En Saang om Frihet (a Song of Freedom): Sven-Bertil Taube*
2. (2) *Beg, Steal or Borrow: New Seekers*
3. (5) *Down By the Lazy River: Osmonds*
4. (6) *Matrimony: Gilbert O'Sullivan*
5. (7) *Aenglamark (Holy Ground): Sven. Bertil Taube*
6. (4) *Son of My Father: Chicory Tip*
7. (8) *You've Got a Friend: Carol King*
8. (-) *Tumbling Dice: Rolling Stones*
9. (3) *Aprés Toi (After You): Vicky Leandros*
10 (1) *Iron Horse: Christie.*

HONG- KONG

1. (1) Too Beautiful To Last: Engelbert Humperdink
2. (5) Inkpot: Shocking Blue
3. (2) Jesus/Mr. Cloud: Cliff Richard
4. (3) Heart of Gold: Neil Young.
5. (4) A Horse With No Name: América
6. (10) The First Time Ever I Saw Your Face: Roberta Flack
7. (7) Beg, Steal Or Borrow: The New Seekers
8. (6) Puppy Love: Donny Osmond
9. (-) Morning Has Broken: Cat Stevens
10. (9) Juanita: Dawn.

BONA

1. (1) *Am Tag Als Conny Kramer Starb (The Day Conny Kramer Died): Juliane Werding.*
2. (3) *Es Faehrt Ein Zug NachNirgendwo (There's a Train Running to Nowhere): Christian Anders*
3. (2) *Poppa Joe: Sweet*
4. (5) *Beg, Steal or Borrow: New Seekers*
5. (4) *Samson and Delilah: Middle of the Road*
6. (6) *How Do You Do: Windows*
7. (9) *American Pie: Don McLean*
8. (7) *Heart of Gold: Neil Young*
9. (8) *One Way Wind: Cats*
10. (10) *Never Before: Middle of the Road.*

ELISA

Elisa continua a não aparecer no «top» de Lisboa, apesar de um disco que, não sendo um espanto, até está bem feito e consegue mostrar as excelentes qualidades vocais da intérprete. Qual a razão?

LISBOA

OS 10 MAIS

Para além dos «crónicos», alegramo-nos por ver na lista dos «dez mais» de Lisboa o LP «Cosmonauta», do óptimo agrupamento espanhol «Aguaviva», «Shaft», de Isaac Hayes e alguns outros títulos que são prova de um certo bom gosto, embora misturados com outros que, de bom gosto... É o que é lícito é que os gostos discutem-se mesmo!

1	«How do you do»	6	«20 anos»
2	«Because I like you»	7	«Mundo»
3	«Amor Amor»	8	«How do you do»
4		9	
5		10	

Consultadas as seguintes discotecas: Canasta, Sassetti, Universal e Valentim de Carvalho.

Do novo José Afonso como o mais vendido pela etiqueta Orfeu (Arnal da Trindade). A qualidade, segundo se afirma, começa a conquistar muito público.

NO ESTRANGEIRO

DL/DOMINICAL ESPECTÁCULOS

TERESA, TONICHA E PAULO NO CAMPEONATO DA EUROPA

Realiza-se de 7 a 12 do próximo mês de Julho o Festival de Knokke (Bélgica), no qual Portugal participa, para competir, pela primeira vez. Trata-se da 14.ª Taça da Europa de Intérpretes na qual, como noticiámos participam a representações de Portugal, *Tonicha, Teresa Silva Carvalho e Paulo de Carvalho.*

Recentemente chegados de Madrid, Paulo e Tonicha estão já a preparar-se activamente para o certame, no qual terão de cantar duas canções cada. O mesmo se passa com Teresa Silva Carvalho que, depois do seu último disco, no qual ressalta a composição «Adagio», de Albinoni (para a qual José Carlos Ary dos Santos construiu uma letra), ganhou uma posição de relevo no meio artístico nacional e se prepara para «atacar» o mercado internacional. Os três artistas têm trabalhado em conjunto, sob a direcção de Thilo Krassman, orquestrador das composições que qualquer deles vai interpretar. Segundo o que apurámos, os trabalhos têm estado a decorrer òptimamente e tudo se conjuga para que a representação portuguesa alcance uma posição francamente boa, pese embora o facto de ter que se defrontar com profissionais de vários países da Europa, também constituídos em equipa, num total de oito equipas (nove com a de Portugal): Alemanha Federal, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escandinávia (Dinamarca, Suécia Finlândia) e Roménia.

E a primeira vez que Portugal participa na competição pròpriamente dita. Nos anos anteriores a participação portuguesa tinha-se limitado a uma presença de observador, mantendo-se um representante da RTP como elemento do júri (o dr. António Bivar).

E já que falámos do júri, convém dizer que se compõe de vários elementos representativos dos diversos países europeus, elementos esses considerados como especialistas no género «variedades».

Informam-nos da etiqueta para a qual gravam os três artistas que constituem a representação portuguesa, que os trabalhos têm decorrido òptimamente e que reina a maior boa disposição entre todos os elementos da equipa. Qualquer dos participantes portugueses está, aliás, bastante confiante numa representação condigna e, para além disso, moralizado com os discos de gravação mais recente. Já falámos do de Teresa Silva Carvalho. Falemos, agora, dos que gravaram a Tonicha e o Paulo.

Tonicha e Paulo de Carvalho estiveram em Madrid há pouco tempo (precisamente na semana passada). O objectivo era gravar. Durante alguns dias os famosos estúdios Cellada, da capital espanhola, estiveram ocupados com os dois artistas portugueses e, ainda, com o João Henrique, a «mais recente aquisição». A seu tempo falaremos do disco deste último.

Tonicha, Teresa Silva Carvalho e Paulo

Tonicha foi gravar Patxi Andión. A importância deste acontecimento dispensa qualquer comentário. Patxi é um dos nomes mais importantes da jovem música espanhola e a sua popularidade cresce de dia para dia (ainda bem!). Paulo de Carvalho gravou uma composição que faz parte da música do filme de António Pedro de Vasconcelos «Perdido Por Cem...» (letra de António Pedro de Vasconcelos e música de Paulo Gil) e uma face «B» com uma composição de Caetano Veloso. Qualquer dos discos, segundo nos informam, está «fora de série». Natural será, portanto, que qualquer deles esteja satisfeito com o trabalho realizado.

Como toda a gente sabe, um incentivo é sempre uma coisa imprescindível quando se trata de pôr à prova as qualidades de cada um. Parece, portanto, que qualquer dos artistas que constituem a representação portuguesa que estará presente no «Campeonato da Europa de Intérpretes» está confiante. Oxalá tudo corra bem.

NO MUNDO DO CINEMA

Enquanto a revista italiana «Eva Express» anuncia estar para breve o casamento da actriz Catherine Spaak com o cançonetista e actor italiano Johnny Dorelli, Nathalie Wood adquire os direitos cinematográficos de «Eu nunca te prometi um mar de rosas» e afirma peremptòriamente tencionar, ela própria dirigir as filmagens da película, cujo argumento tem a assinatura de Stewart Stern. Por outras palavras: enquanto Catherine Spaak procura a realização no casamento, Nathalie dedica-se à realização cinematográfica. Enfim, os vários caminhos para a realização...

A notícia até podia ser interpretada de outra... Expliquemo-nos: Geraldine Chaplin vai ser perseguida por vários homens, mas apenas no próximo filme de Carlos Saura, intitulado «Ana e os Lobos».

Catherine

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS PREÇO

Colecção Autores Portugueses
UMA PINGA DE CHUVA
de Antunes da Silva
Esc. 40S00

Colecção Cacto
O CAÇADOR DE NADA
de Pedro Alvim
Esc. 35S00

Biblioteca Popular
LEI DE IMPRENSA, LIBERDADE DE IMPRENSA
de Dr. José Carlos de Vasconcelos
Esc. 25S00

LABIRINTO MONETÁRIO
Henry Claud e outros
Esc. 25S00

Colecção Documentos
PROBLEMAS IDEOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS
Vários
Esc. 20S00

Colecção
CENA ACTUAL

À venda no Stand n.º 52
da FEIRA DO LIVRO

MADEIRA TRANQUILA
7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARÁ
Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro
Estadias em Hotéis e Residências de 1.ª classe.
Máximo conforto.
PREÇOS DESDE
2.740.00
(Casal, por pessoa)
Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço.
Pague suavemente com o CREDI-STAR
Peça-nos informações detalhadas, e não perca muito tempo até decidir a sua inscrição.
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

Pagar-se-ão a si próprios
Kienzle ARGO
Quando instalar tacógrafos Kienzle nas viaturas da sua frota poderá controlá-las rigorosamente do seu gabinete.
Os diagramas fornecer-lhe-ão, entre outras, as seguintes indicações:
● Tempos de marcha e de paragem
● Velocidades atingidas
● Forma de conduzir dos motoristas.
Envie-nos o talão e receberá informação detalhada sobre as vantagens dos tacógrafos «Kienzle»
Firma
Título
Nome
Morada
Localidade
Soc. Lubrificantes Ingleses, Lda.
Av. Praia da Vitória, 73-A
Lisboa
Telef. 53 25 74
SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA. – Av. Praia da Vitória, 73-A – Telef. 53 25 74 – Lisboa

MELHOR SOM MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

SOM «POP» NO ARRAIAL

Leopoldo Nunes, camarada de jornalismo e presidente da Comissão Municipal de Turismo de Lisboa, substituíu o **«Cá vai Lisboa / com a saia cor do mar»** pelas músicas inglesa, italiana, norte-americana, etc. Claro que nada tenho contra a música (até gosto), seja ela portuguesa, seja ela estrangeira. Acontece é que, não sendo a favor nem contra as extintas marchas (a grande noite de Lisboa era, até 1970, a de 12 de Junho), tenho qualquer coisa a dizer acerca dos arraiais.

Uma destas noites de calor levou-me até à Mouraria, mais pròpriamente ao Largo de Martim Moniz, onde, para não roubar muito espaço (suponho) ao parque automóvel, se ergueu este ano um mini arraial verdadeiramente insuficiente para conter a avalanche de público que ali acorre.

Ao meio, entre barracas de rifas, de sardinhas assadas, de fado e de vinho tinto, levanta-se, como é da praxe, um coreto. Sobre o mesmo, um conjunto «pop» lança aos ares os sons berrantes da «atraiçoada» música moderna mais em voga lá por fora. Não vão muito mal os rapazes e não sei se estariam deslocados em qualquer «bôite» cosmopolita destinada ao consumo turístico. Mas ali, no Largo de Martim Moniz, para festejar os santos populares... bem, não tenho por dama a defender a música portuguesa; entendo, no entanto, que talvez fosse mais adequada ao ambiente. Pelo menos no meio da estrangeira, para desenjoar.

TORQUATO DA LUZ

IGREJAS E TEATROS

Persiste o problema dos subsídios em toda a linha do teatro amador. Os grupos constituídos, ou a constituir, não têm, para dizer a verdade, economia e técnica suficientes para se organizarem devidamente e fazerem o teatro que se quer, nos locais que o desejam.

Equacionado o problema ao nível de Lisboa, o que podemos verificar? Alguns dos grupos que fazem teatro têm os recursos económicos, garantidos, pois trata-se de grupos que levam o nome duma empresa agarrada ao do teatro, e a pubilicidade paga tudo. Mas outros conjuntos empenhados em fazer teatro existem que não têm qualquer apoio e muitas das vezes nem sala.

A Câmara de Lisboa tomou finalmente uma decisão: Igrejas Caeiro é quem trata de tudo. Chegado que seja aos seus ouvidos o rumor de que há um conjunto de teatro amador ele aí vai, contacta, diz o que pensa o município do caso e pronto. Algum dinheiro talvez já exista daí em diante.

O que não sabemos, e não se trata de qualquer desconfiança em relação a pessoas, é como chegam as notícias de que há mais quem esteja interessado em receber donativos. Porque é muito importante saber por que portas e travessas chega ao conhecimento de Igrejas o que se passa nesse mundo (sub-mundo).

Igrejas e Teatro?

ROGÉRIO VIDIGAL

O QUE HÁ PARA VER

Pese embora a proximidade do Verão, as estreias teatrais e cinematográficas sucedem-se a um ritmo invulgar para a época. De Jean-Luc Godard, por exemplo, Lisboa pode ver, presentemente, duas obras que, não sendo embora essenciais para o conhecimento daquele cineasta, aumentam pelo menos a expectativa do público português, geralmente tão distante das propostas polémicas do cinema mundial. No Satélite, entretanto, em sessões nocturnas, continuam a ser exibidos dois filmes de um dos maiores realizadores franceses de todos os tempos: Jean Renoir, com «Passeio ao Campo» e «A Regra do Jogo». Por outro lado, no Monumental, a excepcional banda sonora de «Shaft» que valeu recentemente um Óscar a Isaac Hayes, suscita uma certa atenção ao filme

Solnado, Florbela, Morgado, Irene, José de Castro: «P'ra frente, Lisboa».

QUEM DESTRÓI O QUÊ?

Em alguns sectores adoptou-se a seguinte divisa: «Diz-me o que pensas de Vasco Morgado, dir-te-ei quem és». O que eu penso do Vasco Morgado tem uma importância relativa. Ou até, talvez, não tenha a menor importância. Poderia aceitar a tese de que Vasco Morgado está integrado no «sistema» e que, portanto, deve ser combatido. Mas isto é ridículo. Fundamentalmente, Vasco Morgado é um homem do negócio teatral num contexto que independe das boas intenções. Depois de ter dilapidado a sua fortuna pessoal, passou a mobilizar investimentos alheios e tem, evidentemente, que defendê-los. Há espectáculos cuja montagem absorve somas superiores a dois mil contos. O jogo é extremamente perigoso e arriscado, releva de um incerto equilíbrio nas rendas globais dos vários teatros de que este empresário dispõe. O bom, o mediocre e o péssimo coexistem regularmente nos cartazes. Infelizmente, às vezes é exactamente o péssimo que funciona. Peças como «Uma Cama Para Toda a Gente» e «Querida Mamã» podem salvar financeiramente uma temporada. Li uma vez que Vasco Morgado criou e condicionou um determinado público e agora não sabe como livrar-se dele. Não é verdade: há um determinado público que condicionou Vasco Morgado, que lhe deu lições bastante caras. A certa altura, Vasco Morgado tinha razões para fazer o que fez Igrejas Caeiro: retirar-se e ir tratar de negócios mais tranquilos. Mas preferiu ficar. O teatro passou a ser a razão da sua vida, não saberia viver fora dele. Comete erros? Ah, sim, sem dúvida. Erros crassos, às vezes inacreditáveis. Nele uma certa esperteza e uma extraordinária capacidade de acção correm a par de uma ingenuidade quase primária. Esta combinação explica muita coisa. Explica até mesmo a sua admiração por aqueles que juntam a esperteza à inteligência cultivada. Está sempre pronto a ser enganado com belas palavras, apesar da sua desconfiança miúda. Está sempre pronto a repetir os velhos processos, a reincidir no aventureirismo de um jogador de roleta, a apoiar-se na desorganização como meio de sobrevivência. Mas simplesmente tentar destruir-lo não resolve nada neste momento. Porque as culpas são de todos a todos os níveis, até de certos actores que gozam de prestígio intelectual e frequentemente se revelam profissionais irresponsáveis, desertando da cena quando as peças estão em pleno sucesso, criando toda a sorte de problemas por causa do nome no cartaz ou de rivalidades mesquinhas nos bastidores. Agora mesmo estou sabendo do caso de uma actriz que se recusou a continuar numa peça porque uma sua colega, de que não gosta, foi contratada pela empresa para um outro espectáculo. E os episódios desta natureza são o pão nosso de cada dia. Não há muito, acumularam-se as dificuldades para a constituição do elenco de «O Tartufo» porque dois ou três actores muito conhecidos recusavam-se a trabalhar com José Gamboa. Quando ouço falar em «destruir Vasco Morgado» e vejo actores invocarem a luta contra o «sistema» como pretexto para retiradas cujas motivações são bem pouco nobres, resta-me lamentar que a posição ideológica, actualmente, sirva para tudo, até para passa-culpas de condutas arrogantes ou simplesmente oportunistas.

ARMINDO BLANCO

vem alterar no terreno limitado do «policial». Enquanto isso anuncia-se para breve, numa das salas de arte e ensaio da capital, a reposição de «Citizen Kane», realizado há mais de 20 anos por Orson Welles, e que a «Sight and Sound», com algum exagero, não hesitou em considerar como «a obra mais importante da história do cinema.» Bem vistas as coisas até o arrojo da afirmação justifica plenamente uma cuidadosa leitura da obra. Tanto mais que Welles esteve, não há muito tempo ainda, no Estúdio 444, com «O Processo.»

Paralelamente, aguarda-se a estreia de «Perdido por Cem Perdido por Mil» de António Pedro de Vasconcelos e de «O Mal Amado», de Fernando Matos Silva, cujas filmagens foram recentemente concluídas. Portanto: dois filmes esperados com natural curiosidade, já que a primeira vaga de estreias foi, em termos de trabalho futuro, francamente encorajadora.

Mas, como nem só de cinema vive a cidade (e o país) oportuno será falar ainda do que, no capítulo do teatro, merece neste momento a nossa atenção. A palavra de ordem neste fim de temporada é dada, significativamente, pelo teatro amador que, na Madre Deus e no Atlético de Campolide, se encontra dignificado com o «Auto do Curandeiro» de António Aleixo, e com o «D. Quixote», de António José da Silva, respectivamente: dois espectáculos simples e directos que pretendem demonstrar, neste momento, em Portugal, a viabilidade de um teatro popular que possa ser visto e entendido fora do circuito minoritário das grandes salas de espectáculos. Nesse aspecto, merece também o nosso aplauso o trabalho desenvolvido por Fernanda Lapa na Casa da Comédia com «Deseja-se Mulher», onde a linguagem de Almada Negreiros nos surge reiventada e liberta (através duma inteligente leitura) de certas fragilidades que a marcavam.

Há relativamente pouco tempo, um teórico escrevia que o espectáculo repete a vida nos seus traços essenciais. Nós pomos as nossas dúvidas: o ritmo das estreias e a criação de novos espectáculos, na realidade, não têm nada a ver com o marasmo que caracteriza outros sectores. Ou será que uma coisa explica a outra?

JOSÉ JORGE LETRIA

HORA DE FANTOCHES

Dizia-me há pouco tempo um amigo, prafraseando não sei quem, que a verdadeira grandeza dum povo transparece em absoluto na perenidade das suas instituições culturais. Isto a propósito duma longa conversa, em que eu era acusada dum divórcio, quase completo, de tudo o que entre nós significa espectáculo. E verdade sim. Nem teatro, nem cinema, nem concertos, nem ballet. Não há razão. Mas há divórcio Sem premeditações.

Aconteceu, entretanto que, há dias, assisti deliciada a um verdadeiro espectáculo. Daqueles de encherem a alma e o olhar, capazes de nos incendiarem por dentro, de nos conduzirem num repente ao riso que esqueceramos e que ninguém nos impõe. Foi num largo de Feira. A São Pedro de Sintra. Uma tenda desbotada e rota, dois fantoches e a voz de falsete de quem os animava. À roda crianças, olhar suspenso, boca de sorriso espontâneo. Nenhuma delas buscava o porquê da história, até porque ela não existia... Dois fantoches toscos, de madeira pintada, uma colher de pau para a mímica e frases correntes, daquelas que eles entendem e ouvem no dia a dia. Espectáculo primitivo que transbordava para a assistência numa torrente de gargalhadas, a que os adultos aderiam.

Fiquei-me por ali. Sem tempo. Pensei depois.

O herói cómico estava naquela barraca de fantocheiro. A lutar contra o determinismo e o automatismo. Dum lado o mundo da liberdade e da infância onde cada um reinava nos seus próprios sonhos. Do outro o mundo da servidão consentida, da prisão tornada social pelo hábito. O riso é afinal o baptismo da linha que faz passar de um para o outro lado.

MARIA AURORA

TURISTA NO APOLO 70

Inteiramente de acordo com o leitor que escreveu reclamando contra a nota de Nuno Gomes dos Santos sôbre «Tacking Off»: o filme de Milos Forman não é só demagógico, é superficial e reflecte cruel desprezo pelos que se recusam, a ficar à margem e tentam obter a sua fatia no mercado dos sonhos. Forman acertou no vinte quando se inspirou na Checoslováquia («Os Amores de uma Loira»), mas nos Estados Unidos não passou de um turista com uma máquina de filmar a tiracolo. Só queria saber o que andou o Jean-Claude Carrière, colaborador habitual de Buñuel, a fazer nesta burundanga.

SANTIAGO CASAL

Cosec·dinheiro na rota da segurança

«Oh! Grandes e gravíssimos perigos
Oh! Caminho da vida nunca certo
. . . . . .
No mar, tanta tormenta e tanto dano
. . . . . .
Na terra tanta guerra, tanto engano.»

Luís de Camões, Lusíadas, Canto I

O seu a seu dono. Defender o fruto da sua iniciativa, do seu trabalho, do seu esforço, não é mais do que um acto de inteligência.
No tempo de hoje, negociar já não é arriscar.
A ousadia pertence ao presente. A segurança pertence ao futuro.
Existimos para defender os créditos da sua Empresa.
Não os deixaremos ficar por mãos alheias.
Dependam eles do seu comércio interno ou externo.
Sejam de curto, médio ou longo prazo.
Possam afectá-los riscos comerciais, políticos ou extraordinários.
Existimos para garantir ao seu dinheiro a rota da bem-merecida segurança!

COSEC COMPANHIA DE SEGURO DE CRÉDITOS, S.A.R.L.

Única no ramo em Portugal
Av. de Berna, 24 – Tel. 760131 – Telex 1885 COSEC-P – Lisboa-1

A CONFISSÃO DE ALTMANN-BARBIE

VI- A CAPTURA DE JEAN MOULIN

Klaus Altmann evoca todos os acontecimentos de memória. Durante toda a sua narrativa, não consultou um único documento. É certo que, por mais de uma vez, hesitou numa ou noutra data. Esqueceu-se totalmente de alguns nomes. Foi só no fim dos nossos encontros que me mostrou dois antigos números da revista Paris-Match consagrados á história de Jean Moulin até á sua detenção. Este jornal, afirma Klaus Altmann, ignorava pormenores essenciais. Pela sua parte, soube várias coisas importantes, particularmente a respeito das circunstâncias da morte de Moulin.

Klaus chega agora ao episódio da detenção do chefe da Resistência:

«Na manhã do dia 21, ocupei-me dos últimos preparativos. Tudo estava a postos no pátio interior da sede do comando que partilhávamos com a Polícia de Segurança. Dois Citroéns e um outro carro para transportar os prisioneiros. Homens uniformizados, entre os quais Stengritt, que se encarregariam de Didot, bem como os seis casais constituídos por franceses, envergando como é evidente trajos civis, a fim de evitar o mais possível quaisquer suspeitas. As nossas armas: pistolas, metralhadoras granadas de mão, sem falar das algemas.

«Um pouco antes do meio-dia, dirigi-me de automóvel ao local do encontro aprazado com Didot, fora da cidade. Esperava-me, pontual como sempre. Cheguei, como estava combinado. Exactamente á hora fixada. Didot tinha instruções, segundo o nosso hábito, não esperar mais de cinco minutos. Expirado este prazo, a ordem era para se afastar e fugir o mais depressa possível. Cheguei; tendo-me avistado, continuou, como habitualmente, a caminhar lentamente á espera do momento propício para entrar no automóvel sem ser notado. Didot confirmou-me tudo. Parecia calmo. Talvez um pouco excitado. Para nós, como para ele, a operação era capital. As detenções que se preparavam eram tão importantes para a minha decisão como para os desígnios políticos de Didot. As coisas iam inevitàvelmente mudar.

«Didot foi sentar-se no banco escolhido com cerca de uma hora de antecedência. O facto foi verificado por um dos meus agentes que Didot não conhecia e que me comunicou a hora exacta da sua chegada. Dei ordem para que os casais se pusessem a caminho a fim de tomarem discretamente as suas posições.

«Nessa altura do dia, havia bastante animação na avenida, situada no centro da cidade. Passavam muitas pessoas, a pé ou de bicicleta.

«A uma hora e meia, os meus agentes informaram-me: o contacto tinha chegado. Didot estava a ler o jornal. O outro sentou-se a seu lado. Começaram a falar como se se tratasse da coisa mais banal deste mundo. Didot combinara connosco que reteria o seu contacto o mais que lhe fosse possível.

«Passei diante deles em trajo civil e, uma vez terminada a minha inspecção, regressei rápidamente ao meu automóvel, estacionado perto do local, numa rua transversal. Corri ao comando, enverguei o meu uniforme e equipei-me. Em seguida juntei-me aos meus homens.

Klauss Barbie falando sob a vigilância de um guarda boliviano

«Por muito rápida que fosse, uma reunião desta importância não podia durar menos de uma hora. Tinhamos portanto tempo para intervir. Com o meu grupo de dez homens uniformizados, deixámos o quartel e dirigimo-nos ao local préviamente escolhido para aguardarmos nos nossos automóveis: uma rua transversal, perto da avenida, fácilmente acessível aos casais que viriam cada um por sua vez, trazer-nos as indicações sobre o itinerário de Didot e do seu companheiro.

O ASSALTO

«O primeiro casal chegou: a operação tinha começado. Prosseguimos sem quaisquer incidentes. À medida que os casais chegavam, reconstituíamos o percurso de cabeça. Didot e o seu guia dirigiam-se para a parte alta da cidade. Tomaram o funicular conhecido pelo nome de «Croix-Rousse».

«O último casal regressou cerca de quarenta minutos mais tarde. O endereço era no arrabalde de Caluire. Tinham igualmente o número da casa e uma informação preciosa: era o domicílio de um médico com uma placa sobre a porta onde se podia ler o seguinte nome: «Doutor Dugoujon».

«Enviei ràpidamente o comando a este endereço. Uma casa de três andares, se não estou em erro, de cor pardacenta. Isolada de um dos lados, com um muro em frente. Havia um pequeno jardim donde uma escada interior conduzia, entre as duas janelas, à porta da casa. Uma das janelas era a da sala de espera do médico. Mais tarde averiguámos que este estava inocente. Tinha cedido uma parte da casa a um amigo e nada mais sabia. A escolha era muito hábil. O médico mantinha sempre a porta da casa aberta em virtude das chegadas e partidas incessantes dos clientes.

«De facto, na sala aguardavam cerca de seis pessoas. Todo o movimento podia passar por absolutamente normal. Chegámos e actuámos ràpidamente.

«Cercámos a casa e eu entrei nela acompanhado apenas de três soldados, de armas carregadas em riste.

«Uma vez ultrapassado o limiar, segui os traços de giz amarelo, discretos mas bem visíveis, na parede. Didot fôra perfeito. Era homem de grande coragem, com experiência das situações mais difíceis. Fui à porta da sala de espera, olhei para as pessoas que aí se encontravam, e prossegui o meu caminho. Logo a seguir

Exclusivo «GAMMA/DL

deparei com a escada que conduzia ao primeiro andar, e, em giz amarelo, as pequenas mas preciosas indicações. Subi.

«O giz amarelo acabava no andar superior, diante de uma porta fechada. Fiz girar a maçaneta, a qual cedeu. Dei um pontapé violento na porta, ao mesmo tempo que disparava uma rajada de metrelhadora, para o tecto. A minha irrupção na sala, acompanhado pelos meus soldados, produziu o efeito de uma bomba.

INTERROGATÓRIO

«Os homens, sob o efeito da surpresa, lançaram-se por terra. Examinei ràpidamente o local. Embora se encontrassem mais ou menos dissimuladas, entre as cabeças distingui — impossível de confundir por causa dos seus cabelos vermelhos - a de Didot, o qual, com o rosto protegido com os braços, me observava através dos dedos.

«Ordenei-lhes que se levantassem e puzessem as mãos no ar. Perplexos, fizeram o que dizia. Um deles teve uma vertigem. Contei: parece-me que eram sete. Disse-lhes para se encostarem à parede. Os soldados revistaram-nos. Stengritt encontrava-se presente e foi ele que revistou Didot. Ninguém mais estava armado. Não encontrámos quaisquer papéis, mensagens, documentos, nada absolutamente. Dei ordem para que se voltassem. Era o momento crítico. Não conhecia Moulin. Em circunstâncias normais devia encontrar-se lá, mas eu não tinha a certeza, e, como é evidente, não podia perguntar. Decidi recorrer a Didot; ele informar-me-ia de uma maneira ou doutra. Vi que havia um quarto ao lado. Era o ideal para o interrogatório previsto.

«Ninguém respondeu à minha pergunta. Passei à etapa seguinte. Decidi instalar-me só na outra sala. Havia uma mesa e cadeiras. À esquerda, um armário. Sentei-me de esguelha sobre a mesa e mandei entrar um deles, escolhido ao acaso. **«Os seus documentos!»** gritei. Mostrou-me diversos documentos e um cartão de racionamento. Insisti: **«Que está o senhor a fazer aqui?» «Estamos entre amigos, etc.»**, começou a balbuciar o meu prisioneiro, ainda perplexo. Para dizer a verdade, nesse momento não me interessava absolutamente nada a sua resposta. Mandei-o regressar à sala contígua, para junto dos outros. O soldado fez entrar o segundo. Mesma cena. O terceiro, o quarto, depois o quinto, etc.

«Creio não estar errado ao afirmar que Didot era o segundo ou o terceiro. Ao entrar, interpelou-nos imediatamente. Desafiou-nos gritando: **«Qué é que pretendem de mim? Estou com amigos. Que se passa?»** Não estava previsto, mas eu entrei no jogo. Reagi insultando-o e dando murros sobre a mesa: **«Sei que o senhor pertence à Resistência e que esta é uma das suas reuniões. Vai ver!»**

«No meio dos nossos insultos, fez-me um sinal: **Moulin não se encontrava lá.** Com o dedo, indicou-me o andar inferior da casa. A indicação era clara. Moulin devia encontrar-se no consultório ou na sala de espera. Os homens, do outro lado da parede, apenas ouviam os meus gritos e nada sabiam da nossa conversação por gestos.

«Abri a porta e enviei Didot com grande profusão de murros e pontapés para junto dos outros. Prosseguiu o suposto «interrogatório» sem revelar a menor reacção à informação dada por Didot. Como era evidente, porém, encontrava-me inquieto. Como saber se Moulin estava lá em baixo? Não tinha muita confiança no guarda que não devia deixar sair fosse quem fosse.

«A minha segunda grande decepção foi não ter encontrado qualquer documento. Terminado o interrogatório, dirigi-me às instalações do médico. Havia uma dezena de pessoas no seu gabinete. Dei-lhes ordem para subirem para a sala onde se encontravam os primeiros prisioneiros. Antes, porém, mandei afastar as mulheres e as crianças.

«Ficaram quatro homens que tinham consultado o médico. Recomecei o interrogatório desde o princípio e mandei vir Didot. Apontou disfarçadamente para a porta e fez o sinal combinado: Moulin era um dos quatro homens. Soubémos mais tarde que Max chegara alguns segundos antes de nós. Tínha-nos visto e precipitara-se no gabinete do médico.

MAX

«Didot entrou e, com a sua prodigiosa memória, foi divulgando a identidade de cada um. Depois disse: **«Vou esconder-me neste armário. Faça de conta que me mandou lá abaixo!»**

«Recomecei o interrogatório, mas agora sabia a identidade de todos aqueles que entravam: **«O seu nome?». «Fulano». «Mentira. O senhor é sicrano».** A surpresa era grande. Quando Max entrou, Didot, no armário, fez o ruído combinado. Max apresentou-se como Jacques Martel e mostrou-me os seus documentos.

«A minha primeira reacção foi de surpresa: o homem parecia-se extraordinàriamente comigo. Face, aparência, estatura. Examinei os seus documentos e disse-lhe calmamente: **«Escute: todos aqueles que aqui entraram tinham documentos falsos. O senhor, por exemplo, não é Jacques Martel. O senhor é Jean Moulin.** Mas nem sequer reagiu. Foi como se eu não tivesse falado. Respondeu tranquilamente: **«O meu nome é Martel. Sou pintor!»**

«Dei por terminado o interrogatório geral. Ajudei Didot a sair do armário e fi-lo conduzir ao **hall** de entrada onde já se encontravam um ou dois prisioneiros. Em seguida, dei ordem para que os outros descessem. Mandei colocar algemas a todos e preparar o transporte dos prisioneiros.

«Começava a terceira fase do plano: a evasão de Didot. Algemas para todos, dissera eu. O silêncio era completo. Stengritt gritou: **«Já não há mais algemas».** Faltava Didot Ordenei que lhe passassem uma corrente em redor do pulso e sobretudo que não o perdessem de vista.

«Os automóveis e a camioneta encontravam-se defronte da casa. Os soldados faziam entrar os prisioneiros um a um. Todos os soldados estavam agrupados, ou perto dos veículos. Deixámos Didot para o fim.

«Stengritt saiu da casa puxando-o para o obrigar a entrar na camioneta. Quando se encontrava na rua, Didot derrubou violentamente Stengritt dando-lhe um pontapé. Houve um momento de desorientação entre os meus homens, o tempo suficiente para Didot se afastar. Depois reagiram e começaram a fazer um fogo nutrido sobre o fugitivo. Dois soldados perseguiram-no por momentos, continuando a disparar. Didot desapareceu. Para que a sua fuga parecesse ainda mais verosímil, feriu-se a si próprio no braço com a minha pistola.

«Nesse momento, verificou-se um acontecimento imprevisto: ao ouvirem os tiros, os vizinhos chamaram a Polícia Francesa. Felizmente, tínhamos embarcado toda a nossa gente nos automóveis, e, quando a Polícia chegou, já lá nos não encontrávamos. Porém, se chegou demasiadamente tarde para nós, chegou a tempo para Didot.

«Para ele, foi um momento dramático. Quando viu que os polícias o perseguiam, envolveu o braço num lenço e tentou escapar-lhes. Creio que a Polícia levou então a efeito longa investigação Didot foi descoberto muito mais tarde, numa casa onde procurava esconder-se. Foi primeiro levado ao médico da Polícia e depois para a prisão.

Continua na pág. 16

Amanhã:

QUEM MATOU JEAN MOULIN?

apt T 20-72

A Torralta preocupa-se
em proporcionar
múltiplas actuações turísticas.
Por esta linha de orientação
a Torralta possibilita
a todos os seus utentes
a prática de desportos especiais
como a pesca,
em rio ou mar alto,
e a caça nas suas coutadas.
A Torralta é uma empresa
que proporciona a prática
de um turismo total.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

4

JORNAL FALADO OU FALHADO?

«Vocês precisavam era de uma caricatura de João Abel» — desabafou, cerca das duas da manhã, uma das poucas assistentes (ou leitoras?) do V Jornal Falado, há dois dias no Centro Nacional de Cultura perante cerca de 50 pessoas, quase todas jóvens do sexo masculino.

Segundo a informação do próprio Centro Nacional de Cultura, os «Jornais Falados» já realizados despertaram muito interesse. A fórmula é a seguinte: cinco críticos examinam os principais acontecimentos ocorridos durante o mês no campo da sua especialidade, discutindo-os, depois, com o público.

Assim, o esquema seguido foi esse mesmo, com uma diferença — os cinco oradores foram quatro, pois Fernando Azevedo não apareceu. Durante a 1.ª parte, que durou até à meia-noite (Francisco de Sousa Tavares não aguentou e dormiu — como de resto aconteceu a mais pessoas), Gastão Cruz, Jorge Peixinho, António Pedro Vasconcelos e Manuel João Gomes falaram respectivamente de poesia, música, cinema e teatro.

Os três primeiros improvisaram mais ou menos o que tinham para dizer. Gastão Cruz referiu o **Dual** de Sophia de Mello Breyner, os **Exorcismos** de Jorge de Sena e o **Cao Kiên, um Resumo**, de F.A.Pacheco.

Por sua vez Jorge Peixinho mostrou como o mês passado tinha sido fértil em acontecimentos musicais de 1.ª qualidade, pondo em relevo a presença entre nós, de Luciano Bério (**«Foi o maior acontecimento do mês em Lisboa, mas podia dizer**

Texto de RIBEIRO CARDOSO

igualmente que foi o maior acontecimento dos últimos cem anos»).

Continuando neste tom de satisfação pelo que tem acontecido ùltimamente em Lisboa, António Pedro de Vasconcelos adiantou que **«estamos a viver uma época de certo modo privilegiada no campo cinematográfico, pois que pelo menos vemos um filme bom por mês, embora muito cortado...»** E disse mais: **«No entanto, se isso dá para nos sentirmos satisfeitos, por outro lado devemos reconhecer que estamos a ver filmes com 10 e 40 anos de atraso»**. Como era de esperar, deu relevo aos dois filmes de Renoir (**A regra do Jogo** e **Passeio ao Campo**) e ao **«Vivre sa vie»** de Godard.

Um pouco diferente, porém, foi a intervenção de Manuel João Gomes, a fechar esta 1.ª parte. Puxou de um papel e, em tom polémico e não meramente informativo, desatou a analisar toda a engrenagem do teatro em Portugal, cortando a direito, sem, contudo, apontar soluções. Ficamos ainda a saber que João Gomes já não ia ao teatro há mais de um ano mas, para poder estar presente no «Jornal Falado» e dizer da sua justiça, foi ver quatro espectáculos na última semana, todos (no seu dizer) sem interesse: **Aventuras de D.Quixote e do Gordo Sancho Pança, A Outra Morte de Inês, Flauta Mágica** e **A Curva e Alto Mar.**

O 2.º tempo deste «jogo» foi divertido — a princípio com timidez e depois afoitamente, as pessoas começaram a intervir e as críticas ao «Jornal Falado» foram inevitáveis.

Que precisava de mais informações, de versar outros temas — a eleição do Presidente da República e política estrangeira, por exemplo — aventou Francisco de Sousa Tavares, na altura já acordado e bem disposto.

Que em cada jornal falado os temas eram sempre os mesmos, a estrutura demasiado académica, as pessoas sempre as mesmas — acusou Fernando Madureira, autor de **«Acidente Ocidental»** (a propósito: Fernando Madureira gozou que se fartou com o «Jornal Falado, ou Falhado ou qualquer coisa assim...» Bom, gozou com o jornal e não só — com as pessoas também. Divertiu-se e divertiu. E convenhamos que tinha piada no que dizia, exibindo a sua semicalva, boquilha a emergir entre a pêra e o bigode, e boneco de trapos na mão constantemente acariciado.

No entanto, apesar de tudo isto, o «quente» do Jornal foi a discussão travada acerca de Chico Buarque de Holanda, que Gastão Cruz e Jorge Peixinho consideraram como um subproduto musical e poético. A partir daqui a discussão generalizou-se, debateram-se questões velhas como a arte pela arte, escalpelizaram-se os possíveis motivos que levam o público a afastar-se de espectáculos de nível como o são as realizações musicais da Gulbenkian e, por fim, já com cansaço, sono e galhofa discutiu-se a fronteira entre a música clássica e a ligeira.

Madrugada dentro, ao despedirem-se, as pessoas interrogavam-se: jornal falado ou falhado?

JACKIE STEWART EM FILME

Decorrem em Londres e prosseguirão em Marselha as filmagens da película de Peter Hunt «Caminho Para a Morte», com o campeão de automobilismo Jakie Stewart no principal papel. O filme conta a história de um homem que vive solitário no mundo do automobilismo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Adelino Leal Saramago-VIEIRA DE LEIRIA

uma boa desculpa não indemniza prejuízos

UM SEGURO NOVO!...

seguro de responsabilidade civil familiar Império

*RC FAMILIAR IMPÉRIO

O seguro que paga por si... ...indemnizações!

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus.
Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.**
O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.**
A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.**
De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais.
Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer?
A Império oferece-lhe um novíssimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais.
100S00 POR ANO — repare bem, **POR ANO** — já chegam para adquirir esta garantia.
E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos.
Mas a Império faz mais.
Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa.

Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO IMPÉRIO a sua seguradora

CUPÃO: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos
Recorte, cole num postal e envie à Império
Apartado 106 — Lx. 2
Nome _____
Morada _____
Profissão _____

* RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nível cada vez mais elevado

Penta

COLABORADOR
ADMITE-SE

Para a secção de expediente e importação. Com muita experiência ou organização deste sector e correspondência comercial em francês e inglês. Ordenado inicial, 5.500$00. Lugar de futuro. Respostas ao Apartado 1421, Lisboa-1.

DIA DE PORTUGAL
DIA DOS LUSÍADAS

OS LUSÍADAS
DE LUÍS DE CAMÕES
COM DICIONÁRIO, POR M. SANTOS ALVES
65$00

UMA EDIÇÃO DA
Parceria A. M. Pereira, L.da
LIVREIROS-EDITORES
R. AUGUSTA, 40-44 - TELEF. 36 57 20 LISBOA

A VENDA NA FEIRA DO LIVRO — STANDS 1 e 2

VASTEELS EXPRESS

Ribatejo, Sol e Touros

XIX FEIRA DO RIBATEJO
SANTARÉM

Tome parte nesta grandiosa manifestação nacional
acompanhando-nos

Estaremos presentes, com assistência às principais manifestações e «corridas», nos dias:
4 — 5 — 10 — 11 — 18
de Junho

Peça programa detalhado e inscreva-se
Av. Ant. Aug. Aguiar, 88-C — Tel. 4 21 85
Rua Caminhos de Ferro, 62-C — Tel. 68 85 88
ou
na sua habitual AGÊNCIA DE VIAGENS

TV

Tome nota leitor: hoje pode não lhe apetecer ir à praia ou ao campo. Muita gente (você por exemplo) acha que os espectáculos, ao Domingo, enfim... Pois bem, em casa há a televisão e a oportunidade de ver cinema, pelas 16 e 15, logo a seguir à transmissão directa, via Eurovisão, da parte final das «24 Horas de Le Mans» (15 e 45). O filme de hoje intitula-se «A Cidade Escondida».

«Os Mauzões de Chicago» entrar-lhe-ão em casa pelas 20 horas. A noite, depois do noticiário, vem, então, um episódio da série «Longstreet», que antecedeu o «Domingo Desportivo». Aliás, entre a série da noite e esta última rubrica haverá um programa de fados.

As últimas notícias fecharão a emissão e você, leitor que ficou em casa, terminará, assim, o seu dia de descanso. Amanhã...

TEATRO

Aqui bem perto ainda vai ter oportunidade de ver (ou voltar a ver) o «D. Quixote», na encenação (controversa) de Benite. E verdade: eles, os do Campolide A. C. estão hoje, às 21 e 30, no Ginásio Clube do Sul, em Cacilhas. Há barcos para lá, como sabe.

De revista: continuam duas nos teatros de Lisboa. No ABC está «Viva a pandilha» e no Maria Vitória continua «Pronto a despir». Há ainda no mesmo género divertido: «Empresta-me o teu apartamento», já em últimas, e «Uma cama para toda a gente», a primeira no Variedades, a segunda no Laura Alves.

Teatro, do dito sério, temos «Um inimigo do povo», no teatro Capitólio, uma peça de Ibsen, encenada por Luís Sttau Monteiro. A crítica não gostou muito. Na Casa da Comédia mantém-se em estilo de café concerto numa sala que é ela própria o palco, a peça «Deseja-se mulher», de mestre Almada Negreiros. A crítica dum modo geral gostou, e segundo se diz é uma oportunidade para você beber um copo enquanto toma contacto com um autor de teatro que, sem ser muito importante, merece ser visto.

CINEMA

Comecemos por dizer que está no Apolo 70 mais dos novos filmes portugueses. Desta vez é «Pedro Só», um filme feito em Trás-os-Montes, com uma equipa cheia de boa vontade dirigida por Alfredo Tropa. António Montez e Ermelinda Duarte são os princìpais nomes do elenco. Na música você pode encontrar um condimento especial: a interpretação é de Manuel Freire e autor da música é Manuel Jorge Veloso. E é tudo de cinema português.

No cinema Satélite mantêm-se, já desde há tempo, dois filmes de Renoir, o cineasta filho do famosíssimo pintor francês do século passado. «A regra do jogo», que é exibido no horário normal, é um óptimo filme, e você só tem a ganhar se o for ver. Quanto ao segundo, «Passeio no campo», é exibido às 17 e 00.15. E uma obra que não deslustra em nada o nome do seu autor.

Dois filmes de Godard continuam em exibição em salas de Lisboa. «Made in U. S. A.» um filme do início da sua carreira de cineasta pode ser visto no Estúdio. O outro, «Viver a sua vida», com interpretação feminima, tal como o primeiro de Ana Karina, está no Londres. Claro que este conselho serve para pessoas com determinado gosto.

Noutro género, mas com um certo êxito, passa no Avis um «western», cuja música passa de vez em quando na nossa rádio; «Trinitá», «cowboy» insolente. É um filme divertido, bom para passar o tempo.

Depois, há outras coisas... Por exemplo: «O último Resgate», em exibição no cinema Berna, «O Salário do Sangue», no Eden...

O leitor, evidentemente, tem o direito de escolher o que mais gosta, não é? Nem todos gostam de Godard ou de Renoir...

«Mafia em Nova Iorque» é um título que chama muita gente. Aliás, quem o escolheu sabia bem o que fazia... Pois bem: trata-se de uma fita que até está bem feita e que contém os vários ingredientes capazes de suscitar o interesse do público: acção, «suspense», emoção e música. Da música, principalmente, é que devemos falar, pois é nela que reside a maior qualidade do filme. «Shaft», nome original da película, é nome, também, de um LP de Isaac Hayes, que foi autor da música de... «Mafia em Nova Iorque». Se gosta de acção, de uma intriga bem urdida e de tudo isso condimentado pela música violenta (e boa!) de Isaac Hayes, não perca este filme do Monumental.

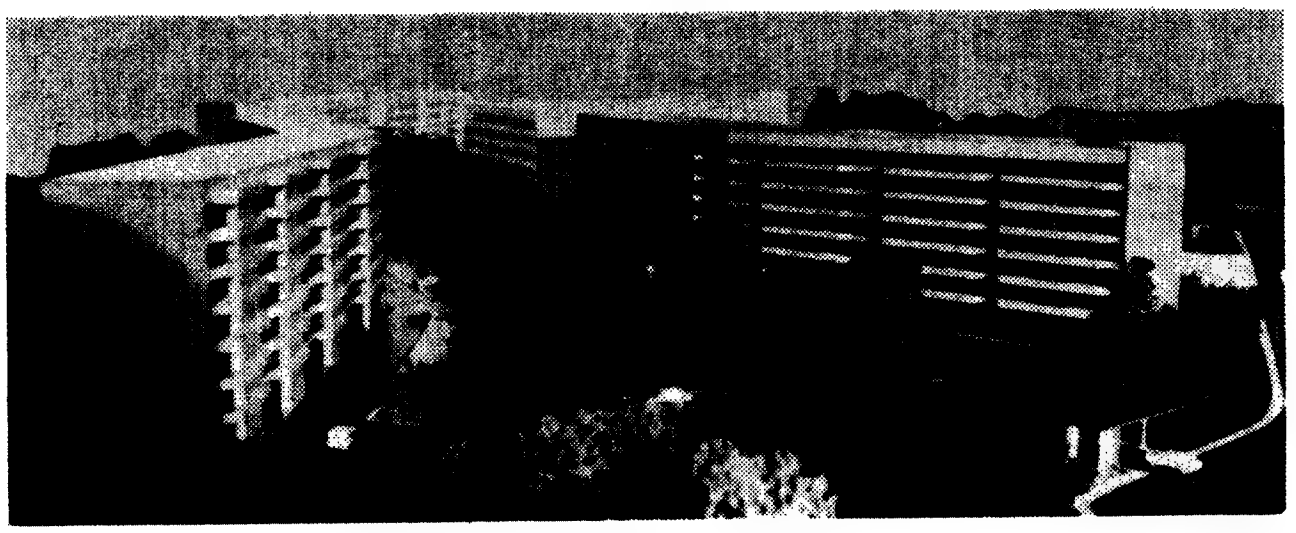
SUCESSO DE BUD SPENCER

Bud Spencer encontra-se em Espanha a participar nas filmagens da película de Tonino Valorii «Razão Para Viver e Razão Para Morrer», ao lado de James Coburn e Telly Savalas. Em seguida, Bud Spencer intervirá como intérprete em próximos filmes dos realizadores Carlos Lizzani, Colizzi, Clucher e Sérgio Corbucci.

«O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D.Maria C.Póvoa Paliteiro - CERNACHE

ESPIRAL

aqui está a casa que você merece!

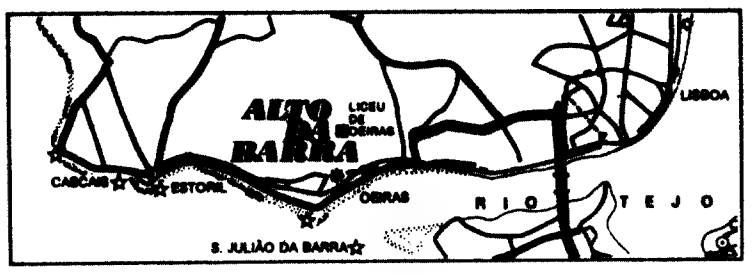


A sua casa de amanhã, fica aqui, na Costa do Sol, a 200 metros da praia, rodeada de grandes espaços verdes e abertos!
Se partir do centro da cidade, leva apenas cerca de 15 minutos a lá chegar! E encontra uma casa confortável à beira-estrada e à beira-mar!
Visite o andar modelo e atente bem em tudo quanto contribui para concretizar a casa que Você, de facto, merece:

- ISOLAMENTO PERFEITO
- COZINHAS TOTALMENTE EQUIPADAS
- DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUAS QUENTES
- AQUECIMENTO E VENTILAÇÃO
- GARAGENS PRIVATIVAS COM SERVIÇO
- ACESSOS ESPECIAIS
- DIVISIONAMENTO RACIONAL
- ORIENTAÇÃO SUL-NASCENTE

Pense, ainda, nas alcatifas de qualidade – incluídas no preço do apartamento – e no tom, ou no papel, que preferir para as paredes.
Depois, das belas varandas viradas ao mar, repouse o seu espírito, com a maravilhosa paisagem que o oceano, o Tejo e a entrada marítima de Lisboa, lhe oferecem!

E DECIDA-SE!



ALTO DA BARRA
para uma certa forma de vida
junto à Estrada Marginal - OEIRAS
Um empreendimento da MERCATOR, SARL – Telefones: Lisboa 53 76 97 - Oeiras 243 35 90

MCGOVERN
O idealista bate à porta

«Demasiado duro. Demasiado ingénuo. Demasiado isolado», diziam dele amigos e adversários. Pelo contrário, George McGovern tornou-se a breve trecho o mais provável candidato democrático à Casa Branca.

Fim do compromisso americano no Vietname dentro de 90 dias. Redução de um terço no orçamento do Pentágono. Abolição dos privilégios fiscais de que gozam os ricos e as sociedades por acções. Pleno emprego. Rendimento mínimo garantido de mil dólares por ano por cada americano. Dezenas de milhares de dólares de investimentos públicos em edificações, em escolas, na assistência social, na luta anti poluição. Com este programa, um senador do Estado rural e despovoado do Dakota do Sul, filho de um pastor protestante, piloto de bombardeiros em Itália durante a Segunda Guerra Mundial, ex-professor de História, está a procurar obter a investidura oficial para a Casa Branca, pelo Partido Democrático. Está convencido de, em Novembro, poder derrotar Richard Nixon.

Chama-se George McGovern. Tem 49 anos. É pai de cinco filhos. Alto, com 1 metro e 85 centímetros, mantem-se em forma, fazendo ginástica no ginásio do Senado. Até ao ano passado era conhecido sobretudo pelas suas campanhas contra a guerra no Vietname, contra a fome e a favor das propriedades agrícolas familiares. Robert Kennedy tinha-o definido como «a única pessoa com espírito cla ro no Senado americano». O presidente John Kennedy havia-lhe confiado a direcção do programa de auxílios alimentares ao estrangeiro, e achava-o ingénuo.

A SAÍDA

Quando McGovern, há 16 meses, de fato novo e de peúgas já não enroladas nos tornozelos (conselho da amiga feminista Gloria Steinem), anunciou a sua candidatura à Casa Branca, com um ano de antecedência sobre o costumado calendário eleitoral, pouquíssimos o tomaram a sério. **«A gente não é do centro, nem da direita, nem da esquerda»**, disse o senador naquela ocasião. **«Está apenas cansado de retórica, promessas não mentidas e expedientes. Procura um caminho de saída.»**

McGoverno, então, guia de um povo desejoso de luz? **«Uma heresia»**, disseram os peritos. Consideravam-no um idealista demasiadamente acima dos compromissos, demasiado isolado, demasiado puro e radical para a selva das eleições presidenciais. O Partido Democrático jogava todas as suas cartas no senador Edmund Muskie, expoente centrista. As sondagens atribuiam a McGovern um séquito nacional de 2 por cento.

Enganavam-se os peritos e enganavam-se as sondagens de opinião. Segundo, a pouca distância, atrás de Muskie, nas eleições primárias do New Hampshire, McGovern venceu em Abril as primárias do Wisconsin e do Massachusetts. **«A terça-feira está a tornar-se para mim o dia mais belo da semana»**, disse depois do último triunfo. Nos Estados Unidos vota-se à terça-feira.

Há um ano ninguém teria apostado um chavo em McGovern.

Porém, as primeiras seis primárias, as eleições em que os inscritos em cada um dos partidos, Estado por Estado, exprimem a sua preferência pelos candidatos, têm alterado muitos mitos da política democrática. O prefeito de Nova Iorque, John Lindsay, único concorrente da esquerda de McGovern, retirou a sua candidatura após ter percebido que um belo semblante fotogénico não basta para conquistar votos. Depois de um duplo insucesso nas eleições do Massachusetts e da Pensilvânia, também Muskie desapareceu da cena, ainda candidato mas já estranho à luta nas 17 primárias restantes.

«Não tenho mais dinheiro para continuar», disse Muskie, que, até há poucas semanas, parecia destinado a um êxito seguro. Na realidade, não conseguiu atiçar o entusiasmo dos eleitores. Em vez de expor problemas e soluções procurava apresentar-se como o candidato de todos, capaz de trazer a concórdia ao país. Não ofendeu nem conquistou ninguém.

McGovern não cometeu os erros de Muskie. Partindo com um ano de antecipação relativamente aos seus rivais, conseguiu recolher conspícuos contributos financeiros e criar em numerosos Estados uma organização capilar de voluntários; a mesma táctica que tinha usado no Dakota do Sul, Estado republicano, para se fazer eleger deputado democrático em 1956 e senador em 1962. Este ano, no Wisconsin, mobilizou 10 mil estudantes que bateram às portas de todas as casas. Na Califórnia, cujas primárias terão lugar no dia 6 de Junho, 29 mil jovens em 82 centros eleitorais estão a contactar directamente pelo menos metade dos 4 milhões de eleitores democráticos do Estado.

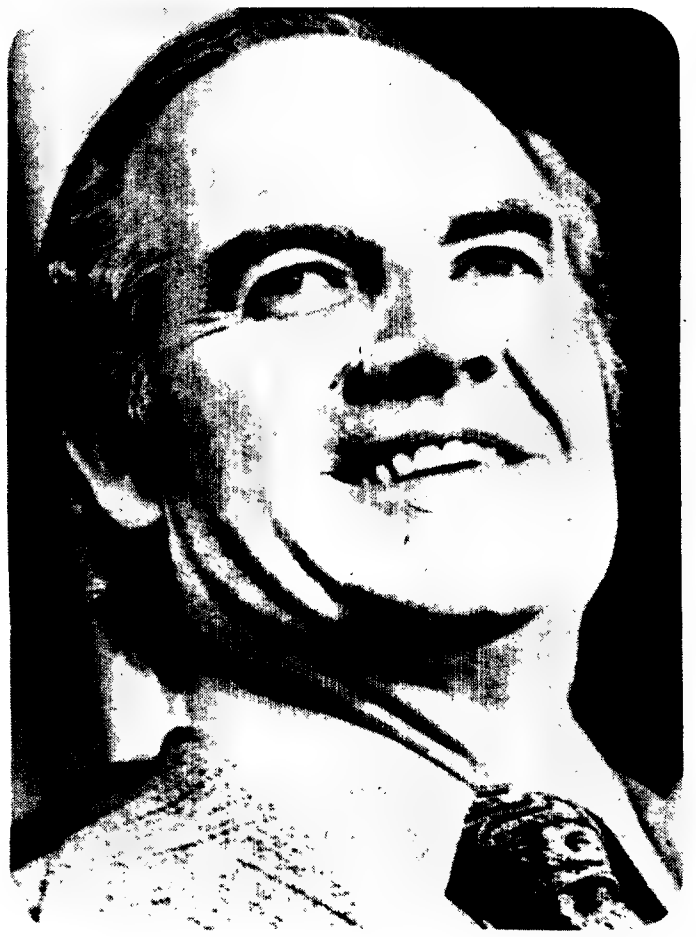
Pouco fotogénico, orador pouco fecundo, McGovern acredita no contacto pessoal, no diálogo tu cá tu lá com o eleitor. É aqui que emerge a sua franqueza. **«O empregado atrás da secretária; o operário junto do torno, o agricultor nos campos»**, diz McGovern, **«são tão importantes como o governador do Estado para vencer as eleições»**.

Nestes encontros, faz-se acompanhar por um fotógrafo com uma Polaroid. Um minuto depois, entrega ao eleitor potencial a fotografia-recordação do aperto de mão.

A CAMPANHA

McGovern havia começado a campanha eleitoral, fulminando a guerra no Vietname e o Pentágono. A concorrência de George Wallace, que da direita sabia interpretar a sensação de desconfiança do homem da rua, obrigou-o a acrescentar novos temas ao discurso base: em primeiro lugar, o da injustiça fiscal, os impostos que oprimem o trabalhador com rendimento fixo, enquanto que os milionários e as sociedades por acções, legalmente, tiram do tributável enormes fatias de rendimento. **«Não era preciso deixar a Wallace o monopólio deste espírito de revolta anti establishment»**, explica McGovern.

Não obstante os êxitos obtidos, McGovern, no entanto, não demonstrou ainda saber atingir em profundidade a pequena burguesia e os operários. O seu radicalismo é ainda suspeito. Tem



McGovern: viragem à esquerda

Humphrey, Muskie, McGover: por detrás dos sorrisos, a guerra

CCN

companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 14 de Junho às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega até 12 de Junho.
«BENGUELA» a sair em 15 de Junho	Com escala prévia por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇÂMEDES (*), LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 13 a 14 de Junho.
«IMPÉRIO» a sair em 30 de Junho às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 20 a 24 de Junho.
«MALANGE» a sair em 12 de Julho	Com escala prévia em Leixões (vindo dos portos do norte da Europa) para: LOBITO, MOÇÂMEDES (*), CIDADE DO CABO, PORT ELIZABETH, EAST LONDON, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 8 a 10 de Julho.
«LOBITO» a sair em 15 de Julho	Com escala prévia em Leixões (vindo dos portos do norte da Europa) para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, NOVO REDONDO (*) e PORTO AMBOIM. Carrega de 12 a 14 de Julho.
«UÍGE» a sair em 19 de Julho às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 10 a 12 de Julho.
«LUANDA» a sair em 24 de Julho	Com escala prévia em Leixões (vindo dos portos do Mediterrâneo) para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Carrega de 20 a 23 de Julho.
«PÁTRIA» a sair em 15 de Agosto às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 26 a 29 de Julho.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 17 de Junho, às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para, TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.
a sair em 20 de Julho e em 24 de Agosto, às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

(*) SE NECESSÁRIO.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8 ★ PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

por si os jovens, as mulheres, a burguesia abastada dos subúrbios. Os operários vacilam entre ele, Wallace e o senador Hubert Humphrey, que é apoiado pelos sindicatos. Os negros parecem preferir Humphrey.

Com Muskie afastado e Wallace inaceitável para o partido devido ao seu racismo, a luta nas fileiras democráticas parece estar já restringida a Humphrey e a McGovern. É um encontro entre as forças tradicionais do partido e as novas aspirações que se formaram em 1968 em torno do senador Eugene McCarthy e de Robert Kennedy.

Para obter a nomeação para a Casa Branca, na Convenção Democrática de Miami, em Julho, McGovern deverá obter triunfos inequívocos nas primárias, demonstrando ser aceite também pelos eleitores moderados. Se a escolha entre ele e Humphrey se revelar impossível, os três mil delegados à Convenção decidir-se-ão por uma solução de compromisso. Ou Muskie «segunda escolha de todos», ou Edward Kennedy.

Embora Kennedy negue querer a Casa Branca em 1972, o seu nome ainda é mágico para os democratas.

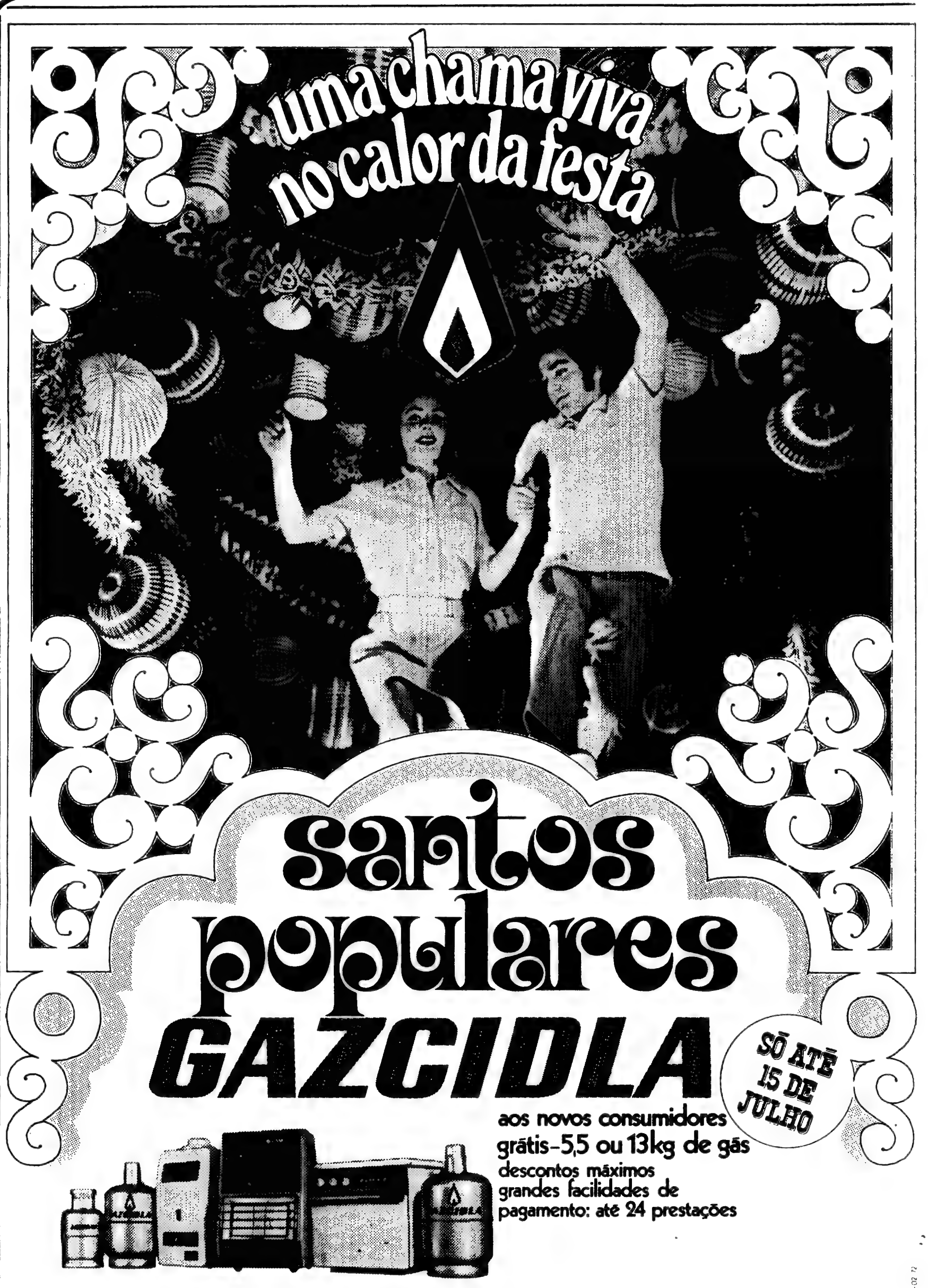
AS ESTRELAS

Sobre o palco do Forum, o palácio dos desportos de Los Angeles, alternavam-se Barbra Streisand e os cantores de «rock» James Taylor e Carole King. Dois mil espectadores, acompanhados aos seus lugares por personagens como Gene Hackman, prémio «Oscar» de 1972, Julie Christie e Jack Nicholson, tinham pago 100 dólares por cabeça pelas poltronas. Sobre a escadaria aglomeravam-se 14 mil jovens entusiastas. Cobrança da bilheteira: 200 mil dólares. Foi o primeiro de seis concertos realizados pelo actor Warren Beatty, protagonista de **Bonnie e Clyde** e irmão de Shirley McLaine, para financiar a campanha eleitoral do senador George McGovern. Beatty espera recolher, pelo menos, um milhão de dólares.

Desde quando Frank Sinatra se colocou ao lado de John Kennedy, na campanha eleitoral de 1960, o empenho político das personagens do espectáculo tornou-se um elemento constante das eleições americanas. Este ano, o firmamento mais brilhante de estrelas formou-se em torno de McGovern. **«Acredito naquilo que promete»**, explica Gene Hackman. Seguindo Warren Beatty, Shirley McLaire e as «máscaras» do Forum, meteram-se na esteira de McGovern os actores Tony Curtis, Elliot Gould, Dustin Hoffman, Sally Kellerman, Gene Kelly, Walter Matthau, Paul Newman, Rod Steiger, John Voight e Raquel Welsh.

Embora distanciados de McGovern, e muito, também os outros candidatos democráticos ostentam um séquito de estrelas: declararam apoiar Muskie os actores Henry e Peter Fonda, Jack Lemmon, Shelley Winters, Natalie Wood e a cantora negra Leslie Uggams. Atrás de Hubert Humphrey alinharam a actriz Eva Gabor e os divos da televisão Jimmy Durante e Lorne Greene.

Richard Nixon tem demonstrado ter melhores relações com o mundo do espectáculo do que Humphrey e Muskie. Os colaboradores do presidente ostentam um firmamento de 125 estrelas, guiadas por Bob Hope. O elenco é a «fina flor» da Hollywood conservadora e madura: Pat Boone, Yvonne De Carlo, Cyd Charisse, Clint Eastwood, Rhonda Fleming, Zsa Gabor, Virginia Mayo, Lloyd Nolan, Red Skelton, James Stewart, John Wayne. Virginia Mayo fez de madrinha na inauguração do quartel-general de Los Angeles da campanha eleitoral de Nixon. **«Nada de rock and roll»**, disse um colaborador do presidente. **«Não se coaduna com o prestígio da Casa Branca»**.



• Da biografia do conde de Cagliostro escrita por Roberto Gervaso, que aparecerá, dentro em breve, em livro, escolhemos este capítulo, ainda inédito, sobre a prisão e morte do famoso aventureiro. (Exclusivo «STORIA ILLUSTRATA»/DL)

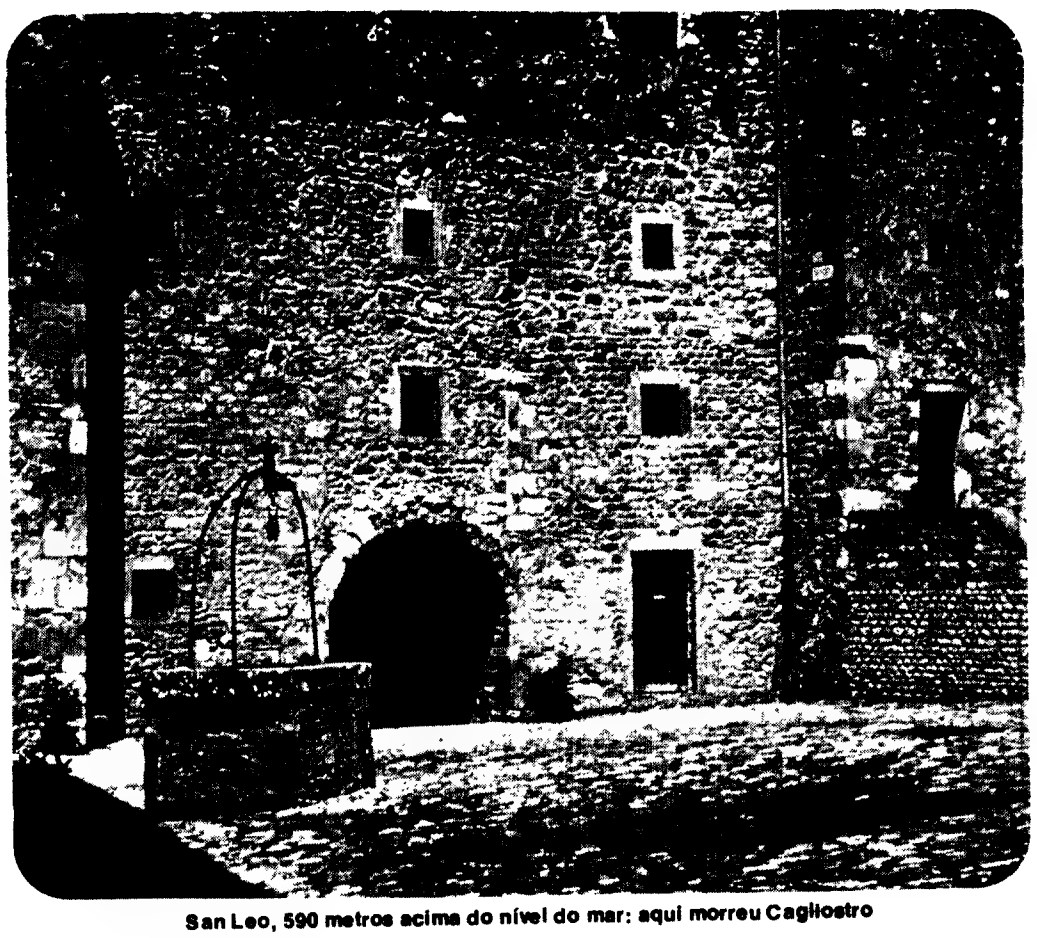
OS ÚLTIMOS DIAS DE CAGLIOSTRO

San Leo era, e continua a ser, uma aldeia de umas centenas de habitantes, nas terras que se estendem para lá da margem direita do rio Marecchia. A aldeia fica na encosta de um monte, tendo-se chamado, antigamente, Monte Fretrio por o cônsul romano Marcelo, na primeira metade do século terceiro, ali ter erguido um templo a Júpiter Feretrio. A um tiro de espingarda da aldeia, situada a 590 metros de altitude, ergue-se uma rocha imponente e íngreme, a qual, segundo a lenda, surgiu no período umbro-sabélico. Em 1470, Frederico II, duque de Urbino, construiu ali um castelo, ao mesmo tempo habitação e fortaleza. San Leo passou, depois, para a Igreja, que transformou o castelo em prisão de Estado.

Um cabo e seis soldados montavam guarda, dia e noite, à porta de entrada. Duas sentinelas, que se rendiam de três em três horas, faziam a ronda interna. Um governador-castelão, assistido por um comissário, um tenente e um grupo de carcereiro, vigiava os detidos. Estes eram oito, quando Cagliostro ali chegou: cinco leigos e três eclesiásticos, réus, quase todos, de homicídio (cinco condenados a prisão perpétua, três a penas menores). Duas vezes por dia, ao nascer do Sol e às onze da noite, os esbirros visitavam e revistavam as celas, cubículos húmidos, fedorentos, infestados de ratos, percevejos e baratas.

CONVULSÕES

O mago foi recebido pelo tenente Gandini, braço direito do governador Semproni. Gandini, que vivia no forte com a mulher e a criada, dispondo de dois quartos e cozinha, tomou conta do novo detido, conduzindo-o à cela do «tesouro», a mais inacessível da rocha, assim chamada porque os Montefeltro a tinham dedicado a casa-forte. Era um lúgubre buraco com três metros e trinta de comprimento, três e oitenta de largura, e quatro e dez de pé direito. Tinha, muito ao cimo, uma pequena janela, protegida por grades, sendo escavada numa parede com dois metros e vinte de espessura. Um estudioso francês nosso contemporâneo, Photiades, horrorizado, definiu-a como «uma prisão no céu». Não entrava ali um raio de Sol, não se ouvia uma voz. O preso ficava completamente isolado.



San Leo, 590 metros acima do nível do mar: aqui morreu Cagliostro

Mal passou o limiar da porta, o conde foi preso de atrozes convulsões. Começou a tremer, a vomitar baba, aos gritos. Gandini, espantado, mandou chamar um médico, que lhe fez uma sangria e lhe subministrou uns sedativos. Mas o preso não se acalmou. Continuou a agitar-se e aos gritos ainda durante umas sete horas, dificilmente seguro por quatro musculosos carcereiros. Ameaçou matar-se, depois caiu em si e pediu um padre. Acorreu o reverendo Domenico Terenzi, que o acalmou agitando-lhe o espantalho do Inferno. Por fim, cansado, Cagliostro estendeu-se na cama.

Foi uma crise autêntica ou uma cena? O mago era um notável histrião e com aquela pantomima esperava, talvez, comover os carcereiros. Mas era, também, um homem física e moralmente destruído. Os dezasseis meses de prisão em Castel Sant'Angelo e a sífilis tinham-no reduzido a um farrapo. Sofria de terríveis cólicas da vesícula, tinha dificuldade em urinar, a tensão alta, vertigens frequentes, graves dificuldades circulatórias. Foram necessários uns dias para se recompor.

Receando que o preso pusesse termo à vida, o governador do castelo ordenou aos guardas que redobrassem a vigilância. Mais do que isso, criou um sistema especial de chamada, que Nevio Matteini, autor da mais bela monografia sobre a presença de Cagliostro em San Leo, descreve deste modo: **«Em caso de necessidade, o mago batia na parede com um anel de ferro nela cravado; ouvido o sinal, o preso da cela contígua puxava por uma corda, que estava ligada a uma campainha situada no piso seguinte, onde se encontrava, permanentemente, uma sentinela, que, por sua vez, chamava o cabo da guarda que, por fim, acorria com os soldados».**

Restabelecido, o preso pediu para ser ouvido em confissão. Semproni, espantado, consultou o bispo, que lhe mandou o padre Biagio Tardioli. O sacerdote, mal entrou na cela, foi assaltado por tais miasmas que pediu ao governador que transferisse, temporàriamente, o preso para a capela da fortaleza. As audiências duraram vários dias porque o mago queria __ dizia ele, pelo menos __ vazar o saco e aproximar-se, puro, dos sacramentos. Na manhã do Domingo de Páscoa, aparentemente arrependido, comungou. O bispo, edificado, escreveu a Dória, Secretário de Estado: **«Destaco com especial prazer, que o senhor Giuseppe Balsamo, após as confissões gerais, cumpriu o preceito pascal, dando evidentes sinais de arrependimento. Ter-lhe-á Deus tocado o coração, sendo sincero o seu arrependimento? Devemos ter cuidado, não confiando demasiado, pois se trata de um homem muito astuto, que sabe muito bem fingir, surpreender e enganar. O tempo tudo esclarecerá».**

OS JEJUNS

Cagliostro alimentava esta desconfiança com as suas mudanças de disposição, as suas atitudes provocadoras ou resignadas, os seus histerismos e desafios. Chegaram de Roma ordens para o terem sempre sob vigilância. Ninguém, fosse pelo que fosse, podia, sem autorização do bispo, aproximar-se do preso. Ninguém, fosse pelo que fosse, podia entrar na fortaleza. Os guardas, o médico, o confessor não podiam, sequer, pronunciar o seu nome. Quanto ao prisioneiro, não lhe era permitido dispor de papel, pena, tinta, livros e, muito menos, podia fazer a barba, pois se receava que abrisse as veias com a navalha. A sua segregação, em suma, devia ser total. Que castigo para um homem que fizera do mundo um palco onde se exibir, tendo-o tido aos seus pés.

Só as refeições lhe alegravam o isolamento. Os presos tinham direito a **«dois pães de quinze onças, dois jarros de vinho (correspondendo cada um a meio litro), uma boa sopa, meia libra de carne cozida, uma fritura ou qualquer coisa equivalente, um guisado ou um assado, uma peça de fruta e uma fatia de queijo».** Nos dias de jejum, em vez de carne, recebiam peixe e queijo. Ao mago, **«homem de muito alimento, difícil de contentar»**, estava, porém, reservado um menu especial: **«um caldo de frango ou de borracho com o peso, pelo menos, de uma boa meia libra, um guisado ou um assado da mesma qualidade, um pouco de fruta ou uma fatia de queijo fresco. À noite: uma sopa de pão com manteiga, um prato frio, uma peça de fruta e três jarros de vinho, que preferia tinto e bem apalado».** Phocides afirma que lhe davam oito jarros de vinho, mas parece-nos um exagero. À mesa pelo menos __ deve reconhecer-se o Papa tratava bem os seus prisioneiros.

Cagliostro gozava ainda de outros pequenos privilégios. Quando chegou a San Leo, o seu guarda-roupa deixava muito a desejar: quatro camisas de linho, um colete, um par de calções, três de meias. Dois meses depois, o tesoureiro geral, monsenhor Ruffo, mandou-lhe de Roma uma arca com outras peças de vestuário, sequestradas na altura da prisão. Quanto à roupa branca, especialmente a interior, Cagliostro era exigentíssimo.

No dia 11 de Setembro de 1871, o conde Semproni em pessoa fez-lhe uma visita, acompanhado por uma grande escolta de esbirros. Cagliostro supôs que o vinham pôr em liberdade por ordem do Papa, comovido com os jejuns e os seus acessos de misticismo: num impulso devoto, tinha pedido um genuflexorio e um crucifixo de madeira, para substituir o dê cartão dado aos presos. Mas a ilusão depressa se desvaneceu. Ninguém e muito menos o Papa, pensava em o soltar. O cardeal Dória tinha, simplesmente, decidido transferi-lo para outra cela, por ter

Continua na pag 19

ÁRVORE MÁGICA
NOVIDADE EM PORTUGAL
PURIFICADOR DE AR
para casa e automóvel
ARBRE MAGIQUE
rafraîchit l'air partout!
1-2 meses de efeito simples · decorativo apreciado em todo o mundo
À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS
CAR-FRESHNER CORP. WATERTOWN - U. S. A.
Representantes exclusivos:
CREFAR-R. DA MADALENA, 171 -LISBOA

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

Estas excepcionais fotografias encontravam-se em poder de cidadãos soviéticos, que as tinham conservado apesar das proibições. As «depurações fotográficas» exigidas por Estaline referiam-se não só aos protagonistas de um conflito ideológico mas também ao modo como eram representados: o realismo socialista estalinista impunha a retórica e a oleografia.

OS RETRATOS PROIBIDOS DE ESTALINE

Os arquivos dos fotógrafos soviéticos dos fotógrafos da actualidade política, que trabalharam durante a Revolução e nos anos vinte e trinta, sofreram, no decorrer da política estalinista, uma periódica, sistemática, quase total destruição. Pelo fim dos anos vinte, depois da condenação de Trotzki, os fotógrafos eliminaram dos seus arquivos todas as fotografias daquele, assim como aquelas em que o adversário de Estaline aparecia ao lado de outros políticos. O mesmo aconteceu aos retratos de todos os trotzkistas ou suspeitos de tal, ainda que só aparecessem em grupo com outros dirigentes soviéticos.

Se pensarmos na notável presença de Trotzki nos acontecimentos daqueles anos, é fácil calcular que se deve ter procedido a uma enorme destruição de negativos fotográficos. A seguir, vieram as deportações em massa, as eliminações de inteiros comités centrais do Partido, os processos contra a direita e a esquerda, contra os generais, as condenações contra alguns dirigentes dos partidos comunistas estrangeiros, e assim por diante. Sistemáticamente, por ordens superiores, os nomes e as imagens dos condenados iam sendo eliminados, cancelados da história.

Naqueles anos, possuir uma fotografia de um «inimigo do povo» constituía já uma prova de possível cumplicidade. Os fotógrafos de actualidades políticas que, dado o seu trabalho nos jornais, se encontravam no meio do turbilhão, apressavam-se a eliminar muitas vezes com antecedência, não só as fotografias dos condenados mas também as dos suspeitos e dos possíveis suspeitos. Assim, no limiar dos anos quarenta, os arquivos dos fotógrafos soviéticos encontravam-se quase completamente destruídos. Além da destruição dos arquivos, muitos fotógrafos desse tempo, testemunhas de terríveis acontecimentos, foram postos de parte, deixaram de trabalhar, mudaram de ofício.

O seu modo de fotografar, dramático, corajoso, pessoal, formado entre as mais diversas experiências culturais dos anos vinte, difícilmente poderia alinhar com o novo estilo oficial, que impunha uma fotografia retórica, oleográfica, correcta, retocada, falsificada: a aplicação, em fotografia, do realismo socialista estalinista.

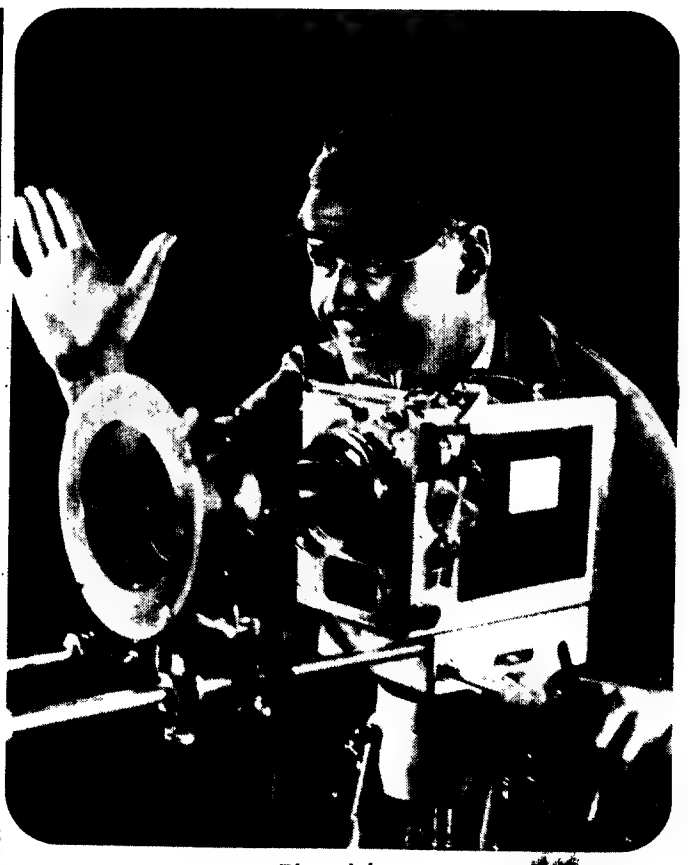
As fotografias que publicamos são dos anos vinte, de fotógrafos hoje desaparecidos. São velhas estampas, amarelecidas, arruinadas pelo tempo, só por acaso conservadas até hoje. Algumas delas, as de Achmatova, Lunaciarski, Krupskaia, são de Nappelbaum, o melhor retratista soviético (são famosos os seus retratos de Lenine). Uma delas (a de Maiakowski) é de Rodcenko, que foi grande amigo do poeta. Rodcenko, era artista gráfico e fotógrafo da corrente construtivista dos anos vinte.

As outras fotografias são de actualidades. Existe em todas estas imagens a observação do personagem, necessária, a um bom retrato, sublinham-se carácteres, cria-se uma atmosfera. Melancolia em Achmatova, poetisa decadentista, e em Krupskaia, viúva de Lenine e já cansada; ironia em Eisentein e quase loucura em Maiakows-

Continua na pág. 22

Ordzonikidze.

Maiakovski.



Eisenstein.

HOMENAGEM
A
LUÍS DE CAMÕES
No quarto centenário de
OS
LUSIADAS,
POEMA EPICO
DE LUIS DE CAMÕES.
NOVA EDIÇÃO CORRECTA, E DADA Á LUZ
Por Dom Iozé Maria de SOUZA-BOTELHO.
PARIS,
NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FIRMIN DIDOT
M. DCCC. XVII
Uma reedição "Fac-Simile" da
LIVRARIA SAM CARLOS
á venda nas LIVRARIAS

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

ARMADURA UNIVERSAL ESTANQUE, PARA LÂMPADAS REFLECTORAS
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

A CONFISSÃO DE BARBIE

Continuação da pag 8

«No dia seguinte, 22, o comissário Bartolet informou-me de que a Polícia Francesa tinha detido um homem que devia fazer parte da Resistência e que, aparentemente, acabava de participar em importante reunião, na casa de um médico, em Caluire. Agradeci-lhe a sua informação e combinei um encontro pedindo-lhe que me trouxesse se possível o prisioneiro.

«Vi-me forçado a dizer a Bartolet que, na realidade, me encontrava ao corrente da reunião. Tinha-me dirigido ao local com o meu comando, mas enganara-me: nada tínhamos notado de especial nem tão pouco encontráramos qualquer documento.

«Se bem me lembro, Bartolet apareceu no dia seguinte acompanhado de Didot. Pedi-lhe que me deixasse interrogar o seu prisioneiro. Bartolet não fez a mínima objecção e deixou-o comigo. Didot estava ferido. Falei com o chefe do hospital alemão de Lyon e expliquei-lhe que se tratava de um caso muito especial e de grande importância para nós. Pedi-lhe que recebesse Didot no hospital alemão para evitar o hospital francês que dependia da Polícia Francesa. Didot teve de ficar hospitalizado oito dias. Uma vez, mais, simulámos uma evasão.

«Certa noite, escapou-se por uma das janelas das traseiras do hospital e eu levei-o comigo. O director do hospital, posto ao corrente, não fez qualquer pergunta. Compreendeu tratar-se de algo muito especial e no dia seguinte, como era habitual, comunicou oficialmente o desaparecimento, acrescentando que ia levar a efeito um inquérito no hospital para saber como as coisas se tinham passado.

«Mostrei esta nota oficial a Bartolet e pedi-lhe que me ajudasse a encontrar o fugitivo. A notícia da evasão de Didot espalhou-se rápidamente.

«Didot permaneceu em Lyon encontrando-se frequentemente comigo. Forneceu-me sobre todas as actividades de Moulin informações excelentes que mais tarde me seriam úteis para os interrogatórios. Prestou-me igualmente informações sobre os outros resposáveis detidos. Revelou-me as medidas que a Resistência se preparava para tomar após o desaparecimento dos seus chefes. Uma desordem imensa reinava na organização. Todas as operações tiveram de ser suspensas.

«Começámos a compreender que o golpe fora mortal. As consequências foram profundas, tanto sob o aspecto da acção, como sob o aspecto político. Mais tarde, soubemos que de Gaulle se viu obrigado a nomear Georges Bidault para o lugar de Moulin. As divergências entre de Gaulle e Bidault eram muito mais graves do que as que o opunham a Moulin.

«Apressei-me a pôr o meu superior de Paris ao corrente de tudo aquilo que havia conseguido. Ele informou Berlim. Berlim decidiu nomear um comando especial que iria a Lyon para proceder ao inquérito. Era um trabalho colossal que ultrapassava as atribuições do meu comando. Enquanto aguardava a chegada deste comando especial, consagrei uma semana a encontros com Moulin.

«Este não foi levado para a prisão. Dispunhamos de algumas celas no sótão da antiga escola onde o comando tinha a sua sede. Foi para lá que mandei Moulin logo após a sua detenção. Era uma medida de segurança. Temendo uma evasão, não queria de modo algum deixá-lo no Fort Montluc. O Forte encontrava-se guardado por um batalhão do exercito alemão e não pelas SS.

«SOU MOULIN»

Aqui Klaus Altmann abre um parêntesis e conta qual não foi a sua surpresa ao entrar um dia num cinema, mais ou menos por volta de 1957, em Lima, no Perú, para ver um filme intitulado: «Fugiu um condenado à morte». A história era exactamente a de um importante prisioneiro da Resistência que se evadira do Fort Montluc, por causa da negligência de um guarda alemão. Os factos eram verídicos; tinham-se verificado pouco tempos antes do caso Moulin. Klaus Altmann comenta:

«Falavam de mim, facto que não deixava de ser interessante. Havia muito exagero, mas o fundo era autêntico. Como ninguém me conhecia ou tinha fotografias minhas, mostraram como sendo o chefe do comando, no hotel Terminus, perto da Gare Centrale onde tiveramos a nossa primeira sede, um tipo estranho.

«A cena era verdadeira e filmada no próprio local. Lembro-me inclusivamente do papel que decorava as paredes e que não fora substituido. Representavam-me dizendo ao prisioneiro: **Você está condenado á morte»**: Na realidade eu nunca condenava. Isso competia á justiça aos tribunais militares. Tinha poder de vida e de morte durante a acção na luta na frente, tal como na guerra.

«Em resumo, sabia que o Fort Montluc era vulnerável. Assim, guardei Moulin numa cela provisória do meu comando. Sem perda de tempo, dei início aos interrogatórios.

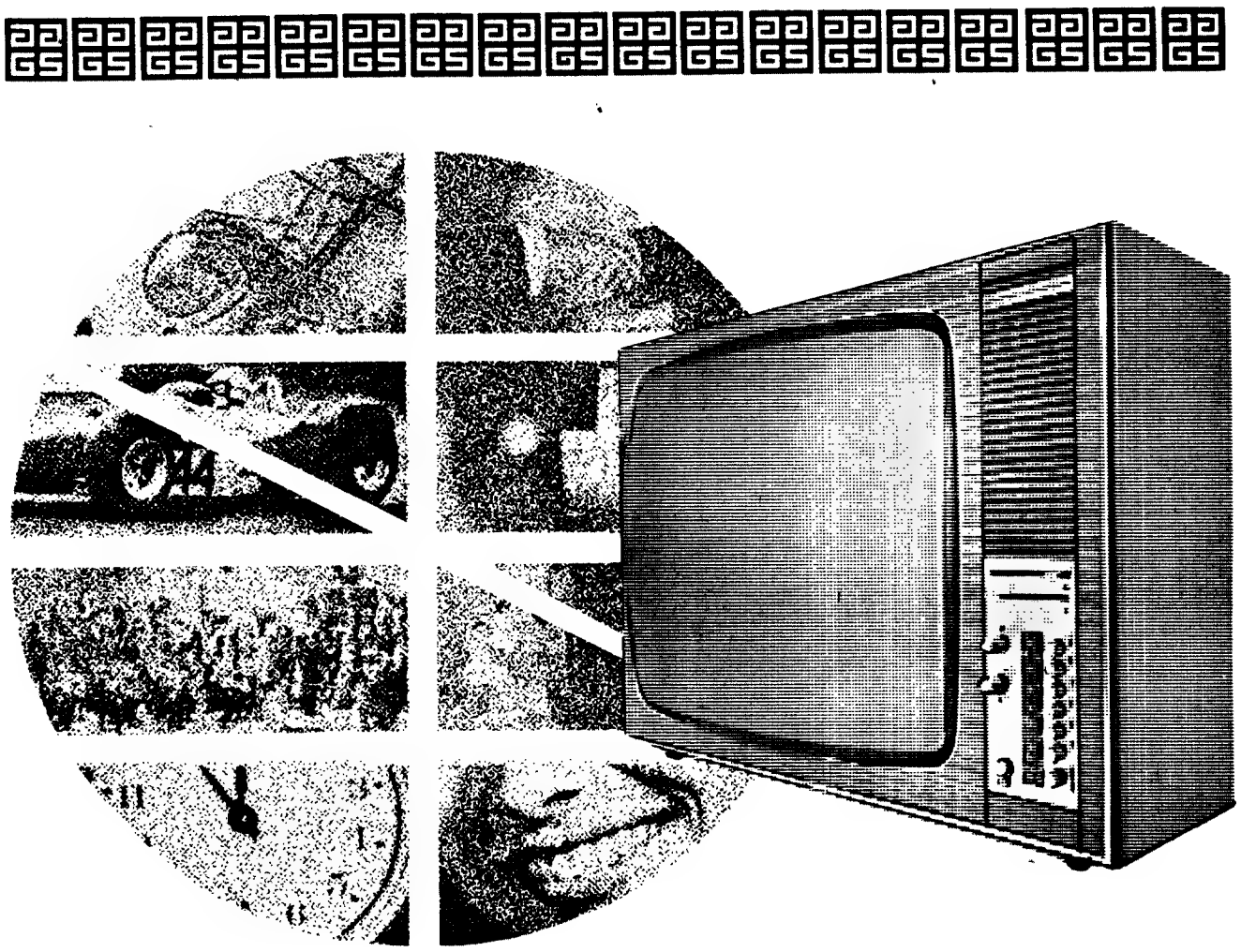
«Em toda a parte, nos jornais, livros e publicações que se referiram ao caso, afirma-se sempre que Moulin foi torturado por mim. Isso não corresponde à verdade. Toda esta literatura é imaginária. As únicas pessoas que poderiam ter sabido qualquer coisa eram a minha secretária e um ou dois homens nos quais tinha toda a confiança. Aquando do seu primeiro interrogatório, Moulin continuou a dizer que se chamava Jacques Martel. **Sou,** afirmou ele, **artista, pintor e desenhador. O senhor tem todos os meus documentos. Não me chamo Moulin».**

«Nesse dia verificou-se um episódio que, sem que eu tenha podido saber como, transpirou. Este episódio foi relatado por esta imprensa a que acabo de aludir, mas de maneira errada. Eis como as coisas se passaram: chamei a minha secretária e mandei-a buscar papel e lápis, após o que pedi a Moulin que fizesse o meu retrato. **«Sois desenhador, não é verdade?».** Moulin sempre com o mesmo ar calmo, pegou no papel e no lápis.

«Começou a fazer alguns traços e, depois súbitamente, parou e pôs-se arir. Ri-me também. Via-se logo que ele era incapaz de desenhar fosse o que fosse.

«Rimo-nos ambos com vontade. Moulin era mesmo uma nulidade em desenho. Até neste aspecto era parecido comigo. Peguei no **«retrato»** que ele fizera da minha pessoa. Escrevi: **«retrato feito por Max»,** datei-o e guardei-o. Foi um destes numerosos papéis que minha mulher teve de queimar depois da guerra.

«Quando nos ríamos juntos, algo se passara. Ele entregou-me o desenho. Eu disse rindo: **«O senhor foi, em Chartes, um bom prefeito. Não mude de profissão.»** Assumiu imediatamente um ar sério e disse: **«Sou de facto Jean Moulin».**



televisores
KÖRTING

Num mundo em que a informação audio-visual adquire cada vez mais importância...
Körting oferece:
– Imagem perfeita e contrastada
– Reprodução de som excelente
Veja o seu programa preferido nas melhores condições: veja-o num
KÖRTING

71KOR–02

DISTRIBUIDORES GERAIS: **J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.**
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL · LISBOA · PORTO

SIM — o melhor segmento

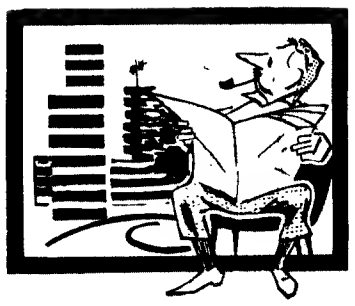
o segmento SIM

Elimina: o consumo de óleo, o fumo dos escapes e renova a compressão

M. DEFAYS, LDA.

Rua do Telhal, 35 e Rua de S. Paulo, 29, 1.º — Lisboa — Tel. 325571 e Porto-Tel. 22178-R. Sá da Bandeira, 502-1.º

AOS SENHORES PROPRIETÁRIOS DE PRÉDIOS E ANDARES



Administramos propriedades, tratando da orientação e fiscalização das obras que os prédios necessitem.

ÊXITO *seguro*

A remuneração do nosso trabalho é feita mediante o pagamento de pequena comissão sobre as rendas recebidas, que libertará V. Ex.ª das preocupações resultantes das actuais dificuldades de mão de obra especializada.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES INVICTA, LDA.

LISBOA — PORTO

LISBOA - Rua dos Sapateiros, 231-1º-Telfs. 34755/369384

Do Nobel ao Racismo

«Uma terrível ideia fixa», definiam-na os seus colegas mais generosos. A vítima, William Shockley, de 62 anos, professor de electrónica na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, prémio Nobel em 1956 pela invenção do transistor, é um dos mais reconhecidos da física dos sólidos. Há já alguns anos a esta parte, Shockley ocupa-se cada vez menos de transistores. Descobriu vocação para a genética, e quando fala em público fá-lo apenas para sustentar a tese por ele preferida: que os negros são genèticamente menos inteligentes do que os brancos.

Foi assim que, no ano passado, obsessionado por esta ideia, fez um pedido formal para manter um curso regular na Universidade sobre a inferioridade genética dos negros. O conselho da faculdade, composto por cinco pessoas, recusou por unanimidade, no dia 1 de Maio, o pedido formulado, afirmando que Shockley não é bastante qualificado e objectivo para enfrentar um assunto tão delicado. Colin Pittendrigh, um biólogo membro do conselho da Faculdade, motivou assim a decisão: Shockley tem preconceitos sobre as capacidades intelectuais dos negros e, embora sendo um óptimo físico, é muito diletante como genetista para poder tomar conta de um curso do género. Dois membros da comissão haviam sugerido deixar ir por diante esse curso, mas de modo a permitir o contraditório aos professores da universidade. A proposta não foi aceite.

Embora nada encorajado, Shockley continua a exotar os seus colegas da Academia das Ciências a empreenderem estudos definitivos sobre a relação entre as raças e a inteligência. Não perde a ocasião, durante as discussões e as conferências, para sustentar que seria necessário dar prémios em dinheiro a todas aquelas pessoas que, com um baixo cociente de inteligência, aceitassem deixar-se esterilizar e que a inteligência dos negros é directamente proporcional ao número de genes «brancos» que comportam.

Discriminação. Até os seus cursos de engenharia têm sido lentamente inquinados por este furor racista. O mês passado, um grupo de manifestantes, mascarados de membros da Ku Klux Klan, invadiu a aula em que Shockley leccionava. O nigeriano Oladele Ajayi, de 26 anos, recém-licenciado em engenharia electrónica, acusou pùblicamente Shockley de o ter insultado mais de uma vez enquanto discutia a sua tese. Ajayi apresentou um protesto formal por discriminação racial através do embaixador nigeriano nos Estados Unidos.

Shockley prefere não falar da invasão da aula nem de Ajayi. Está muito contrariado pela recusa da comissão universitária ao seu pedido. **«É inaudito»**, declarou à **Newsweek** **«é uma aberta violação das regras universitárias. Que medo têm das minhas ideias? Enganaram-se, não terão nenhum séquito. Se há qualquer coisa de justo, é lícito pedir que seja divulgado por todos os meios»**. Mas as teses de Shockley sobre a raça e a inteligência isolaram-no. **«Pobrezinho»**, comentam os estudantes, **«é uma ideia fixa!»**.

Boicotado. William Shockley, ao centro, com dois estudantes de Stanford, um mascarado de membro da Ku Klux Klan. As suas lições têm sido boicotadas: afirma que os estudantes de cor são menos inteligentes do que os brancos.

Pele de emergência

Para tratar feridas e queimaduras, os médicos empregam habitualmente tiras de pele recolhida de cadáveres ou de parentes dos infelizes que dela necessitam. A transplantação da pele impede a perda de água, sais e outras substâncias químicas vitais da ferida, reduz o perigo de infecção e consente melhoras mais rápidas. Quando a ferida está quase curada, o véu de pele é retirado e substituido por tiras de epiderme do próprio paciente (para a qual não há perigo de rejeição).

Para os hospitais, todavia, não é fácil ter sempre á disposição suficientes quantidades de pele para transplantar. As tiras extraídas de cadáveres, conservadas em frigorífico, não duram mais de uma semana. Basta um acidente mais grave do que o habitual (por exemplo, um incêndio com muitas vítimas) para consumir todas as reservas. Agora, porém, está a começar a difundir-se um método para conservar a pele durante mais tempo (para além de seis meses), o qual permitirá aos hospitais ter á disposição verdadeiros bancos de pele para fazer frente a casos de emergência.

Aperfeiçoado, há já alguns anos, pelo prémio Nobel inglês Sir Peter Medawar, o sistema consiste em congelar, a temperaturas baixíssimas (190 graus abaixo de zero), tiras de pele com dez centímetros de largura e 45 centímetros de comprimento, retiradas de cadáveres ou seres vivos com um instrumento chamado dermatomo. Antes do congelamento a água é substituida por uma solução de gliceri-

NO SACO. John Burke e Conrad Bondoc mostram como conservam, no Hospital de Boston, tiras de pele congelada. Desta forma, a pele pode ser transplantada mesmo seis meses depois.

na, que não congela ás baixas temperaturas atingidas pelo processo. A tira de pele, de um quarto de milímetro de espessura, fica emersa na solução de glicerina durante duas horas aproximadamente. Depois é fechada num saco de polietileno e congelada em duas fases: primeiro em gelo seco, depois em azoto líquido.

A parte mais crítica é o congelamento. **«É preciso agir com cuidado e devagar»**, diz Conrad Bondoc, um médico do departamento de queimaduras dos Institutos Shriner de Boston, uma associação filantrópica americana, que já usa há mais de dois anos a técnica de Medawar. De facto, se a diminuição de temperatura é muito rápida, podem formar-se microcristais que destroem as células. **«O degel, pelo contrário»**, continua Bondoc, **«deve ser rápido: a pele deve voltar á temperatura do corpo humano em menos de um minuto»**. O saco de polietileno é mergulhado em água a 37 graus e, em poucos segundos, a pele está pronta para a transplantação.

Bondoc e John Burker, um outro médico do hospital de Boston, começaram há dois anos, depois de terem descoberto que a pele congelada há seis meses a 190 graus abaixo de zero tem a mesma vitalidade do que a conservada em frigorífico durante uma semana, a usar as tiras de pele congelada para transplantação sobre queimaduras. Desde então, têm tratado centenas de casos.

A técnica do congelamento tem igualmente simplificado o tratamento de pacientes com muitas feridas que se curam em fases sucessivas. Até agora, era necessário submeter o paciente a uma pequena intervenção de cada vez que uma ferida estava pronta para receber a nova pele (recolhida habitualmente de uma coxa). Agora, dizem Bondoc e Burke é possível extrair toda a pele necessária de uma única vez, e conservá-la até ao momento de a empregar.

Além do de Boston, há já bancos de pele a funcionar em Bethesda, nos Estados Unidos, em East Greenstead, em Inglaterra e em Villejuif, nas proximidades de Paris. Também em Itália estão programados dois destes bancos: em Pádua e no Centro de Queimaduras do Hospital Principal de Milão. Começarão a funcionar dentro de poucos meses.

A anemia falciforme

Até há pouco tempo, médicos e genetistas consideravam quase nula a possibilidade de curar a anemia falciforme, uma doença hereditária, devida à alteração de um gene, que atinge todos os anos 80 mil crianças, especialmente da raça negra. A anemia falciforme provoca anemia crónica, complicações renais, cerebrais e cardíacas: raramente se sobrevive para além dos 40 anos.

Há semanas, porém, um grupo de estudiosos da universidade americana Rockefeller, em Nova Iorque, anunciou ter descoberto uma nova forma de tratamento farmacológico que poderia modificar os efeitos desta grave e debilitante doença.

Descoberta há cerca de meio século por um médico de Los Angeles, o dr. V.R.Mason, a anemia falciforme (que ataca as células dos glóbulos vermelhos distorcendo-lhes a forma) é devido a uma alteração na composição da hemoglobina, a proteína presente nos glóbulos vermelhos, que transporta o oxigénio através do corpo. Por causa desta alteração, as moléculas de hemoglobina ligam-se entre si, provocando uma distorsão, em forma de foice, dos glóbulos vermelhos. De vez em quando as células em forma de foice acumulam-se nos vasos sanguíneos capilares: o doente é, então, assaltado por violentas crises.

Foi em 1970 que o tratamento da anemia falciforme começou a dar os primeiros passos. De facto, naquele ano, Robert Nalbandian, patologista americano, comunicou ter obtido melhoras nos seus pacientes, injectando-lhes fortes doses de ureia, um constituinte da urina. Esta, segundo Nalbandian, graças à sua capacidade de quebrar as ligações proteicas, impedia que as moléculas de hemoglobina se ligassem umas às outras. Seguidamente, outros investigadores chegaram a pôr a hipótese de que este resultado não dependia necessàriamente da ureia, mas de uma das impurezas na mesma contidas.

Partindo deste pressuposto, o grupo de estudiosos da Universidade Rockefeller, guiado por Anthony Cerami, conseguiu agora individualizar este composto químico: o cianeto de sódio. Durante dezasseis meses, Cerami e os seus colegas experimentaram os efeitos do cianeto de sódio. Aplicando a substância em amostras de sangue doente, recolhido dos anémicos, verificaram que esta, tal como a ureia, impedia a deformação em foice dos glóbulos vermelhos. Além disso, os efeitos do cianeto de sódio sobre as células doentes, diferentemente do que acontecia com a ureia, parecem ser permanentes: os glóbulos vermelhos mantêm a sua forma normal, arredondada, mesmo depois do composto químico deixar de estar presente no sangue. As células tratadas com ureia tendem, pelo contrário, uma vez a substância desaparecida do sangue, a retomar a forma de foice característica da doença. Uma outra vantagem do tratamento à base de cianato de sódio é que requer pequeníssimas doses.

Antes de iniciar a experimentação clínica, o grupo de Cerami verificou a toxicidade do cianato de sódio sobre os animais. **«Até agora»**, disse Cerami em Atlantic City, no decurso do congresso anual das sociedades americanas para a experimentação biológica, **«os estudos feitos com gatos, ratos e símios não têm revelado qualquer efeito secundário»**.

Agora, os estudiosos propõem-se medir o efeito do cianato de sódio, administrado sob a forma de cápsulas, sobre a vida da célula sanguínea. A célula do doente, na verdade, morre muito antes de uma célula normal. Um exame preliminar do sangue de 10 pacientes, sofrendo de anemia falciforme, demonstrou que a vida média dos glóbulos vermelhos tratados com cianato de sódio, se prolongou por nove a vinte e sete dias.

E ainda cedo, porém, para tirar conclusões sobre as perspectivas da terapia. **«Todavia»**, declarou Cerami, **«as nossas experiências provam que o cianato de sódio, em quantidades suficientes para provocar efeitos clínicamente mesuráveis, é bem tolerado pelo homem. Isto encoraja-nos a intensificar e a alargar os exames clínicos e, paralelamente, a estudar os efeitos a longo praso do cianato de sódio»**.

Quartzo no pulso

Atrasa-se ou adianta-se, no máximo, um segundo por ano. Não precisa de corda: se, à direita, tem ainda a rodinha que habitualmente serve para dar corda, é apenas para permitir a quem viaja acertar-se segundo os fusos horários. E alimentado por uma bateria que dura 14 meses e, naturalmente, é substituível. Na prática, o relógio de quartzo com mostrador digital é eterno.

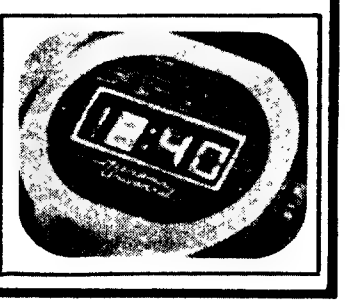
Foi projectado pelo departamento de estudos da Societé des Garde-Temps, de La Chaux-de-Fonds, considerada a terceira casa suiça no campo da relojoaria (em 1968, a SGT estabeleceu-se no mercado americano, absorvendo a Waltham Watch Company, de Chicago, e iniciando uma vasta colaboração com a Optel Corporation, de Princeton, em New Jersey, à qual está agora confiada a construção das peças e dos circuitos miniaturizados do novo relógio).

O protótipo foi apresentado em Março na feira Internacional de Basileia. No que diz respeito ao emprego do quartzo como elemento condicionador e propulsor, não apresenta particulares novidades: estas estão todas na concepção do mostrador, e no facto de o dinamismo do novo relógio se basear em princípios electrónicos e químicos, nada tendo já de mecânico.

Como fonte de energia, o relógio de quartzo serve-se de uma bateria de 1.5 vóltio. Esta comunica a corrente, não directamente ao quartzo mas a dois eléctrodos planos e subtilíssimos de metal que o suportam, formando um campo magnético que imprime ao quartzo um movimento regular, ritmico e velocíssimo, equivalente a 32 768 oscilações por segundo. Nove comatadores encarregaram-se de reduzir estes impulsos a 64 por segundo (de 32 768, dividindo sucessivamente ao meio, passa-se a 16 384, 8192, 4096, 2048, 1024, 512, 356, 128 e, finalmente, 64). Neste ponto entra em função o decodificador, uma espécie de cérebro electrónico miniaturizado que, regulando o afluxo dos impulsos ao mostrador, provoca o aparecimento dos números.

Esbranquiçados. O mostrador foi realizado, desfrutando de uma característica dos cristais líquidos, a de mudar de cor quando são atravessados por uma corrente eléctrica. No relógio de quartzo há uma película de cristais líquidos de espessura de poucos milésimos de milímetro, contida entre duas lamelas de vidro. Destas, a lamela inferior está segmentada de modo a representar quatro 8, cada um dos quais é formado por dois quadrados, um sobre o outro, com um lado comum. Quando num segmento de um 8 passa corrente, os cristais líquidos tornam-se esbranquiçados e, portanto, visíveis através da lamela superior. Os impulsos que activam os vários segmentos (por forma a formar todos os algarismos de zero a nove) recebem os comandos do decodificador.

O preço oficial do novo relógio não foi comunicado, mas sabe-se que custará menos de 700 francos suiços, isto é, cerca de 4500 escudos. Será, durante pouco tempo ainda, o único relógio digital do mundo. A firma Microma Universal, de Mountain View e a Optel, de Princeton, dois fabricantes americanos de componentes electrónicos, estão já a produzir unidades digitais no estado sólido. Dentro de um ano, segundo **Business Week**, terão vendido mais de 275 mil unidades a fabricantes de relógios americanos e suiços.



CRISTAIS. Um relógio de pulso sem componentes mecânicos. Os números formam-se no mostrador pela activação de uma lâmina subtil de cristais líquidos

maravilhosa solidão a dois

A experiência vivida vale 1000 imagens.
Viver a experiência — os dois e um Triumph Spitfire MK IV.
Viver em alegria, em grande estilo, em plena juventude.
Os dois e um Triumph Spitfire MK IV.
Desportivo. Enérgico.
E note o sorriso feliz de quem vai a seu lado...
Pois! o Triumph Spitfire também não se empresta aos amigos.

Cilindrada 1300 c. c.
Potência máxima
75 cv. a 6000 r. p. m.
Raio de viragem 3,65 ms.

novo TRIUMPH SPITFIRE MK IV

Tem a pinta da família!

72 TRF-SP-01

Em exposição e venda nos «stands» de: J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.
Lisboa — Rua Camilo Castelo Branco, 2-D Tel. 537181 — Porto — Rua da Constituição, 225 Tel. 02-44071/40352 e Alexandre Braga, 130 Tel. 02-29121/2/3
Matosinhos — Av. Serpa Pinto Tel. 02-930262

CAFER — Rua Júlio Diniz, 858—Porto Tel. 02-691074/60075

Continuação da pag 14

CAGLIOSTRO

recebido uma carta anónima em que o informavam da existência de uns tantos franceses decididos a raptar o mago.

A notícia foi confirmada pelo governador de Macerata, a quem tinham referido que dois indivíduos, de uns quarenta anos, tinham vindo do outro lado dos Alpes para organizar a fuga. O receio de uma evasão criou uma tal, psicose que Semproni pediu (inùtilmente) a exoneração do cargo de governador, tendo o cardeal ordenado que o preso não saisse da cela, fosse por que motivo fosse. A ameaça — advertiu — podia mesmo vir do céu. Raptar o prisioneiro por meio de um balão, seria mais fácil do que dar-lhe fuga pelas vias normais. San Leo, dada a importância da sua construção e a inacessibilidade do sítio, era pràticamente, inexpugnável por terra. Mesmo que se recorresse a um balão não seria fácil descer dentro da fortaleza, embora, ainda assim, a operação comportasse menos riscos.

Para evitar a ameaça, o mago foi levado da cela do «tesouro» para o «poço», denominada mais tarde «a cagliostrina». Se a primeira era um ninho de ratos, esta agora era uma sepultura, com os seus três metros e quarenta de largo, três de altura e outros tantos de comprimento. Dispunha de uma fresta gradeada, de trinta centímetros por setenta, para lá da qual se via a paróquia e a igreja da aldeia.

Parecia ter sido escavada naquele ponto precisamente **«para que aqueles que não querem ver igrejas, só igrejas tivessem diante dos olhos»**. Como tortura, não estava ma, engendrada. Ao «poço» não se tinha acesso por meio de uma porta mas por uma abertura feita no tecto, linada a uma escada de quin e degraus. Era por tal abertura que desciam as refeições e as mudas de roupa.

VIGILÂNCIA

Antes de ali o sepultarem, Cagliostro foi despido e minuciosamente revistado, tendo-lhe sido encontrado um pequeno calendário, oferta de um carcereiro, em cuja capa escrevera: **«Pio VI, para corresponder à avidez da rainha de França, procurou fazer-me sofrer e comigo à inocência. Ai da França, ai de Roma e dos seus apaniguados»**. O que espantou os carcereiros foi como é que ele tinha conseguido escrever, se não dispunha de pena nem tinta. Foi ele próprio a revelá-lo: a pena fizera-a com uma palha tirada do colchão, a tinta tinha-a fabricado misturando cotos de vela, urina e ferrugem.

O mago não se mostrou satisfeito com o novo alojamento. A cela do «tesouro» não era o que se pode dizer um luxo, mas comparada com aquela acabava mesmo por o ser. Começou a praguejar, pedindo e rejeitando os alimentos. Já estava habituado aos jejuns, mas aqui exagerou-os: às quartas e sextas não comia nada de nada, nos outros dias ensopava um pedaço de pão numa escudela de água. O governador, que tinha ordem para que nada faltasse ao preso, mandava preparar, a fim de lhe estimular o apetite, os mais suculentos pratos: macarrão com queijo e manteiga, frango assado, chocolate, de que Cagliostro era grande apreciador.

Mas o preso recusava tudo: com o jejum — dizia — procurava remir os seus pecados e protestar contra uma sentença injusta. O cardeal Dória advertia Semproni: **«Quanto mais ele afectar devoção mais convem não deixar-se surpreender e enganar pelas suas astúcias»**. Assim, enquanto os outros presos eram submetidos a duas inspecções diárias, Cagliostro recebia, a todas as horas do dia e da noite, a visita do tenente Gandini ou de qualquer um dos seus ajudantes, que o despiam da cabeça aos pés e espiolhavam todos os recantos da cela. Um dia, furioso, pegou no banco e fez menção de o atirar à cabeça do cabo da guarda, que o castigou à chicotada.

Ao aproximar-se o Dia de Todos os Santos, exortado pelo dominicano Bussi, suspendeu a greve da fome, com grande alívio de todos, voltando a comer macarrão, frango, chocolate e a beber os três jarros de vinho *«tinto e bem apaladado»*. Certa manhã, quís confessar-se. Semproni mandou-lhe, imediatamente, um padre. O mago falou com este durante horas e horas, sem parar, fazendo-lhe um minucioso e estrambótico inventário dos seus pecados, batendo, continuamente, no peito e fazendo o sinal da cruz.

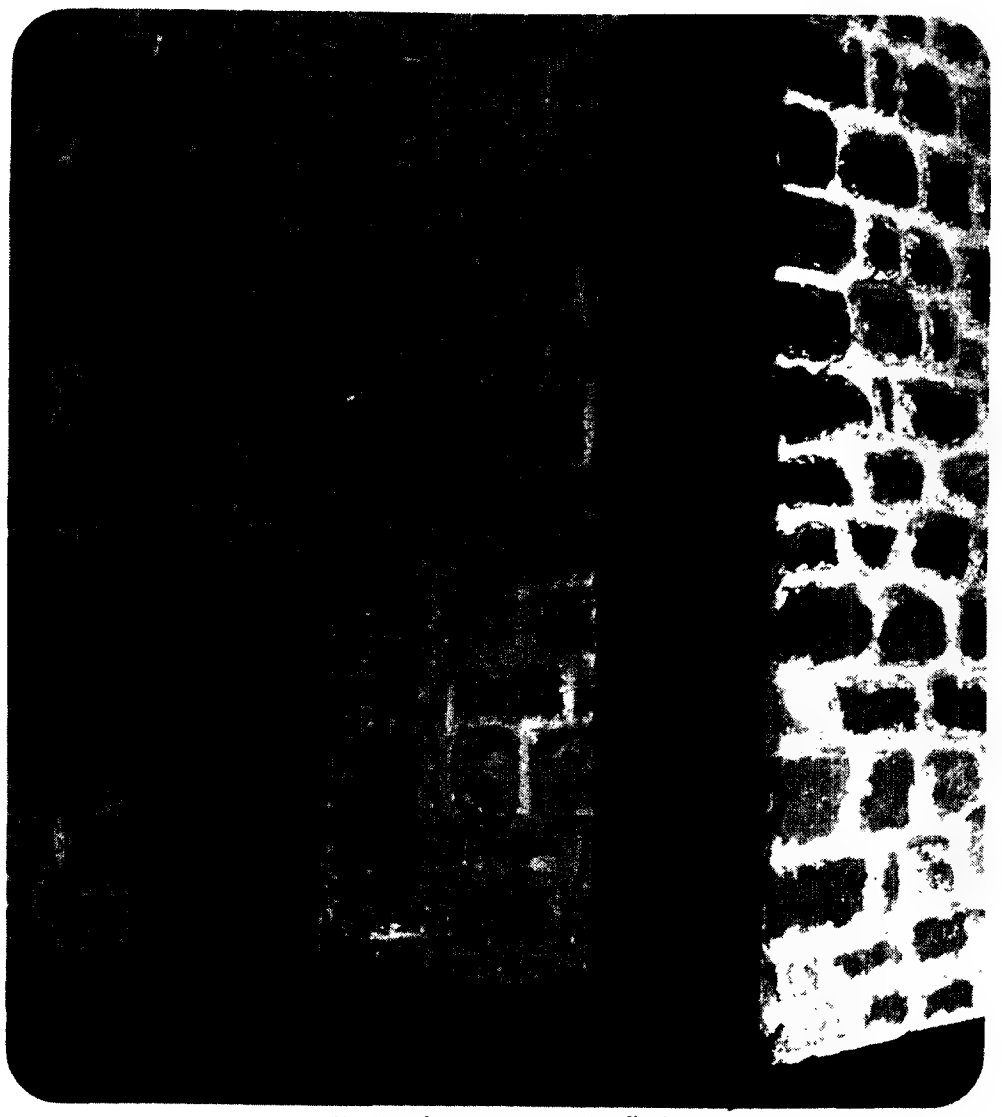
Mas quando o confessor, impressionado por tanta devoção, fez o sinal da absolvição, o preso pôs-se de pé e intimou-o:

. *«Ato aî, meu padre, que isso não quero, porque não serve para nada, não acreditando eu no Papa, no bispo, nem em si, considerando-me cismático, pelo que apelo para o Sacro Colégio dos cardeais»*. Fez seguir a isto uma série de pragas e insultos contra o Papa. Antes de o sacerdote, sem pinga de sangue, ter deixado a cela, entregou-lhe um bilhete, escrito com urina, em que chamava o Pontífice de herético e o excomungava. Apareceu, entretanto, Semproni, a quem Cagliostro atirou uma saraivada de cotos de vela.

O ÓDIO

No dia 13 de Novembro, o governador transferiu-o, provisòriamente, para a cela do «tesouro», tendo o conde arrancado uma perna da mesa e tirado do catre um prego de ferro com o qual pretendia forçar as grades da janela e fugir. O governador mandou substituir a mesa e apagar certas frases e desenhos blasfemos que o detido tinha traçado nas paredes, após o que foi reconduzido ao «poço».

Em Janeiro de 1792 recomeçou com a greve da fome



Nesta cela esteve preso Cagliostro

para protestar contra uns guardanapos *«de boa qualidade mas não suprafinos»* e contra um par de lençóis *«de óptimo linho, mas mal passados»*. Tornava-se cada vez mais colérico e desconfiado, irritava-se por uma coisa de nada, bastava ver o cabo Mairini, ajudante do tenente Gandini, para perder a cabeça. Mairini era um ignorante, grosseiro, sempre pronto a bater, odiado pelos colegas, mas protegido por Semproni, de quem era o guarda-costas. Correspondia ao ódio de Cagliostro e não perdia ocasião para o demonstrar: ao mínimo gesto desagradável, mandava-o moer de pancada.

No dia 5 de Fevereiro de 1792, voltou a dizer que se ia suicidar. Os guardas caíram na cela e deram com ele preso de vómitos e de uma espécie de dança de San Vito. Acorreu o médico e o prisioneiro atirou-se-lhe aos pés, suplicando que lhe aplicasse um clister, o que pouco cristãmente lhe foi recusado. O governador mandou examinar uma mixórdia fedorenta espalhada pelo chão, que, segundo o preso, era constituída por alimentos vomitados. Comida era, mas Cagliostro nunca a tinha engolido. Os vómitos tinham sido provocados, bebendo o preso água quente e metendo dois dedos à boca. Pouco depois, recebeu a visita de um padre que lhe falou do Inferno, exortando-o à obediência e à oração, mas o mago nem sequer se deu ao trabalho de o ouvir. No dia seguinte, rejeitou a travessa com o almoço e o jantar, afirmando que a massa estava mal cozida, o pombo era duro, o vinho ordinário. Voltou a falar em suicídio. O tenente redobrou a vigilância. Alexandre Cagliostro acalmou e, durante dois meses, não fez tropelias. Parecia resignado.

Passava o tempo a desenhar nas paredes retratos da Virgem, crucifixos, altares, cenas bíblicas e evangélicas. Fez também um autoretrato, apresentando-se a bater no peito com a mão direita enquanto, com a outra, segurava um crucifixo. Num acesso de humildade, pediu aos carcereiros que o não tratassem por conde nem por senhor mas por José, ou até mesmo por «José pecador». Confessava, em altas vozes, as suas próprias culpas, recitava o rosário, vestia sobre a pele nua as roupas mais sujas e esfarrapadas, calçava ta-

Continua na pág 20

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

MELITOL PROTECÇÃO MARCA REGISTADA

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sucor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng. Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACILITAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis

Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»

«EVOPRUFE» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização.

PROVER — Endurecedor dos pavimentos de cimento, resistente ao desgaste, à formação de poeiras e alguns ácidos.

RAPID — Acelerador de presa e estancar águas.

MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nas clarabóias.

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3.º Telefs 361805 - 322118

LISBOA - 2

MATTEL

SECRETÁRIA

MATTEL INC (PORTUGAL) LDA.

CALDAS DA RAINHA

NECESSITA SECRETÁRIA COM EXPERIÊNCIA, FALANDO INGLÊS E CONHECENDO TECLADO INTERNACIONAL. OFERECE-SE POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO EM COMPANHIA INTERNACIONAL.

RESPOSTA AO DEP. PESSOAL. APARTADO 72, CALDAS DA RAINHA. INDICAR EXPERIÊNCIA, IDADE E VENCIMENTO PRETENDIDO

OS ÚLTIMOS DIAS DE CAGLIOSTRO

Continuação da pag 19

mancos em vez de sapatos, tirara os lençóis da cama, mantendo, apenas, uma áspera manta de lã. Invocava a mulher, que supunha detida na fortaleza, pedia para ser punido pelas culpas dela. Quase não tocava na comida. As raras vezes em que metia qualquer coisa à boca, entre um bocado e outro, fazia o sinal da cruz, erguendo, contrito, os olhos e as mãos para o céu.

O bispo, edificado com tanto zelo, ofereceu-lhe uma clépsidra para «medir as suas espirituais meditações», tendo, um dia, ido visitá-lo. Cagliostro pediu-lhe autorização *«para poder dispor dos restos da sua comida em favor dos soldados mais pobres do presídio, ou, então, empregá-los em cera e objectos sagrados de que a capela da fortaleza necessitasse, enfim, que se nenhuma destas coisas fosse aprovada, se sentiria satisfeito se, no futuro, lhe fossem atribuidos três escudos por mês, para alimentação»*.

AS PROFECIAS

«O estado de calma e moderação manifestado, durante longo tempo, por Cagliostro», escreve Matteini, *«ao mesmo tempo que fizera correr o boato de que o preso tinha morrido, não convenceu, por outro lado, os cardeais Zelada e Dória, e, muito menos, Semproni. Este último previa que o aventureiro acabaria, dentro em breve, por se tornar um louco furioso, com perigo de grave escândalo para quem o pudesse ouvir»*.

De facto, com o súbito agravamento do seu estado de saúde, mudou de humor. A sífilis agravava-se, subia-lhe a tensão, os dirtúrbios urinários provocavam-lhe dores terríveis que o médico aliviava com «pílulas do Pievano» e clisteres à base de infusão de ervas.

Voltou a fazer cenas. Um dia, agarrou-se as grades da janela e pôs-se a gritar que o queriam matar. Para o calar, o governador ameaçou-o com umas boas bastonadas. Doutra vez, anunciou que renunciaria a boa parte da comida em troca de um capote novo de «pêlo escuro», como o que vestiam os *«antigos santos anacoretas»*. O governador mandou-lhe fazer o tal capote.

À ameaças de suicídio e aos jejuns acrescentou as profecias. No dia 22 de Março, confidenciou ao padre Bartolini que Deus lhe tinha pedido que salvasse a Igreja dos seus inimigos. Doutra vez, anunciou uma revelação da qual — dizia — dependiam o futuro da Igreja e do Papa. Convidado a referi-la, respondeu que o não podia fazer de viva voz. Deram-lhe papel e uma pena. Encheu duas folhas, entregando-as ao governador, que as fez chegar às mãos do cardeal legado. Pedia ao Papa que o mandasse pregar o Evangelho entre os infiéis.

Como ninguém o levasse a sério, recomeçou as suas imprecações contra a Igreja, o Papa, os cardeais, a Virgem, os dogmas. Chegou, por fim, a acusar o Papa de lhe ter roubado quinze mil escudos. Tornava-se cada vez mais arrogante e furioso. Nem sequer as bordoadas, dadas sem conta nem medida, o amansavam.

Em Julho de 1794, passou para outra cela. Aqui, as revelações assumiram um ritmo verdadeiramente frenético. Eis a mais sensacional, recolhida por Semproni: *«Proferidos, com o ar falso do costume, vários e terríveis insultos e feitas muitas afirmações heréticas, disse que me queria revelar um segredo de capital importância, só dele conhecido: nos palácios apostólicos queria atentar-se contra a vida do Papa. Respondi-lhe que isso era falso e que só um oráculo divino poderia revelar semelhante conspiração. Afirmou-me, então, que há mais de dois meses alguns inimigos do Papa tinham introduzido nos seus aposentos uma jovem e belíssima mulher, vestida de homem, que por meio de veneno ou de uma arma qualquer, acabaria por assassinar o vigário de Cristo»*. A profecia fez sorrir o zeloso responsável pelo presídio, que, no entanto, se apressou a comunicá-lo aos seus superiores, os quais informaram o secretário de Estado e o Papa.

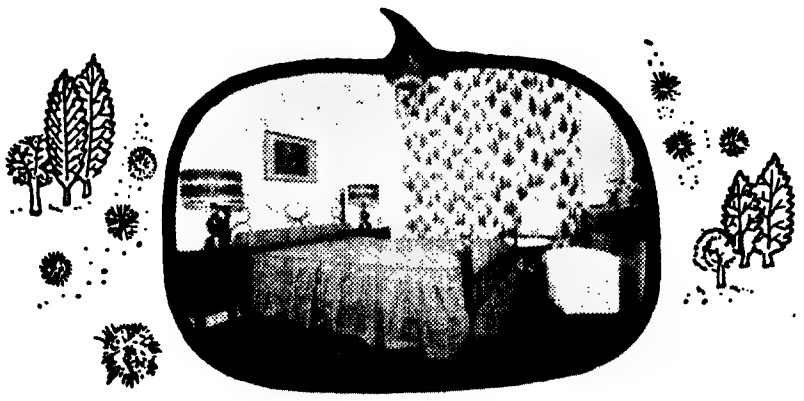
Serafina Feliciani, mulher de Cagliostro

A MORTE

Foi a última visão do conde. O seu estado de saúde agravava-se cada vez mais e todos os tratamentos se revelaram inúteis. No dia 23 de Agosto, o carcereiro, entrando na cela, viu-o sentado na cama, com as mãos na cara, torcendo-se em horríveis convulsões. O médico diagnosticou uma apoplexia, com consequente paralisação do lado esquerdo. O capelão do presídio, com a urgência que o momento exigia, acorreu com o viático, mas o preso mandou-o embora. O religioso advertiu-o de que se não se preparasse iria para o Inferno. O mago não só não respondeu como, temendo que atribuíssem o seu silêncio à síncope que lhe tirara a fala, voltou-lhe as costas.

Durante três dias, que foram quantos durou a agonia, não quís ouvir falar de confissão, comunhão, nem

em Lisboa



e arredores

Coimbra Porto e Luanda

pode comprar a

J. PIMENTA, S.A.R.L.

Desde 180 contos

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS

UM BOM INVESTIMENTO DO SEU CAPITAL

- LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
- LISBOA (Olivais)
- AMADORA
- REBOLEIRA
- PAÇO DE ARCOS
- CASCAIS
- COIMBRA
- PORTO
- LUANDA

Informações:

Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Praça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PUBLICO

Novo produto para DEIXAR de fumar

Recomendado por distintos médicos portugueses, as drageias «FUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço a pronto 375$00, ou em 2 mensalidades de 200$00 cada. Pedir o produto à cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Z. mig Departamento Distribuidor. Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — PORTO — Telef. 67272.

portas Valdorém Ap. 76 Tomar . Portugal

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Martins Herbert - SANTA COMBA DÃO

AUTO PORTUGUESA, LDA.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 50-A — LISBOA

BANCO
DE ENSAIOS ELECTRÓNICO
FOCAGEM DE FARÓIS
ALINHAMENTOS DE DIRECÇÃO
CALIBRAGEM DE RODAS
ENSAIOS DE AMORTECEDORES
SUSPENSÕES, TRAVÕES
SERVIÇOS ELÉCTRICOS
E MECÂNICOS RÁPIDOS
MONTAGENS PNEUS
PREÇOS
EXCEPCIONAIS

OFICINAS PRÓPRIAS C/ PESSOAL DEVIDAMENTE ESPECIALIZADO

Já lhe passou pela ideia que o seu filho está a um passo dos exames?

Dê-lhe um estímulo para vencer essa GRANDE batalha.

FOGO DE ARTIFÍCIO

TRAV. NOVA DE S. DOMINGOS, 10

Pio VI, que mandou prender Cagliostro

de Deus, recusando, desdenhosamente, todos os compromissos com tão pouco misericordiosos ministros. *«Por fim, justamente ofendido com um ímpio, que tinha, arrogantemente, violado as suas santas leis, Deus abandonou-o aos seus pecados, deixando-o, miseràvelmente, morrer; exemplo terrível para todos quantos cedem aos prazeres mundanos e aos delírios da moderna filosofia».*

Cagliostro morreu no dia 26 de Agosto. O arcipreste da paróquia de San Leo, o padre Luigi Marini, escreveu a certidão de óbito, descoberta, em Urbino, pelo advogado Pietro Corbucci: *«Ano do Senhor de 1795, 27 de Agosto _ San Leo. José Bálsamo, dito conde de Cagliostro, de Palermo, baptizado, mas incrédulo, homem de má reputação, depois de ter espalhado por diversas nações da Europa a impia doutrina da maçonaria egipcia, para a qual conquistou, com subtis enganos, um infinito número de discipulos, viu-se metido em diversas peripécias, de que escapou sem dano, graças à sua astúcia e habilidade. Finalmente, por sentença da Santa Inquisição, foi condenado a prisão perpétua na fortaleza desta cidade, com a esperança de que se arrependesse, tendo suportado com fimeza e obstinação os desconfortos do cárcere, durante quatro anos, quatro meses e cinco dias. Atingido, de súbito, por um ataque apoplético, de mente pérfida e mau coração como era, não tendo dado o mínimo sinal de arrependimento, morreu sem deixar saudades, fora da comunhão da Santa Madre Igreja, na idade de 52 anos, 2 meses e 18 dias. Nasceu infeliz, mais infeliz viveu, infelicissimo morreu no dia 26 de Agosto do supracitado ano, às 22 e 45. Fizeram-se orações públicas para que Deus misericordioso perdoasse as obras das suas mãos. Como herético, excomungado, pecador impenitente, foi1lhe negada sepultura segundo o rito eclesiástico. O cadáver foi sepultado na ponta extrema do monte que olha para Ocidente, quase a igual distância das duas guaritas destinadas às sentinelas, denominadas, comummente «o palácio» e «o casino», no terraço da Reverenda Câmara Apostólica, no dia 28, às 18 e 15».*

SEPULTAMENTO

O governador, para se assegurar de que o preso tinha verdadeiramente morrido (temia-se, ainda, que estivesse a fingir) passou-lhe um facho aceso pelos pés, que se não mexeram. Às seis da tarde do dia 28 de Agosto o cadáver do mago, desfigurado pelos espasmos da agonia e em adiantado estado de putrefacção, foi deposto, por quatro guardas, no peitoril de uma janela e levado para fora da fortaleza, a fim de ser sepultado. Os carcereiros, com a macabra carga aos ombros, desceram uma escada até à altura de um poço. Aqui pararam e apoiaram o caixão no parapeito. Fazia muito calor, estavam todos cobertos de suor, pelo que foram matar a sede numa taberna, bebendo um copo de vinho. Regressados ao poço, pegaram, de novo, no caixão, dirigindo-se para o local da sepultura. Cavaram, apressadamente, um cobal e lançaram para lá o cadáver. puseram-lhe um tijolo debaixo da cabeça e um lenço sobrd a cara, taparam a cova e, cantarolando, regressaram ao presídio.

Muitas lendas surgiram sobre os últimos dias de Cagliostro. Mas os documentos conservados no arquivo de Pesaro provam, sem margem para dúvidas, que José Bálsamo esteve preso em San Leo, ali tendo morrido. Uma morte mais de José Bálsamo do que de Cagliostro.

Crónica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ

O TEJO CLARÍSSIMO

Vejo Lisboa de um quarto andar da Rua Castilho, numa destas manhãs cheias de sol em que tudo parece querer renovar em mim a constantemente maltratada alegria de viver. Mesmo em frente da janela, o verde das árvores do Parque Eduardo VII, levemente ondulantes por graça de um fraquissimo vento que sopra dos lados da Penitenciária. Por detrás os arranha-céus da Fontes Pereira de Melo — o símbolo da cidade que, sendo embora antiga, diàriamente se transforma. Mais ao longe, o casario de telhados vermelhos, interrompido aqui e ali (mas tão pouco, infelizmente!) por pequenos espaços verdes através dos quais o burgo respira (mal).

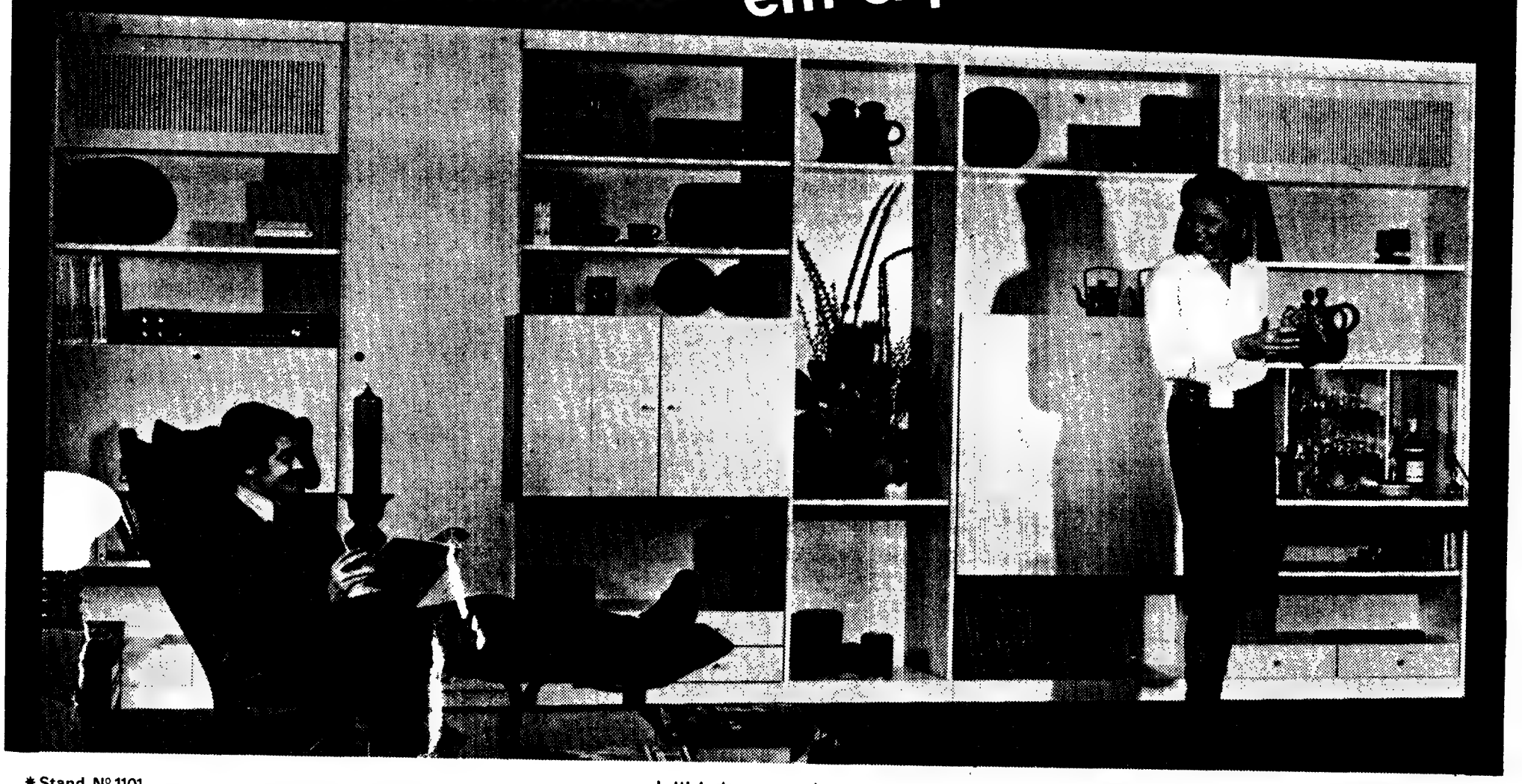
Debruço-me um pouco, até ver o Tejo. E uma nesga, mas sem ela estaria incompleto o quadro: não concebo Lisboa sem o rio. E por isso que, muitas vezes, me ocorre o tema do aproveitamento integral dessa enorme riqueza de que a capital dispõe. Integral, repito.

E Armindo Rodrigues quem numa das suas belas odes ao nosso rio, diz a certa altura: «À tua beira, Tejo, o coração se me compraz». Poucos poetas de Lisboa a têm cantado inteira. Mas Armindo Rodrigues, nas suas «Odes ao Tejo» (e são catorze), retrata-a tão perfeitamente na sua vida ribeirinha - e dessa forma toca tão fundo naquelas coisas que mais amo - que, não raro, dou comigo a repetir-lhe versos e, ás vezes, ai de mim!, esquecido de que são dele e não meus.

O que me dói no Tejo é a Outra Banda: as montanhas de fumo poluidor que o ensombram - uma fumarada espessa, violácea, quase parecendo letal. Trata-se do fundo escuro que, em nome do progresso, se implantou num quadro claríssimo.

interlübke mobiliário lacado de alta qualidade

em exposição* na FIL72



* Stand Nº 1101
Feira Internacional de Lisboa
Pavilhão nave central

Apartado 2488
Lisboa

mobiliário moderno
em elementos funcionais
concebido para o seu bom gosto

interlübke®

COMPRE... PAGUE... LEVE

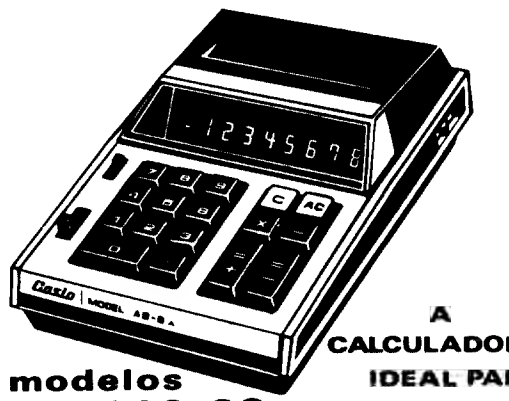
SÓ VENDEMOS A PRONTO

Máquinas de lavar 5 kg automáticas	4.500$00
Televisores 2 canais	2.990$00
Máquinas de lavar louça	5.500$00
Panelas de pressão Marmitex desde	350$00
Fogões — 4 queimadores c/ forno grande	1.750$000
Frigoríficos 140 L.	1.900$00
Frigoríficos 200 L.	2.200$00
Esquentadores 10 L.	1.900$00

FEIRA DE ELECTRODOMÉSTICOS

Avenida da Republica, 60 (junto ao Campo Pequeno)

CALCULADORAS ELECTRÓNICAS CASIO



A CALCULADORA IDEAL PARA BALCÃO

22 modelos desde 7.000$00

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

EFICEX KIENZLE

Lisboa: Av João XXI, 4-A tels. 72 70 28 - 72 70 19
Porto: R. Passos Manuel, 226-1.º esq. tel. 306 98

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.
Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º (esq. do Rossio)
Telef. 369384 5 6

AOS EXPORTADORES DE FRUTAS E VEGETAIS

NEGOCEIE COM UMA ORGANIZAÇÃO ENTRANDO NO MERCADO COMUM

THE METRO EXPRESS LAB.º GROUP
FRUIT — VEGETABLES — IMPORTERS

ESCRITÓRIO:

8. Victor House, Barlhouregh Garden
London, N. 20 England

Tel. 01-368-7484. 5 linhas

CHÁ DE HAMBURGO

LEGÍTIMO

ESTIMULANTE DIGESTIVO
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

BÍBLIA SAGRADA

1200 páginas de texto em óptimo papel

bonita encadernação com letras douradas na capa
PREÇO POPULAR 50$00
Oferecemos uma capa de plástico, em cromo
e uma agenda
VISITE O PAVILHÃO N.º 11 — FEIRA DO LIVRO 1972

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

ESTALINE

(Continuação da pág. 15).

ki; satisfação rumorosa e camponesa nos generais do Exército Vermelho dos anos vinte (Budionnj).

O retrato de Estaline, executado por um fotógrafo oficial, é já dos fins dos anos trinta, depois da trágica conclusão das «grandes depurações». O rosto de Estaline aparece-nos, tal como era, um tanto inchado, salpicado de bexigas, de traços pesados. Trata-se de um retrato quase sinalético, que nunca foi tornado público. Conhece-se a sua versão correcta, retocada no laboratório: a pele lisa, os traços adoçados, os contornos esfumados. Trata-se de um dos retratos mais conhecidos da iconografia oficial de José Estaline.

Afirma-se, no entanto, que nos arquivos da Biblipteca lenine, por enquanto inacessíveis, estão guardadas todas as chapas originais, em que aparecem os protagonistas da Revolução de Outubro.

As fotografias que reproduzimos foram encontradas em poder de alguns cidadãos moscovitas que apesar do conformismo reinante, corajosamente as conservaram.

Trata-se de retratos de dez personagens (entre as quais o próprio Estaline) protagonista da história russa dos anos vinte em diante. Abre a série Kliment Efremovic Voroscilov. Nascido em Verchij, em 1881, filho de um ferroviário, foi conselheiro militar de Estaline e reorganizou o Exercito Vermelho, na base da motorização. Marechal em 1935, presidente do Presidium do Soviete Supremo em 1953, demitiu-se por motivos de saúde em 1960, morrendo em Moscovo, em 1966.

Anatoli Vasilievic Lunaciarski, nascido em 1875, político e escritor esteve entre os que lançaram as bases da nova «cultura proletária». Depois da Revolução de Outubro, tornou-se comissário do povo para a Educação, cargo que manteve até 1928. Morreu em Mentone, em 1933.

Semen Michailovic Budionnj, de oitenta e nove anos é o único personagem entre os que apresentamos ainda vivo. General quase lendário, reorganizou a cavalaria, tendo combatido no Don, no Cáucaso, na Polónia, na Crimeia. Em 1941, foi-lhe confiado o comando do sector sul-ocidental.

Amigo pessoal de Estaline, Grigori Kostantinovic Ordzonikize colaborou como chefe do secretariado caucasiano do Partido, na repressão dos comunistas georgianos, tendo-se tornado membro do Politburo e comissário da Indústria Pesada. Suicidou-se em 1937.

Anna Andreevna Achmatova, pseudónimo de A. A. Gorenko, é considerada a maior poetisa russa deste século. Nascida em Odessa em 1888, morreu em Moscovo, em 1966. Casou-se com o poeta Gumilev, e, em segundas núpcias, com o arqueólogo Silejko; foi muito amiga de Maldestam, o escritor antiestalinista morto num campo de concentração. Em 1946, foi expulsa da União dos Escritores Soviéticos, acusada de derrotismo.

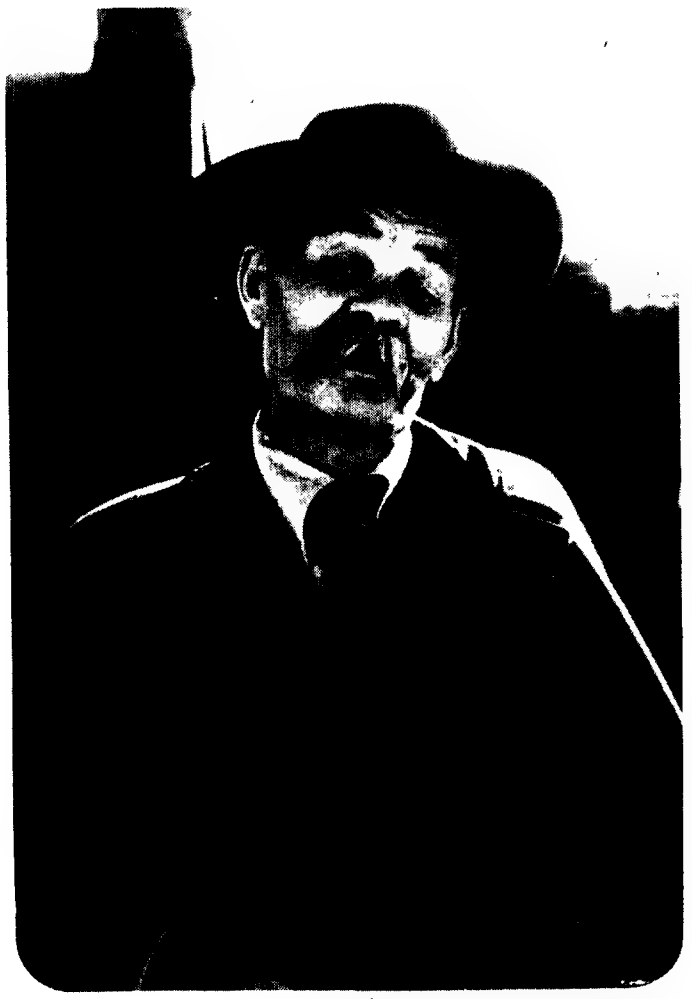
Vladimir Vladimirovic Maiakowski, considerado o criador da poesia revolucionária, interessou-se também pelas artes plásticas e o teatro. Viveu longo tempo em Berlim, Paris e na América. Esmorecendo em si o entusiasmo revolucionário, suicidou-se em Moscovo, em 1930, com um tiro de pistola no coração. A sua cidade natal, na Geórgia, tem hoje o nome do poeta.

Sergei Michailovic Eisenstein é o mais célebre realizador russo, autor de obras-primas como «O Couraçado Potemkin» e «Ivan, o Terrível». Filho de judeus convertidos de origem alemã, nasceu em Riga, na Letónia, em 1898; interrompeu os estudos de engenharia para ser cartazista do Exercito Vermelho. Morreu em Moscovo em 1948.

O escritor Máximo Gorki, pseudónimo de Aleksei Maksimovic, nasceu em 1868, em Novgorod, cidade que tem hoje o seu nome. Orfão, vagabundeou pela Rússia, trabalhando como moço de recados, jardineiro e ajudante de cozinha, até ter encontrado em Tiflis, trabalho num jornal. Viveu, durante um certo tempo, em Capri. Após a Revolução de Outubro, abandonou a política activa para se dedicar á organização da cultura. Morreu em 1936, em Moscovo, envenenado ao que se diz por ordem de Estaline.

A última fotografia é de Nadeida Konstantinovna Krupskaia, nascida em Petersburgo, em 1869. Casou-se com Lenine, em 1897.

Activíssima agitadora retirou-se após a morte do marido, da vida política, morrendo, em Moscovo, em 1939.



Gorki.

AVISO

– As Empresas de Viação EDUARDO JORGE e GASPAR, informam que a partir do próximo dia 12 (inclusive) o local de início e términus das carreiras da Rua Jardim do Regedor é alterado para o Parque Eduardo VII.

– Os despachos de bagagem continuam a ser feitos na Rua Jardim do Regedor.

VENDEDORES
(MOTORISTAS)

Grande Empresa do Porto, admite para a sua rede de distribuição de produtos alimentares em Lisboa, candidatos com:

— 2.º Grau da Instrução Primária (mínimo)
— Carta de condução de pesados profissional
— Boa apresentação
— Serviço militar cumprido
— Idade máxima: 30 anos
— Bom conhecimento da zona de Lisboa

OFERECE-SE:

— Boa estabilidade de emprego
— Vencimento fixo com comissões entre 4.300$00 e 5.000$00.
— Gratificações anuais
— Outras facilidades sociais

Resposta à Delegação deste Jornal, ao n.º 218. Rua do Almada, 30 - 2.º, Porto

TASCAS

Uma pequena parte da populaçao de Lisboa, constituída sensìvelmente pelas mesmas pessoas de há dez anos para cá, frequentam as 1171 tascas que existem na capital. Um inquérito informal feito nas imediações dos «estabelecimentos de venda de vinhos» revelou que as causas desse fenómeno são muito semelhantes: «Porque não frequento esses meios!» «Porque são sujas!» «Porque têm mau ambiente!», foram as razões mais apontadas.

As diversas respostas (e sobretudo o ar com que foram apresentadas) são bem significativas do alheamento com que o «cidadão acima de toda a suspeita» se compraz a olhar o que o rodeia.

Na tasca a distinção de cor é unívoca __ tinto ou branco.

Texto de
CARLOS MORAIS

O VINHO MALDITO

Um contacto mais próximo com esses meios leva à conclusão de que o vinho é sobretudo pretexto de outras coisas. As tascas são principalmente espaços humanos que até agora conseguiram escapar à sofreguidão da super cidade e onde, pese embora o cheiro do vinho e o barulho desinibido das vozes, ainda subsistem o convívio estreito e a proximidade voluntária dos homens nas horas vagas.

«Mão que ampara copo, ampara amigo!» é dito que a maioria silenciosa provàvelmente desconhece.

Pagar um copo é, na maioria das vezes, um gesto anónimo que contrasta singularmente com o acto envernizado do pagamento de uma despesa no café. «Pagar uma rodada» em circunstância nenhuma corresponde a desejo ou necessidade de afirmação. **«É bonito!»**, limita-se a comentar o ti'Chico da Severa, velho patriarca da Mouraria que se transferiu há mais de trinta anos do Cartaxo com armas e vasilhame.

MISSÃO IMPOSSÍVEL

Aparentemente dispersas por toda a cidade, a localização das tascas conhece, no entanto algumas regras. A disposição do Governo Civil que regula as «licenças de porta-aberta» é bem explícita: **Os estabelecimentos de venda de vinhos não podem situar-se a menos de trezentos metros de estabelecimento de ensino ou quartéis militares».** A mesma legislação impede que se exerça a venda de vinho a copo **«para além das 22 e 30, não podendo, em circunstância alguma, fornecer vinho a copo a menores ou a pessoas embriagadas».** Em matéria de fornecimentos a noção de tasca ainda não acaba aqui. Só é permitido vender ao balcão pequenos petiscos (pastéis de bacalhau, croquetes), desde que sejam confeccionados noutro local. **«Mesmo que tenham só um fogãozito, saltamos-lhe logo em cima»**, informam-nos na fiscalização da sanidade. Mas não saltam. Não saltam porque só há onze fiscais para vigiar anualmente as condições de sanidade de todos os estabelecimentos existentes em Lisboa (tabernas, bares, restaurantes, hóteis, fábricas, etc.), missão que se torna materialmente impossível.

As condições de sanidade que se exigem a uma taberna para exercer legalmente o comércio de vinhos não são tão poucas como o aspecto de alguns estabelecimentos pode levar a crer:

«Pavimento liso e impermeável para fácil limpeza e desinfecção; lambril em azulejo nas paredes das casas de vendas (ou outro material liso e impermeável) até à altura mínima de 1,50m), sendo as restantes porções e o tecto estucadas e pintadas com cores claras; um lava-copos sem válvula, para que a lavagem dos copos se faça com água corrente; uma casa de banho, em compartimento independente, nos termos regulamentares __ bacia tipo sanita, autoclismo sempre em bom estado de funcionamento, lavatório, toalhas, sabão e papel higiénico. Uma disposição genérica: «É obrigatório conservar o estabelecimento sempre em boa arrumação e em permamente e perfeita limpeza».

Admitindo que todos os estabelecimentos que exercem legalmente o comércio de vinhos observam estas disposições, a que atribuir o aspecto escuro (sujo?) de alguns? O nosso interlocutor conhece os meandros do comércio de vinhos há dezenas de anos. **«É simples. A maioria das tabernas eram, ainda não há muito tempo, carvoarias. Fuligens, pó, falta de pintura...»**

CARAPAUS E OUTROS PEIXES

Nas tabernas em que o mármore do balcão conseguiu resistir à fórmica, são mais visíveis os vestígios de «carvoaria» e de um comércio artesanal que enfrenta custosamente a concorrência dos bares e outros estabelecimentos para-turísticos. As pipas ainda se encontram majestosamente à vista e todo o folclore interior gira normalmente à volta da personalidade do patrão. O ambiente escuro, as madeiras das mesas tingidas de muitos copos entornados, têm aqui a mesma lógica das mesas coloridas dos bares que cederam ás exigências urbanas.

«Mesas sujas? Olhe que não. Isso é impressão sua, que não está habituado. E esta casa tem uma particularidade. Comida que sobra vai lá para dentro para aquele caldeirão; aqui ninguém come sobejos. Não aparenta muita higiene porque as pessoas não estão habituadas a comer com toalha na mesa».

...Sujidade é que não. Claro, é barato tem que ser modesto!

Chama-se «Casa dos Carapaus» mas vendem-se carapaus e outros peixes. Quer ver por quanto eu comi hoje? Favas 6$50, salada 3$00, uma económica 1$00, vinho 2$10; Tudo por 12$60!

A esta casa vêm muitos trabalhadores negros. Vêm aos grupos; são engraçados, já tenho reparado, vêm em grupos e cada semana paga um a conta de todos. Deve ser para mandarem dinheiro à família. Aqui vem de tudo; vêm os que trabalham aqui perto, os que moram aqui, os que não fazem nada nem aqui nem noutro sítio... eu já cá venho há vinte anos!

Esta mesa está suja? O meu amigo deve estar é a ver mal.

O homem sorri e esfrega enèrgicamente o dedo indicador no tampo da mesa. Depois levanta a mão à altura dos meus olhos para que eu veja bem. De facto, o dedo indicador era o mais limpo dos cinco dedos da mão direita do sr. Arlindo Costa.

«Oh Jacinto, manda aí dois púcaros!» E num àparte: **«Você tem é sede».**

A «FAMÍLIA» DA SEVERA

Ao contrário do que parece acontecer em algumas tabernas do Bairro Alto, as festas dos «Santos Populares» não afectam o negócio das tascas da Mouraria.

«Já esteve pior, sim senhor, pode lá pôr» diz o ti «Chico da Severa. **«O pessoal é todo daqui da Mouraria». «Isto aqui é uma família»**, dizem do lado. Na Severa o vinho começa a escorrer às 6 da manhã e só pára às 10 da noite. **«O vinho é sempre a aviar, é de manhã à noite».** Petiscos como morcelas, chouriços, ovos estrelados, presunto, também nunca faltam na Severa.

«O pessoal bebe o seu copo, lá nos vamos abrindo uns com os outros, é tudo gente amiga». Um dos presentes acrescenta: **«Eu infelizmente tenho que estar todo o dia por aqui; já estou doente há muito tempo, não trabalho».**

A história da Severa conta-se assim desde há 60 anos, trinta dos quais sob a gerência do ti'Chico, Francisco Eusébio de seu nome, que um dia trocou o Cartaxo por Lisboa.

O VINHO E O RESTO

O cheiro a vinho, o ambiente escuro ou a saída intempestiva dum bêbado a perturbar a compostura das famílias que passam, são um dos aspectos superficiais da existência de tascas.

A subsistência dum comércio artesanal no coração da cidade em vias de industrialização, a sua localização «acidental» nos bairros tidos por típicos ou nas zonas de grande concentração residencial, as distâncias dos dormitórios suburbanos aos locais de trabalho, o mecanismo dos transportes e a quase total ausência de tempos livres são problemas que não se põe, certamente, a quem olha com pudor os homens que frequentam diàriamente esses «maus ambientes».

Uma senhora de meia idade surpreendida uma destas tardes na Travessa da Espera, segurando discretamente uma garrafa vazia, ficou horrorizada quando lhe perguntaram se costumava ir a tascas.

Falou mesmo, como não podia deixar de ser, em «ser pobre» e «ter princípios». Devia ter.

(1) **Tasca** __ taberna ou casa de pasto reles e ordinária, baiuca. (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira)

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
S. A. R. L.

SEDE: EDIFÍCIO 25 — AEROPORTO DE LISBOA

Capital Realizado: 800 000 contos

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

1.º Escalão de Esc. 50 000 000$00, 4% — 1955/75
2.º » » » 50 000 000$00, 4% — 1955/75
3.ª Emissão » » 35 000 000$00, 4% — 1956/76
4.ª » » » 80 000 000$00, 4% — 1958/78

No dia 14 de Junho, pelas 15 horas proceder-se-á, na sua Sede Social, ao sorteio de:

1983 Obrigações do 1.º Escalão
1943 » » 2.º »
1308 » da 3.ª Emissão
2816 » » 4.ª »

no valor nominal de Esc. 1000$00 cada uma.

Estas obrigações serão amortizadas a partir do próximo dia 1 de Julho de 1972, conforme consta dos respectivos quadros de amortização.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
O Director dos Serviços de Finanças
Ferreira Filipe

FIL
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
9-23 JUNHO 1972

QUINZE DIAS MUITO IMPORTANTES PARA AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

TERMAS DE LUSO

Abertas de 1 de Junho a 15 de Outubro

Indicadas para o tratamento de insuficiência renal, litíase, infecções urinárias, hipertensão arterial, arterioesclerose incipiente, doenças de nutrição, reumáticas e alérgicas.

TRATAMENTOS DE: **MECANOTERAPIA, FISIOTERAPIA E EMANAÇÃO**

Para a sua estadia recomenda-se o

GRANDE HOTEL DAS TERMAS DE LUSO

Categoria * * *

Que lhe oferece todas as comodidades e ainda o

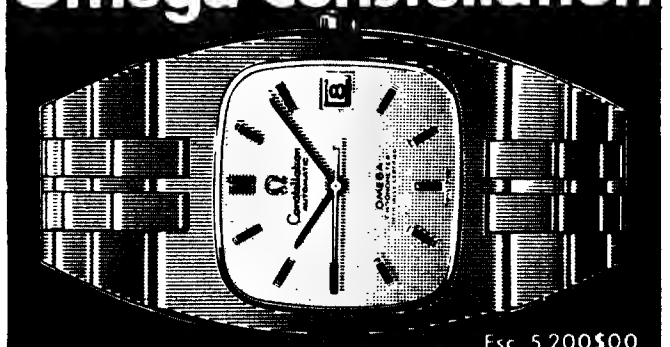
HOTEL DOS BANHOS

Categoria *

o mais central junto ao Estabelecimento Termal, com excelente cozinha portuguesa e preços acessíveis.

PISCINA OLÍMPICA, BOITE, MINIGOLFE, TÉNIS E OUTRAS DIVERSÕES

Nas suas férias
Omega Constellation



Esc. 5.200$00

Agência Oficial JOALHARIA J. N. CUNHA, LDA
Rua Aurea 201 - Lisboa

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTRÓLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 11 A 17 DE JUNHO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: O circulo das pessoas das suas relações rodeá-lo-ão dum sentimento de admiração. E um período indicado para novas, e sólidas e duradoiras amizades. Os assuntos puramente de amor darão muita satisfação.

DINHEIRO: A semana é propícia a pequenas satisfações monetárias. Não gaste excessivamente com o propósito de agradar aos outros.

PROFISSÃO: Entregue-se com entusiasmo ao seu trabalho e a sorte sorrir-lhe-á. Não perca os seus esforços em aventuras incertas, assim como não descure os seus afazeres obrigatórios.

SAUDE: A saúde está sob excelentes protecções. Cuidado com a alimentação e liquidos em reuniões festivas.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: A semana apresenta-se banal e pouco animada. Nenhuma alteração tanto para bom como para mau nos assuntos sentimentais. De resto, a sua atenção está sensívelmente dirigida para outros problemas.

DINHEIRO: Procure a colaboração de bons elementos para melhorar ou estabilizar a sua situação económica. Ponha de parte o orgulho e a obstinação e aguarde o resultado.

PROFISSÃO: Não se impaciente devido a não conseguir o rendimento habitual do seu trabalho. Mantenha uma certa reserva com as pessoas com quem tenha de tratar dos seus assuntos ou de negócios.

SAUDE: A saúde também deve merecer a sua atenção, pois os males do fígado podem surgir.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Seja prudente em todos os seus actos. Aceite de bom ânimo as coisas como elas se apresentarem, embora fazendo todo o possível por as melhorar no futuro.

DINHEIRO: Haverá grandes incertezas e inseguranças quanto à sua situação financeira. Tenha muito cuidado se resolver especular ou empregar o seu dinheiro.

PROFISSÃO: A vida profissional está sob bons auspícios. Boa ocasião para recorrer a pessoas de posição influentes. As viagens prometem ser proveitosas.

SAUDE: E possível que alguns antigos males voltem a fazer-se sentir, o reumático ameaça principalmente os membros superiores.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Alguém contribuirá de certo modo para lhe proporcionar maiores venturas e satisfações. Os assuntos de família e de amor estão sob os melhores auspícios. E um bom período para visitar parentes e amigos.

DINHEIRO: Uma semana mediana com referência a dinheiro. As transacções financeiras descuidadas poderão resultar em prejuizo. Lembre-se de que nem tudo o que reluz é ouro

PROFISSÃO: Entregue-se de alma e coração aos afazeres profissionais se quiser tirar bons proveitos, desenvolva-os grandemente, pondo os seus projectos em prática e intensificando os seus negócios. Durante a semana inteira os astros favorecem os acordos e tudo quanto se relacione com as suas actividades rotineiras.

SAUDE: Será melhor do que a semana anterior, evidentemente, dentro das suas possibilidades orgânicas.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Deparar-se-lhe-á, neste período, ensejo propício à realização de um dos seus projectos de ordem sentimental. Impõe-se, no entanto, que use de discrição perante determinadas pessoas com as quais terá de contar.

DINHEIRO: Favorece os recebimentos de dinheiro por trabalhos anteriormente executados. As iniciativas de momento não dão frutos imediatos.

PROFISSÃO: Altura propícia aos grandes empreendimentos que deseje que perdurem por longo tempo. Terá ensejo de verificar que à sua volta há pessoas sempre prontas a prestar-lhe o apoio indispensável para melhorar a sua posição profissional.

SAUDE: Os que quiserem gozar férias evitem viajar por via marítima. Registará um pouco de cansaço e alguma excitação.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Durante este período há possibilidades de decepções sentimentais. O desenrolar dos acontecimentos pode causar-lhe pensamentos tristes e um certo humor, todavia, nada de grave se passará.

DINHEIRO: Tome cuidado com as despesas, pois estas podem desorganizar, o seu orçamento. Não se arrisque em negócios incertos, pelo menos, neste momento.

PROFISSÃO: A actividade que desenvolver no campo profissional não é de molde a atingir grande progresso. Não se precipite ao tratar dos seus assuntos e abstenha-se de fazer negócios de ocasião, que lhe podem trazer consequências funestas.

SAUDE: Perigo de acidentes que podem mesmo dar-se no exercício profissional.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Período em que gozará de muita estima entre os seus. Nas relações sociais encontrará também um ambiente muito propício e desfrutará de uma certa popularidade. No seu caso amoroso fará progressos lentos, mas seguros.

DINHEIRO: Aumento de lucros sob um programa estabelecido que não deve descurar. Entretanto, alguns rivais poderosos usarão de certa dose de velhacaria. Cuidado portanto!

PROFISSÃO: Pondere bem as suas palavras e acções. Nos reveses profissionais, seja paciente e adapte-se às circunstâncias que o período lhe reserva.

SAUDE: Fisicamente, durante este período, há uma certa propenção para infecções na garganta e resfriamentos.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Neste período a sua disposição terá propenção para o humor. Aconselha-se muita prudência e paciência e tolerância com a família e nos assuntos amorosos, assim como nas relações com as suas amizades.

DINHEIRO: Mau período para a sua actividade financeira. Deparará com enormes dificuldades para resolver os seus problemas, pois estes aparecer-lhe-ão bastante confusos. É preferível deixar a sua resolução para mais tarde.

PROFISSÃO: Não terá sucessos se iniciar algo de novo nesta altura, nem os seus esforços com o fim de operar terão êxito. Prossiga apenas com os seus trabalhos anteriormente iniciados.

SAUDE: Os cuidados a ter com a saúde referem-se especialmente à humidade.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Período susceptível de criar desentendimentos no seu sector sentimental, por conseguinte, evite atitudes intransigentes, os actos ousados, e reprima a impetuosidade.

DINHEIRO: Só o esforço pessoal deve contar para alcançar os fins desejados. Medite bem nos compromissos que assumir e resista à tentação de gastar além do que o orçamento comportar.

PROFISSÃO: Dedique maior atenção e entusiasmo ao seu emprego. A inconsciência pode acarretar-lhe prejuízos. Não é aconselhável efectuar mudanças súbitas ou radicais, pois os actos impulsivos podem não corresponder a juízos acertados. Vigie atentamente os seus competidores.

SAUDE: Durma bastante, coma racionalmente e assim manterá a sua saúde, evitando a perigosa fadiga mental. Sobretudo, não se preocupe com coisas que talvez não cheguem a acontecer.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: No plano amoroso passará por uma fase romântica, mas seja prudente tomando as devidas precauções, pois corre o perigo de ataque à reputação. Possibilidades de pequenas animosidades sentimentais.

DINHEIRO: Excelente para tratar de auferir maiores lucros e realizar operações financeiras. Procure, no entanto, reduzir a aplicação de capitais ou os seus gastos pessoais.

PROFISSÃO: Aproveite a ocasião para se empregar profundamente no seu campo de actividade. A sorte secundará bem as suas iniciativas e o seu esforço resultará compensado.

SAUDE: Predisposição para perturbações de saúde, nomeadamente males gástricos e do sistema respiratório.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Os influxos astrais dominantes neste sector concedem clima benévolo tanto na vida doméstica como nas relações sociais e interesses amorosos. Confie nos bons sentimentos das pessoas das suas relações.

DINHEIRO: Período de protecção. Pode receber benefícios de família, amigos ou outros. Todos os serviços prestados neste período serão bem retribuidos.

PROFISSÃO: Continue pelo caminho anteriormente delineado e não assuma outros compromissos por ora. Não se iluda com falsos padrões, isso será um meio de evitar desastres em negócios que à primeira vista pareçam ser de grande futuro.

SAUDE: Desalento espiritual e disposição oprimida. Reaja contra esse estado de espírito para evitar que a monotonia vos ultrapasse.

PISCIS

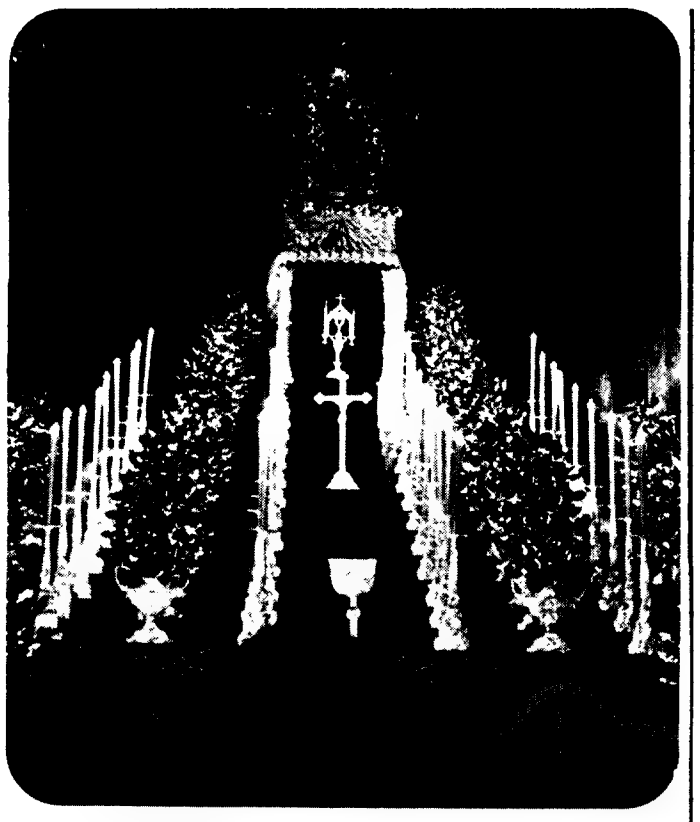
(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Durante este período evite a temeridade, a teimosia e a impaciência nos assuntos sentimentais. No que se refere à família, ao lar e aos seus amigos proceda com calma e serenidade, a fim de não perturbar a harmonia dentro desses circulos.

DINHEIRO: O período é pouco animado com respeito a finanças. Nem gastará demasiado, nem conseguirá abundantes proventos.

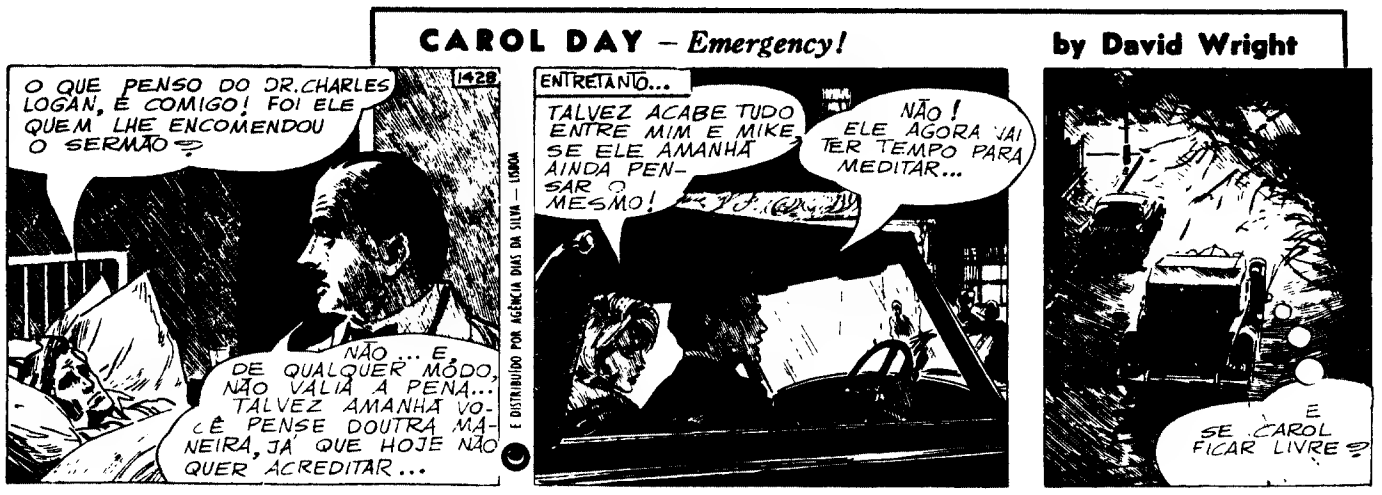
PROFISSÃO: Desenvolva usando da maior proficiência que lhe seja possível os seus assuntos de ordem profissional, mas não se admire ao depararem-se-lhe obstáculos. Não é indicado tomar conta de novas responsabilidades ou empresas de grande vulto.

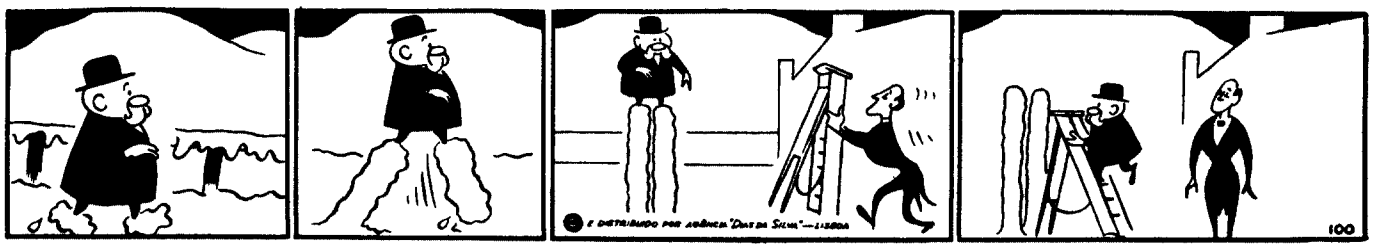
SAUDE: Acautele-se, pois há indícios de mau funcionamento dos órgãos situados na parte inferior do corpo.



O TRONO

Hoje é domingo. Se ainda não viu, aproveite a ocasião para ir às escadinhas de Alfama admirar o trono levantado em honra de Santo António. Está, realmente, obra asseada, erguida que foi sob a supervisão de Augusto Fraga, que teve um bom mestre, Leitão Barros, em matéria de festejos populares lisboetas.





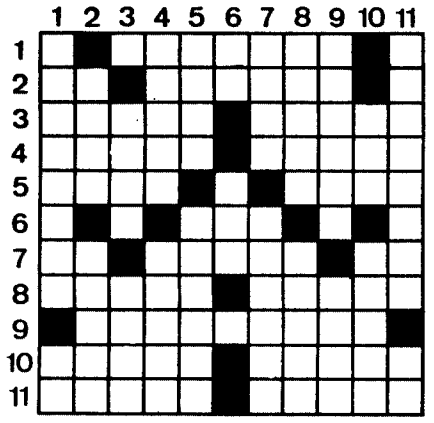
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10115

HORIZONTAIS

1 Plataforma
2 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Falhar.
3 Montão de pedras (ant). Imundo
4 Dança. Olhar atentamente.
5 Equipo Rio dos Estados Unidos
6 Conjunção.
7 Oferece. Faces. Pedra de moinho.
8 Preparar com ópio. Ramadas.
9 Cumpririam
10 Acrescentara. Distribui por ruas
11 Resumir. Mulheres.



VERTICAIS

1 Gracejando. Artigo definido.
2 Fundir. Alcunho depreciando.
3 Cume Espécie de mandioca do Perú
4 Meto em mala O mesmo que caira (ant)
5 Varrera as brasas do forno para a cozedura. Relatar
6 Rado (s. q). Possuir.
7 Prendem. Dás marradas
8 Pestana. Fora para fora
9 Rogaras Cidade do médio Eufrates
10 Patriota e publicista croata que tomou parte activa nos movimentos nacionalistas. dos Eslavos do Sul O mesmo que mamoa, outeiro
11 Carinhosos Arsénio (s q)

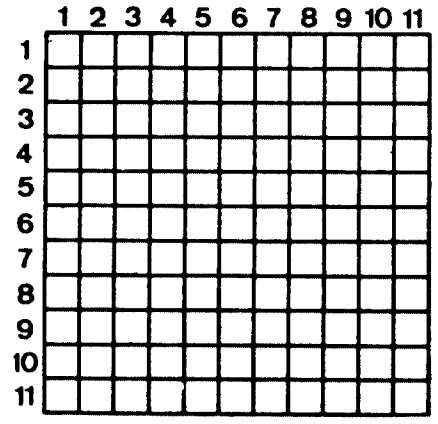
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6273

HORIZONTAIS

1 Caminha para cá. Colocar Caminho (abrev)
2 Inundo. Meta em mala.
3 Bebedeira (pop). Cantiga.
4 Pedra de altar. Bondosa. General de Napoleão.
5 Baú. Senhoras.
6 Vila e sede de concelho (Coimbra)
7 Pertences. Palmeiras da Amazónia. Cobalto (s. q.).
8 Esmurra. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
9 O mesmo que três. Artigo indefinido. Ice
10 Colecção de cartas geográficas Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Corday.
11 Messe. Ateado.



VERTICAIS

1 Onda. Banquetes.
2 Prendera com elos. Destino.
3 Destruíra. Câmara.
4 Gálio (s q.) Educa Viração
5 Rio de Itália Gota (fig) Emprega.
6 Cobalto (s q.). Sulquem
7 Nota musical. Burra. Aia.
8 Cânhamo de Manila. Alegria. Antes de Cristo.
9 Sensual. Ensejo.
10 Combines. Ocultas.
11 Dividi ao meio. Pequeno coro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10114

HORIZONTAIS

1 MIGALHAS.
2 Tarar. Aviso.
3 Ariz. Anãs.
4 Merém. Trace.
5 Baia. Isar.
6 Er. Ruaça Rã
7 Põe
8 Peta. Miem
9 Vasco. Arua
10 Ela Par Aam.
11 Marta. Ostra

VERTICAIS

1 Também. Vem.
2 Marear. Pala
3 Irirí. Lesar.
4 Gazear. To
5 Ar Upa Pã
6 E. PÃO Cá.
7 Ha Cem Ro.
8 Avaria Ia
9 Sinas Berat
10 Sacar Muar
11 Coseras Amã

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6272

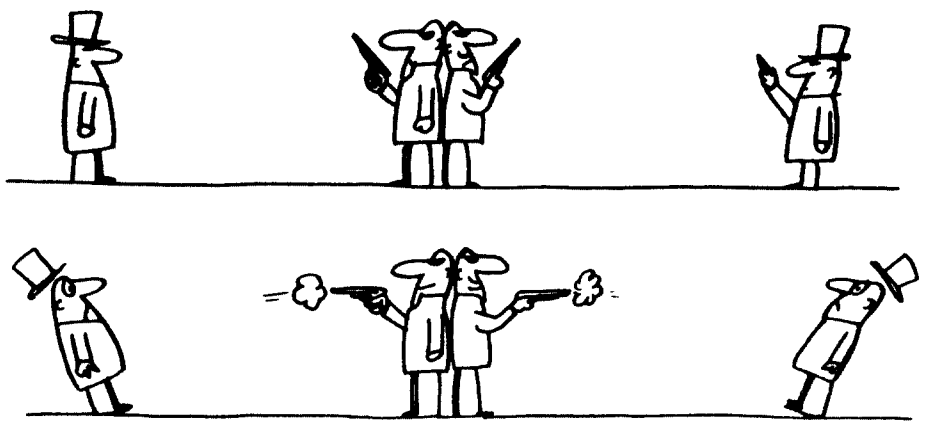
HORIZONTAIS

1 Palermo
2 Orate. Sasso
3 Aura. Usar
4 Mat Cem Aço.
5 Sigo Todo
6 Restara
7 Em. Leiria Cá
8 Cota. Ocar
9 Aro. Ana Mit
10 Dá Miolo Re
11 Olavo Argos

VERTICAIS

1 Soam. Pecado.
2 Ruas. Moral.
3 Partir To.
4 Ata Gela MV
5 Le Cose. Aio
6 Te Tismo
7 Rs Miar Ala
8 Mau. Orão Or
9 Ossada CM
10 Saco Cairo
11 Toro Partes

PROVÉRBIO: Migalhas também é pão.



A COMPANHIA DE SEGUROS CONFIANÇA

mudou os serviços administrativos do ramo

ACIDENTES DE TRABALHO

para a Rua Braamcamp, 52, 1.º, direito, em Lisboa

OS SERVIÇOS MÉDICOS CONTINUAM A FUNCIONAR NA RUA DUQUE DE PALMELA, 21 EM LISBOA

OS N.os DOS TELEFONES MANTÊM-SE

EXCURSÕES C.P.

FEIRA DO RIBATEJO

Santarém

4 a 18 de Junho de 1972

Viagem em 1ª classe, incluindo autocarro Estação-Feira-Estação, almoço ou jantar em restaurantes típicos

140$00

Informações e programas descritivos: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa.

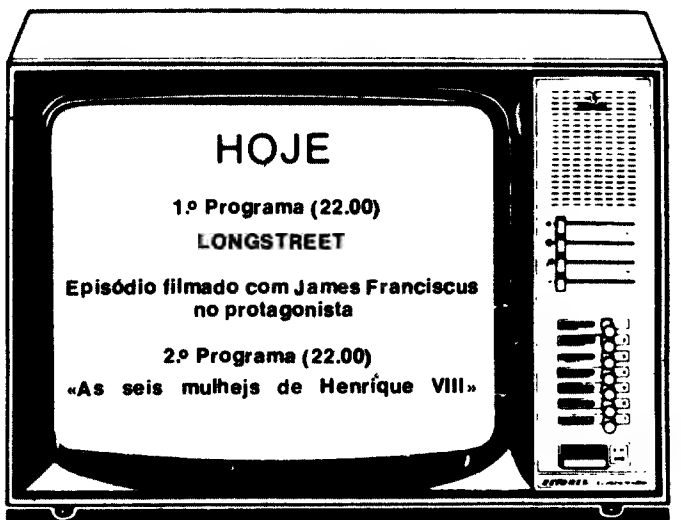
ORGANIZAÇÃO: Telef. 36 75 29

Consulte a sua Agência de Viagens.

CP 13A 72

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão



SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Eurovisão — Automobilismo «24 Horas de Le Mans».
13.50 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver «Cartaz dos programas do dia»
14.35 TV Educativa.
15.00 Expedição.
15.25 Vamos aprender judo.
15.30 Eurovisão — Automobilismo «24 Horas de Le Mans».
16.15 Tarde de cinema «A Cidade Escondida».
17.45 TV Rural «Um programa pelo eng.º Sousa Veloso».
18.15 TV Infantil «Coordenação de Maria do Sameiro Souto».
19.15 Domingo Desportivo — 1.ª EDIÇÃO
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.50 Desenhos animados.
20.00 Série de Comédia «Os Mausões de Chicago».
20.30 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 «Longstreet»
23.00 Fados
23.15 Domingo Desportivo — 2.ª Edição
23.50 Telejornal — últimas notícias
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e dó la si
20.55 Série filmada «O Regresso de Lucy»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «As seis muperes de Henrique VIII»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados.
13.00 Feminino Singular.
13.15 Uma mae para Eddie
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com..
14.25 Logo à noite.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativo.
19.25 O Circo Kiri.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta.
20.30 Povo que canta.
21.00 Na terra do arco-iris
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Concurso o Jogo do Galo
22.50 Civilização
23.50 Telejornal — ultimas noticias
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Um dia com
21.00 Uma mãe para Eddie
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Um rapaz corajoso»
23.40 Fecho

A VENDA EM TODO O PAÍS motor

urgência

Emergencia	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco a moderado predominando do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	16.º
P. DOURADAS	14.º
COIMBRA	13.º
PORTALEGRE	21.º
LISBOA	18.º
FARO ..... FARO	24.º
FUNCHAL	17.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Beja e Elvas
Máxima **30.º**

Penhas da Saúde, Anadia e Pedras Salgadas
Mínima **7.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,4.º
Atmosfera	17.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.39	**3,9 m**	9.16	**0,7 m**
16.01	**4,1 m**	21.49	**0,6 m**

DIA 12

4.32	**3,9 m**	10.03	**0,7 m**
16.51	**4,1 m**	22.37	**0,6 m**

DIA 13

5.22	**3,8**	10.48	**0,8 m**
17.40	**4,1 m**	23.25	**0,7 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu geralmente limpo; vento fraco ou moderado de Nordeste e nortada fresca na orla costeira ocidental a sul do Cabo Mondego.

AMANHÃ

Nascer às..... **6.11**
Ocaso às..... **21.02**

Hoje Dia 18 Dia 26 Dia 4

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário - onda musical
18.00 Sinal horario - noticiario
18.05 Musica e cadência
19.10 Musica da Europa
20.00 Diario sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Radio desportivo
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das comedias «El-Rei Seleuco», de Luis de Camões numa adaptação de Eduardo de Jacques
22.35 Musica portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (cont)
00.30 Diario sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont)
02.00 Fecho

2.º Programa

16.10 Concerto em Fa Maior, OP 75 para fagote e orquestra (Weber)
16.30 Musica de piano
17.00 Perspectivas da obra de William Walton
18.00 Concerto de domingo - 1.ª parte intercambio musical - 3.º festival internacional de orquestras juvenis em Lausana
18.52 Intervalo canções de Cinka pelo soprano Nina Dorliac
19.05 Concerto de domingo - 2.ª Parte Intercâmbio musical (cont)
19.41 Trio para violino violoncelo e piano (Alexis Contanti)
20.20 Orquestra de Câmara de Essen
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo Dr Caldeira Pais
21.00 Recital de orgão por Maria Celeste Silva
21.16 A orquestra de Câmara de Stuttgart dirigida por Karl Munchinger
21.30 Que quer ouvir? - Programa elaborado por Margarida Brandão
22.50 Música de arco - Danças Populares romenas (Bela Bartok)
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO - MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Oratória «A Criação» (Haydn)
23.50 Concerto n.º 2, para piano e orquestra (Bela Bartok)
00.20 Quarteto n.º 8, Em M Menor, OP 59 N.º 2 (Beethoven)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

15.15 Tarde desportiva
18.03 Projecção
18.30 Meia hora depois
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Revista desportiva
20.00 Nota de abertura
20.07 Selecção para o seu jantar
20.30 De sete em sete dias
21.02 Leitura
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.20 Grande roda
24.00 «PBX»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

EMISSOR DE MIRAMAR

15.55 Tarde desportiva
18.01 Musica e desporto
18.30 Presença Coimbra
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Terço e missa
20.00 Zona verde espaço ocupado pela familia
20.35 Variedades
21.00 Mediando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª hora
24.00 Tempo Zip

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular
das 6 ás 8 das 10 as 12 e das 22 as 2

Clube Radiofónico de Portugal
das 8 as 10 e das 17 ás 19 30

Rádio Graça
das 12 ás 14.30 e das 19.30 ás 22

Rádio Voz de Lisboa
das 14.30 ás 17

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — **Lopes Ribeiro**, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (Tel. 637777).

ALFAMA — **Arnali**, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).

ALVALADE — **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel. 710131); **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803)

AREEIRO — **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Tel 724941), **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. de Arroios, 215 (Tel 45079)

AVENIDAS NOVAS — **Cosmos**, Av João Crisóstomo, 44-C (Tel 40592), **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158)

BAIRRO ACTORES — **Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel 842152)

BAIRRO ALTO — **Labor**, R Diario de Noticias, 81 (Tel 323428).

BAIRRO AMÉRICA — **Martins**, R. Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R Forno do Tijolo, 40 (Tel 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172).

BAIXA — **Morão**, Rua da Assunção, 17 (Tel 321289). **Estácio**, Rossio, 63 (Tel 327067 - 324224)

BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Tel 702532), **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Tel 780027).

CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (Tel 680304)

CAMPO DE OURIQUE — **Portirio**, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel 663349); **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel 650760).

CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO PEQUENO — **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (à Av Sacadura Cabral) (Tel 770776)

CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33 (Tel 780181)

CONDE REDONDO — **Dávi**, R. Conde Redondo, 68 (Tel 54342)

ESTRELA — **Martins**, Calçada da Estrela, 167 (Tel 660823) **Paivas e Parente**, Rua de Santo António, 98 (Tel 665196)

GRAÇA — **Morão**, Largo da Graça 63 (Tel 860700)

INTENDENTE — **Góis, Lda.**, Rua dos Anjos, 12 12-D (Tel 840101)

LUMIAR — **S. Tomé**, Estrada do Desvio, 12-C (Tel 790704); **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel 790942)

MARVILA — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (Tel 381612)

PICHELEIRA — **Marluz**, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel 720703 - 728395).

RATO — **Soares**, Av. Alvaro Cabral, 1 (Tel. 684282).

REGO — **Prates e Mota**, Rua da Beneficência, 91 (Tel 773728).

RESTELO — **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (na encosta do Restelo) (Tel. 611814).

SALDANHA — (Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO — **Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

SANTOS-O-VELHO — **Fontoura de Carvalho**, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075)

S. PAULO — **Central**, Rua de S Paulo, 108 (Tel. 320389).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Sagres**, Av. Luis Bivar, 69 (Tel. 47213), **Correia de Almeida**, Av Fontes Pereira de Melo, 21-B (Tel. 47385)

XABREGAS — **Romana**, R Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel 383800)

PENHA DE FRANÇA — **Nova Luz**, R Domingos Jordão, 28-A (à Av D Afonso III) (Tel 843439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Oeiras, L Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)

S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, (Telef. 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. do Regimento 19, 41 (Telef. 280141); **Cascais**, R. Conde Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P D. João I-Lote 146-B.º Janeiro (Telef 932756); **Central**, Av Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740), **Jardim**, Av Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Telef. 938424)

DAMAIA
D.João V, Av Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 9700461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef 972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef 950043), **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef 980832)

COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef 224302)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2273212)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2760182)

MOITA
Silva Rocha, P da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Montepio, R Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef 229471)

SETÚBAL
Costa, L da Misericórdia (Telef. 22760); **Brasil**, P. do Brasil (Telef 24788)

SEIXAL
Godinho, L da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do)**, Praça da Republica, 118; **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463; **Invicta**, Rua do Bonfim, 331;

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes**, Rua Matias de Albuq., 243; **Sá**, Rua Vale Formoso, 181; **Sarabando**, Largo dos Loios, 36

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (tel. 26046); **Silva Marques**, Rua da Sofia, 129-133 (tel. 23067; **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (tel. 23569)

QUADROS

de Pintores Portugueses, compro, tais como Eduardo Viana, Mário Eloy, Júlio Pomar, Carlos Botelho, Jorge Barradas, António Carneiro.

Vou ver as obras A CASA, Trata: Tel. 531045.

cinemas

SATÉLITE (Tel 562632)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
7.ª semana
«A REGRA DO JOGO»
Uma obra-prima de Jean Renoir.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
17.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

EUROPA
15.15 e 21.30
Grupo B - 10 anos)
«QUANDO OS DINOSSAUROS DOMINAVAM A TERRA»
18.30 (Grupo A) 6 anos «A maravilhosa história de Charlie»

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«AS ESCARPAS DO MEDO»
Às 15.15 e 18.30 (Adultos) últimas de «FOGO CRUZADO»

LONDRES (Tel 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D. M. 18 anos,
«VIVER A SUA VIDA» c/ Ana Karina, Jean Luc Godard
CINEMA - SNACK BAR - PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)

ROYAL (Tel 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo D- M. 14 anos)
«Duelo à beira do Rio»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«O ULTIMO RESGATE» com Kim Darby, Scott Wolson e Tony Musante

LYS (Tel 48560)
14.45 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«DOC» (Vento do Oeste) c/ Faye Dunaway e «O QUE HÁ DE NOVO GATINHA?» com Peter O'Toole

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«OS DOIS INDOMAVEIS» c/ David Bradley

AVIZ (Tel 47163)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo B- 10 anos)
19.ª Semana «TRINITA» (cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

IMPÉRIO (Tel 555134/5)
15.15-18.30 e 21.30
Grupo D 18 anos)
«VERÃO 42» o filme de Robert Mulligou premiado no Festival de San Sebastian com Jennifer O Neill e Gary Grimes

ESTÚDIO (Tel. 655134/5
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O filme de Jean Luc Godard MADE IN U.S.A. com Anna Karina e Jean Pierre Leaud

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª semana «O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman

APOLO 70 (Tel 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«PEDRO SÓ» um filme de Alfredo Tropa, premiado no Festival de Valladolid 1972
Hoje às 4.00 h. (Adultos)
«A FESTA»

PLITEAMA (Tel 826305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C 14 anos)
«O Maior sonho do Oeste» com Terense Hiel
Ás 00.30 -Grupo D- 18 anos)
«King-Kong»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18,30 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
«ANTES QUE CHEGUE O INVERNO» com Walter Matthau e Felicia Farr (uma realização de Jack Lemmon).

ALVALADE (Tel 717480)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«LAMIEL» com Anna Karina e Robert Hossein
Às 15.15 (Adultos) última de «JOHNNY BANCO»

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo D-18 anos)
«A grande odisseia»

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O HOMEM QUE NÃO QUERIA MATAR» Às 15.30 e 18.30 ultimas de «SALÁRIO DE SANGUE» (Adultos)

ROMA (Tel 727778)
15.30 e 21.45 -
Grupo C 14 anos)
«BOLIVAR, O LIBERTADOR» com Maximilian Schell e Rosanna Schiafino

CONDES (Tel. 322523)
15.15- 18.30 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O MAGNÍFICO REBELDE» com Jack Hawkins Trevor Howard, Michael Caine, Vivien Heilbron e Donald Pleasence

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D- 18 anos)
«Espia em calcinhas de renda» e «Mafia em Nova York»

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«DA TERRA NASCEM OS HOMENS» com Gregory Peck e Charlton Heston
Hoje às 18.30 (10 anos) «A GRANDE PARAÓDIA»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O ALTAR DO DIABO» com Sandra Dee e Dean Stockwell

A CONJURA CONTRA DE GAULLE

Fred Zinnemann («Enquanto Houver Homens») acaba de dar a primeira volta de manivela do seu novo filme «Chacal» (produção anglo-francesa). Extraído do romance de Frederick Forsyth, o filme contra a história duma conjura da C. A. S. contra o general De Gaulle em 1963. Fred Zinnemann e a sua equipa franco-britânica seguem brevemente para Roma, donde irão Génova e depois para o Sul da França antes de chegarem a Paris. A distribuição de «Chacal» (nome de código daquela operação) reune os nomes de Delphine Seyrig, Michel Lonsdalle, Olga Georges - Picot e Michel Auclair, do lado francês, e os de Eric Porter, Alan Babel, Cyril Cusak, Barrie Incham, Anton Rodgers e Derek Jacobi, do lado inglês. O argumento é de Kenneth Ross.

outros espectáculos

LISBOA Teatros

VASCO SANTANA
21.45 -8 anos
«A outra morte de Inês»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Um inimigo do Povo»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Deseja-se mulher»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (14 anos)
«Colt para os 7 magníficos»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«Ao sul do Rio Grande»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Os Impostores»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Os Impostores»

ARCO IRIS
21.00 (14 anos)
«Mais morto que vivo»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Um buraco no coreto»

MAYER
21.00 (10 anos)
«O ouro de Makena»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Pedro o pescador»

OLIMPIA
21.00 (10 anos)
«O enigma da Esfinge»

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«O Expresso de Instambul»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (14 anos)
«O Barão vermelho»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Mulheres e recrutas»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (14 anos)
«A Grande odisseia»
Palácio
21.30 (17 anos)
«Homicidio de Las Vegas»

Esplanada
21.30 (18 anos)
«Gigantes no Inferno»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Direito por linhas tortas»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Klute»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«A Grande corrida á volta do mundo»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Gendarme em férias» e «Colorado Charlie»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Um sonho de reis»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Transplantação»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«A 7.ª Mulher de Henrique VIII»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Um anjo dos diabos»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Quem tem medo de Virgina Wolf»

PORTO Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O Barão de Frankeinsiten» e «Alta batota»

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
«Zorro na corte de Inglaterra»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de perdição»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Quando nos amamos»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Bulevar do Rum»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (18 anos)
«Sol vermelho»

AGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«Vida Nova»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Amor de Tchekhov»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Jogo na escuridão»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5º?»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5º?»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
Querida Mamã

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Eu Monstro»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

OUTRA BANDA

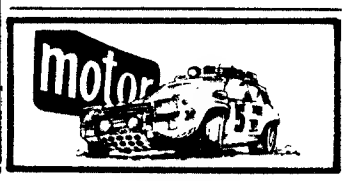
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Encruzilhada de sentimentos»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos)
«Camelot»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«As duas faces do perigo»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Popsy Pop»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (14 anos)
«Uma casa à sombra das árvores»



BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo Tina Ferreira Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Viola Fandangos pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira

FRAGATA REAL Elenco Deolinda Rodrigues e Arminda da Conceição em Fado Lisboa João Queirós em Fado Coimbra Acompanhamentos a guitarra e viola por António Parreira e Francisco Gonçalves **Trav. de S. Miguel, N.º 22, Alfama. Telef. 868552**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernanda [illegible] Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e Antonio Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo minimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107, Telef. 328307**

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Camara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3.as feiras Consumo minimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86, ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

CASEBRE Cantam Carlos Barra, Juanita Brigue, Zelia Lopes e Maria Joji Tocam Jorge Fontes e Julio Gomes e os Arautos. Os Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira Encerra as 2.as feiras **Rua da Barroca 133. Tel. 369760.**

FORCADO Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado Rua da Rosa 221 - Telefone 368579

TAMILA Marao e s/conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384.**

LUSO Grande Elenco de Folclore Fado de Coimbra por Plinio Ermida canções internacionais e guitarradas por Torcato e F Alvim Trav da Queimada n.º 10. Tel 362889

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diario de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

AOS QUATRO VENTOS

A MENTIRA

Ignázio Silone, o grande escritor italiano, nas suas recordações de infância, tem uma página deliciosa, que merece ser conhecida.

Quando era menino, o pároco da sua aldeia aconselhava insistentemente, nas lições de catecismo, a que não se devia mentir nunca. A mentira é um pecado!

Certo dia chegou à aldeia uma companhia ambulante de teatro de fantoches e todos os meninos da catequese, acompanhados do padre, foram assistir à representação.

A cena representava um menino perseguido pelo Diabo. A emoção entre os pequenos espectadores era intensíssima. O menino-fantoche, atemorizado, escondeu-se debaixo de uma pequena cama que havia ao fundo do tablado. Então o Diabo, dirigindo-se ao auditório, perguntou se acaso não teriam visto onde o menino se escondeu.

— Não, não vimos — responderam em coro todos os meninos espectadores.

No dia seguinte, na lição de catecismo, o pároco disse aos meninos:

— Ontem vocês deram-me um grande desgosto porque disseram uma mentira...

— Sim — insistiu o padre — mas não se deve mentir nunca.

— Mas — disse o menino Silone — tratava-se de salvar um menino das garras do demónio!

— Nesse caso — replicou Silone — se o Diabo me perguntasse onde o Senhor Prior se encontrava, também lho devia dizer...

— Insolente! — rematou o pároco. — Põe-te já de joelhos!

O PAPAGAIO

O filósofo francês Alfred Fouillé (1832-1912), criador da filosofia das ideias-força, num estudo sobre a inteligência dos animais, escreveu:

«Um papagaio, pertencente a uma família que eu conhecia, tinha por hábito dizer «Bonjour, monsieur» ou «Bonjour, madame», segundo o sexo da pessoa que dele se aproximava, sem nunca se enganar. Um dia, no entanto, entrou lá em casa um padre de sotaina. O papagaio começou: «Bonjour, ma...», mas adivinhando que se tratava de outro sexo, que não o feminino, parou e, decepcionado, não disse mais nada.»

O OBJECTIVO

No seu hospital de Lambaréné, na Africa Equatorial, apresentou-se um dia ao Dr. Albert Schweitzer um velho negro cheio de rugas, acompanhada da esposa, uma mulher tão velha como ele.

— Doutor branco — disse o negro — rejuvenesce esta mulher: faz que volte a ser tão jovem e formosa como o foi no passado.

— Isso é completamente impossível — tentou explicar-lhe Schweitzer.

— Se tu quiseres, não é — insistiu o velho. — Vamos, doutor, peço-te, faz com que ela volte a ser jovem nem que seja um dia só, para que a possa vender!

CHARLOT

Por motivo da visita que Charlie Chaplin fez recentemente aos Estados Unidos, após vinte anos de ausência, recordaram-se muitas anedotas suas, de quando ainda era jovem. Mas, não vimos qualquer referência a esta, comentada uma vez por Alejandro Casona num dos seus artigos:

Nos princípios dos anos vinte, quando Chaplin já havia dado vida a Charlot, o pequeno vagabundo, numa povoação do sul dos Estados Unidos organizou-se um concurso de imitadores de Charlot.

Charlot, disfarçado, apresentou-se ali incógnito e pediu para tomar parte no concurso.

Na classificação final, o júri atribui-lhe o segundo lugar...

A OLYMPIA WERKE AUMENTA A SUA PRODUÇÃO

A OLYMPIA WERKE, associada ao poderoso grupo alemão «AEG — TELEFUNKEN», vem a registar um notável aumento de capacidade de produção das calculadoras electrónicas impressoras, montadas nas suas vastas instalações fabris em BRAUNSCHWEIG. O nível de produtividade da Olympia, pode, assim, assegurar uma cobertura aos mercados internacionais onde a qualidade é condição preferencial.

CARTÃO SOTTO MAYOR BANKAMERICARD

Mais dois países, a Grécia e a Argentina, aderiram ao sistema BankAmericard.

Na Grécia a operação foi oficialmente lançada no princípio do mês de Abril, contando já nessa altura com 500 comerciantes filiados na área de Atenas-Pireu, Patras e Salonika eainda nas ilhas de Creta, Rhodes e Chios. As restantes áreas do país serão em breve abrangidas pela operação do Commercial Bank of Greece.

As já conhecidas cores azul, branco e ocre, passarão a indicar ao grande número de turistas que todos os anos visitam as ilhas gregas, os estabelecimentos onde podem utilizar o seu cartão de crédito BankAmericard.

A adesão da Argentina, vem contrubuir para a concretização do plano de expansão BankAmericard através do mundo; estando já completamente coberta a área da América do Sul.

desde 3.000$
8 dias de férias nas praias de Tânger

Uma ampla praia cosmopolita e elegante, recém-descoberta pelo turismo europeu. Uma cidade exótica e encantadora. Hotéis de alta classe (3 a 5 estrelas) frente à praia. Estas são as suas maravilhosas férias Multitur no tranquilo país do sol - Marrocos.

As férias Multitur em Tânger incluem

- *viagem em jacto especial*
- *transporte de e para o aeroporto*
- *2 ou 3 refeições, conforme escolhido*
- *quarto com casa de banho privativa*
- *taxas e gratificações*
- *assistência por representante da Multitur*

Partidas todos os sábados de 22 de Julho a 2 de Setembro.

...e, também, férias em apartamentos no Algarve

Conheça todas as vantagens das férias Multitur. Obtenha o livro Férias 72 / Multitur no seu Agente de Viagens. E faça já a sua inscrição... os lugares são limitados.

multitur

férias felizes
multitur

3.000$
8 dias em
tânger
para férias na praia

Viagem em avião a jacto. Estadia em quarto com casa de banho privativa. Transporte de e para o aeroporto. Todas as taxas.

Partidas semanais - 22 de Julho a 2 de Setembro

...ou 4.150$00 para 15 dias

Faça já a sua reserva para este e outros programas Multitur

GL Garland, Laidley
Cais do Sodré, 24/Telef 320441/5

TÂNGER
férias multitur
8 dias desde 3.000$
15 dias desde 4.150$
incluindo viagem em jacto, estadia em quarto com banho, transporte ao aeroporto e taxas
Partidas todas as 5 as-feiras de 22 de Julho a 2 de Setembro.
Uma praia cosmopolita. Um tranquilo país de maravilha
Faça já a reserva para as suas férias Multitur
Agência de Viagens
E. Pinto Basto & Ca, Lda.
Praça Duque de Terceira, 20/Tel 368650

as suas férias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé 47 A Tel 560171

LONDRES

8 Dias ..... 3 350$
Partidas: 10, 17 e 31 de Julho; 7, 14, 21 e 28 de Agosto, 7, 14 e 21 de Setembro (*).

INGLATERRA E ESCÓCIA

8 Dias 5.590$
15 Dias . 8.630$
Partidas: 10, 17 e 31 de Julho, 7, 14, 21 e 28 de Agosto.

Incluindo:
- Viagem aérea a Londres em avião a jacto
- Franquia de 20 kg de bagagem p/ pessoa
- Transporte em autopullman do aeroporto de Londres ao Hotel e v. v., incluindo serviço de bagageiros.
- Estadia no Hotel escolhido, c/ pequeno almoço (Londres) e pensão completa na Escócia.
- Visita de Londres com guia falando português e/ou visita da Escócia em autocarro.
- Taxas de aeroportos
- Assistência durante toda a estadia de um acompanhante da Agência.

(*) Durante este mês as taxas de aeroporto não estão incluídas

INSCRIÇÕES LIMITADAS

Conheça todas as vantagens das férias Multitur. Obtenha o livro Férias 72 / Multitur no seu Agente de Viagens. E faça já a sua inscrição... os lugares são limitados.

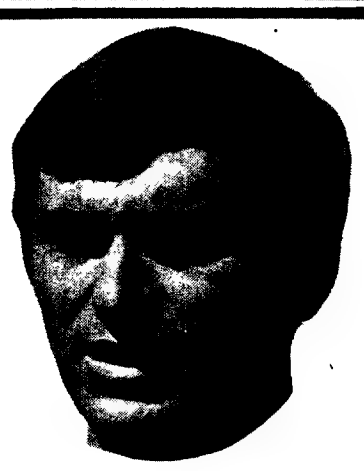
CRUZEIRO AÉREO A TÂNGER

8 dias desde 3 000$ — 15 dias desde 4 150$
Partidas semanais - 22 de Julho a 9 de Setembro
Viagem em avião a jacto ida e volta. Estadia em quarto com banho. Transporte de e para o aeroporto
Reservas imediatas para este e outros programas Multitur
(O número de inscrições é rigorosamente limitado)
Use o seu cartão
SOTTOMAYOR
TURISMO CRUZEIRO, LDA
Rua do Alecrim 7 / LISBOA 2 / Telefs 32 68 89 36 91 22

8 dias em Tânger desde 3.000$
férias no país do sol e da tranquilidade
Jacto+estadia em quarto com banho +transfer ida aeroporto+impostos e gratificações.
Voos semanais 22 Julho a 2 Setembro
15 dias desde 4.150$00
Inicie já as suas férias Multitur. Inscreva-se hoje mesmo.
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
Praça Duque da Terceira 4 Telef 36 60 56 / 36 22 66

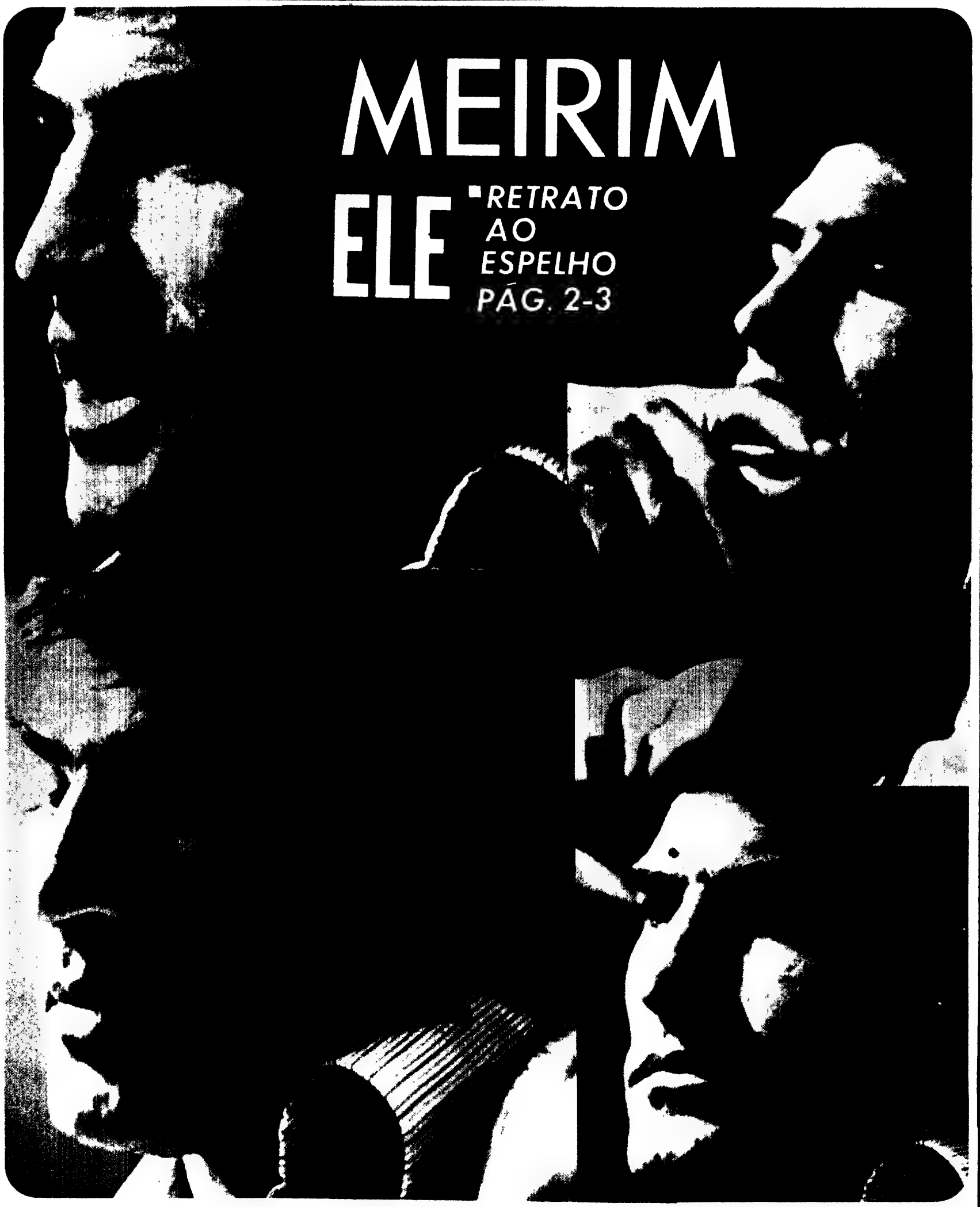
ALUGUER DE GRUAS
(AUTOMÓVEL E DE LAGARTAS)
9T a 55T de capacidade • lanças até 65m de altura
MONTAGENS
DESMONTAGENS
CEDÊNCIA DE PESSOAL
MUELLER MONTAGEM
Praça do Areeiro, 8 - 9º ★ Tel 727056/7 ★ LISBOA

CURSOS DE FÉRIAS
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
LISBOA COIMBRA



MÁRIO LINO
HOMEM POR HOMEM
JOGADOR POR JOGADOR

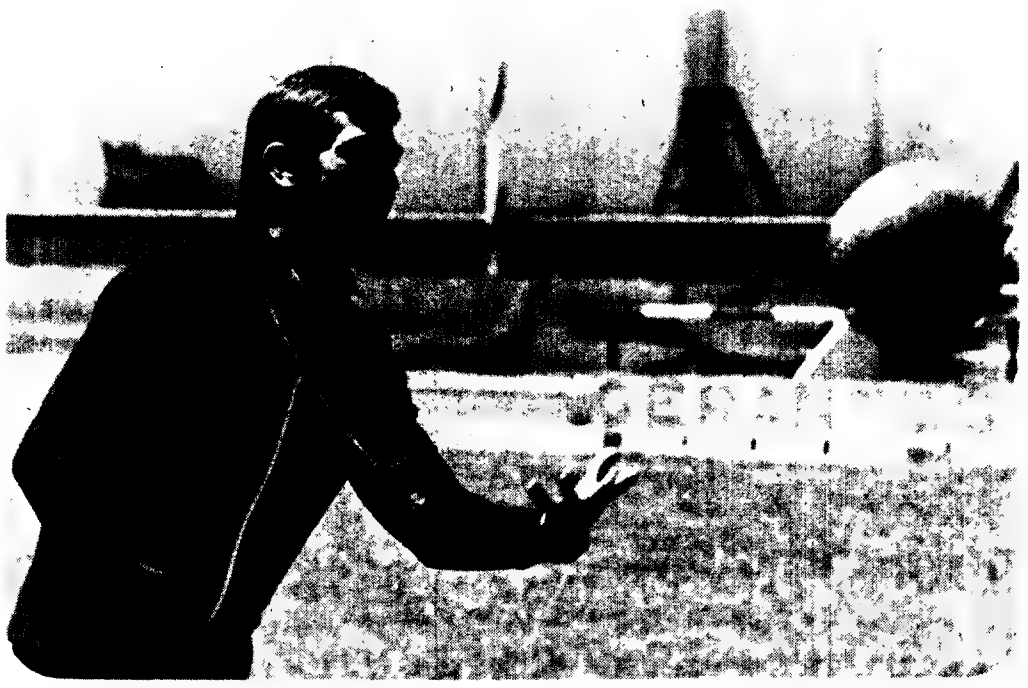
DL DESPORTOS



MEIRIM
ELE
RETRATO AO ESPELHO
PÁG. 2-3

- **Professor primário, o pai tinha uma oficina de calçado.**
- Conheceu 71 países.
- **Autoridade é símbolo de trabalho.**
- Não droga. Guarda-redes vale 50% da equipa.
- **Relata sua vida em livro**
- Torralta, Académica, Belenenses. Publicidade em bom.
- **Empresário de boxe.**

DE PRAÇA A PRAÇA
(CENTRAIS)



MEIRIM, ELE

Reportagem de LURDES FÉRIA
Fotos de LOBO PIMENTEL JOR.

As 21.30 no campo do Beira-Mar em Aveiro, Joaquim Meirim, treina o guarda-redes Domingos, perante o pasmo de umas dezenas de espectadores. Quase todos eles rapazitos dos liceus e escolas técnicas. Há anos atrás, ainda o discutido treinador não era famoso - mas os indícios já se delineavam - assisti a uma cena semelhante. Só que o homem da baliza era outro: Benge.

De fato de treino negro, numa «mlise en scéne» — de gestos atitudes e passos - cuidadosamente estudada, constrói o espectáculo:

— **Ah! Grande defesa...agarra as bolas, Domingos. Vamos... Extraordinário!**

Remates sobre remates. Bombardeia as redes. Insiste. Outra vez...e homem cansado escorre suor por todos os portos. Defende sempre. Mecânicamente. Como um «robot».

— **Sai-te Domingos. Avança no ar com esse corpo elegante...e a tua inteligência de jogador que vai á linha de fundo com a bola.** Mais pontapés à baliza. O homem esbodegado, desfeito, assopra como um animal até ficar caído de bruços boca contra a relva. Aos pés de Meirim.

Horas depois, num outro cenário. No Porto. Bar do Hotel Castor: ambiente super-requintado, lugar óptimo para o técnico do Beira-Mar nos contar a sua história.

— **Nasci em Monção há trinta e alguns anos. Vivi lá até aos 6 anos de idade. Depois, Lisboa. Meu pai, professor primário, tinha uma pequena oficina de calçado. Éramos quatro irmãos: dois rapazes e duas raparigas. Estudos? Acabei por fazer só o 5.º ano. Estudava e trabalhava num escritório.**

Mais tarde a Marinha Mercante. As viagens...

— **Não estou interessado em falar nisso.**

Porque esconder determinadas passagens da sua vida? Uma aventura constante, um combate que se renova dia a dia, à espera de decisão final. Vencido? Encontrei-o a respirar, ainda, como um leão...mas cansado.

— **Após a saída da Marinha estabeleci-me por conta própria com um hotel. Viajei muito. Conheci 71 países. Dezenas de cidades passaram sob os meus olhos. Dinheiro? Nunca tive. Nem nessa altura, nem agora. Utilizei o sistema dos «globe-trotters» americanos: correr mundo sem um chavo nos bolsos. Esse contacto com novos povos e tipos de educação diferentes deu-me larga experiência. Sobretudo uma paixão pela vida. E vi coisas maravilhosas. As pessoas necessitam libertar-se das grilhetas para ganharem maturidade.**

Joaquim Meirim parece ter perdido aquela segurança que o caracterizava. Maturidade? Ou a desilusão, o desencanto dos sonhos perdidos?

— **Essa é a sua opinião feita, superficialmente, nestes minutos de contacto. É natural...talvez tenha razão...**

No bar do Castor ao som de uma música de fundo conversámos debaixo de certa tensão provocada pela reserva do treinador que, de vez em quando, troca olhares em pingue-pongue com uma loira sentada na mesa em frente.

Em 1963-64, o princípio da carreira de técnico de futebol...

— **Comecei no Oriental. Foi maravilhoso. Dessa experiência dependia a minha continuidade no futebol profissional e considero-a positiva não só por isso mas por ter encontrado nos jogadores da época (Edmundo, Alfredo, Faustino, Sanches, Garcia) um grande estímulo ao pensamento de permanecer no futebol. Os métodos de treino com os jogadores eram os mesmos de hoje. Métodos esses que vieram a ter larga polémica e discussão neste país: Apesar de contestados são seguidos por muitos técnicos da matéria. É com o maior prazer que vejo alguns treinadores e clubes a tomarem a minha linha de orientação, principalmente no que se relaciona com a forma de conduzir os homens.**

Um pequeno ditador: o sr. Meirim. Talvez errado na vocação. Na política seria um triunfo. Condutor de massas. Um perigo.

— **No mundo complexo em que vivemos, os homens devem ser conduzidos por alguém com faculdades naturais de condutor de massas e na posse de uma experiência de vida e um sentido comum que lhe permita impor a sua autoridade sem contestação. Não falo da autoridade despótica e prepotente: mas, da autoridade firme, pois sem ela jamais, poderá haver ordem e disciplina. A autoridade é o símbolo de quem dirige e manda. Se transportarmos esta ideia para a administração de uma nação encontrará no povo, o espelho fiel de um governo (com ou sem autoridade: assim resultará a ordem ou a desordem).**

BOXE: «Também disseram que eu ia ser empresário? As pessoas, realmente, têm muita imaginação. Pois é verdade: estou a pensar num célebre combate de boxe, em Portugal, entre «um trinca-espinhas» da Pampilhosa e Cassius Clay. Este deve ser o combate de fundo. Já ofereci a Clay cama e mesa, roupa lavada e um passeio à Feira Popular, em troca deste impressionante combate. Creio que o Clay vai passar um mau bocado, porque o «trinca-espinhas» é uma autêntica «fera». Espero ganhar uma fortuna com o negócio.»

TORRALTA: «não, não é esta. É outra. É uma grande organização turística, realmente poderosa, que pretende catapultar-se através da publicidade dos bons resultados de um grupo de futebol . Estou metido nisso».

ACADÉMICA: «o ministro deu 400 contos para eu não ir para lá? Pois bem: eu dava 400 contos para o ministro também não ser ministro. Mas, se não foi assim, peço licença ao ministro.»

PUBLICIDADE: «convidaram-me para fazer um anúncio de um energético. De acordo. Pedi uma fortuna.»

TEATRO: «já estive para ingressar numa companhia e, quando eu fui convidado, há dois anos, para participar num filme como figura principal, igualmente o dinheiro era aos baldões. Como o meu nome tem grande influência na bilheteira, terão de me pagar muito mais, ainda. Só assim enveredei por uma dessas profissões. Sei que em qualquer delas serei o melhor, cá da terra.»

DO ORIENTAL
PARA A CUF
DO BARREIRO

— **Saí do Oriental porque já nesse tempo pensava como agora: nas minhas equipas sou eu quem dirige. Depois, fui para a Cuf, quando a sua posição na tabela do futebol era má. Aconteceu que eng.º João Belo me dirigiu um convite para treinar um dos clubes que penso ser dos mais poderosos do país. Porquê? Consubstancia em si, tudo aquilo que, potencialmente, mais se aproxima da ambição de um profissional. Na Cuf, foi maravilhoso o convívio com grandes jogadores, a espectacular recuperação conseguida e o facto de termos vencido tão fortes adversários como o Benfica e o Porto.**

As efémeras paragens no Atlético e Inválidos do Comércio: mais um tema-tabu para o sr. Meirim.

— **A pedido do Conde da Covilhã, passei 30 dias em período de observação na Covilhã para fazer um estudo das reais possibilidades do clube local. Não podia lá ficar porque a minha vida (estabelecimento no Estoril) o impedia totalmente.**

Marco fundamental na história do treinador: o Varzim. Aí, a revelação dos conhecimentos rudimentares - intuitivos - de psicologia (sem Freud e Jung).

— **Experiência maravilhosa que jamais esquecerei. Possuia uma equipa de combate que passeou por esta terra, de ponta a ponta, toda a sua ferocidade, classe e desejo de vencer. Entre ela e eu: uma relação umbilical.**

— Os jogadores do Varzim contínuam a acreditar em si?

— **Pelo menos eu acredito neles. Por exigência desses jogadores regressei ao Varzim para evitar o descalabro da equipa e mais uma vez esses homens arrastados, por mim, saíram de um miserável 13.º lugar para uma 4.ª posição, isto em 14 jornadas, o que é muito importante.**

— Com os mesmos métodos?

— **Meus métodos são sempre iguais: no Varzim, Oriental, Cuf, Beira-Mar: muito trabalho, muita ordem e muita disciplina.**
5dik55k

DOPING: NÃO!

Rosto de traços vincados endurece a sugerir pedra. Olhos encovados, de águia, diminuem de tamanho — o Meirim tenta adoçar a expressão mas apenas lhe sai um esgar.

— **Não posso responder. Só com nomes objectivos e factos concretos. Se alguém tiver coragem de afirmar tal coisa é só dizer... Sou dos muito poucos a não saber o que é isso mas acredito que existam elementos com formatura de «doping».**

A morte de Rico (do Varzim) levantou suspeitas no espírito de

Canon F-1
só temos uma vida
e só há uma Canon

CANON F1, altamente controlada no seu rendimento, precisão e resistência, é, sem dúvida, uma máquina de qualidade superior. As suas excepcionais características possibilitam a sua aplicação nos mais vastos campos – desde a fotografia normal, fotografia de osciloscópio e fotocópia, até à macrofotografia, microfotografia e astrofotografia.
CANON F1 é a única máquina no mundo que oferece a possibilidade de trabalhar automàticamente, sem a intervenção humana; podendo ser accionada à distância ou controlada electrònicamente. A CANON F1 tem ainda pose automática e diafragmas comandados por célula foto-eléctrica.
A CANON F1 é constituida por cerca de 10.000 componentes; ela é um maravilhoso produto da ciência e da técnica do nosso tempo.

CANON F1-UMA GARANTIA DE SUPER QUALIDADE E DURAÇÃO.
CANON-UMA GAMA COMPLETA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS E DE CINEMA

sonipol
LISBOA·PORTO
Departamento FOTO-CINE
R. ANTÓNIO ENES, 9-C

VISITE O NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÃO
NA R. ANTÓNIO ENES, 9-c

algumas pessoas sobre a responsabilidade de Meirim no trágico caso. Efeitos? A falta de combatividade dos jogadores após o fatal desenlace, o inquérito dos dirigentes... mas tudo isto são especulações à volta do treinador que, através do exibicionismo, criou um clima de «broncas». Já não se sabe onde a fantasia se mistura com a realidade.

— Os portugueses são pessoas bem intencionadas e ingénuas mas não gostam de pensar. Isso incomoda-os.

E ficam incomodados com aqueles que pensam. Eu incomodo a pensar mas não me incomodo com a opinião das pessoas. Um nome atrás de nós já basta para nos criar problemas. Há gente que só por um minuto de glória dariam a vida... e pensam que o facto de se intrometerem comigo é suficiente para a imortalidade.

Do Varzim para o Beira Mar. No término de um contrato várias propostas na mesa.» Escolha difícil...

— Como o meu contrato acabava em fins de Maio, achei por bem estudar a proposta, entre outras, de um clube que também ia entrar na «liguilha». Entretanto, surge o Beira Mar. Onde existe uma situação aflitiva, lá estou como salvador. Dos clubes na «liguilha» é o que tem mais possibilidades. Possui os melhores jogadores e vamos demonstrá-lo em cada domingo que passar. A situação melindrosa será ultrapassada. Para já: garantir a manutenção da equipa na 1.ª divisão. Futuro? O clube está situado numa posição geográfica importante: numa zona altamente industrial, onde se vive intensamente a paixão clubista. Existe muito interesse pela actividade do Beira Mar, que, sendo um clube devidamente organizado pode vir a ser um dos maiores...

— Qual o seu sistema de trabalho com os jogadores?

— Incide sobre o físico e o espírito. Considero que para uma perfeita preparação física e técnica necessitam de uma fortíssima motivação: diferente para cada caso pessoal. Depois, tento a sua integração no grupo.

Não conhecia, de perto o Nèlinho. Apenas o vira jogar duas vezes mas acha que o Benfica fez uma excelente aquisição embora, na totalidade, os seus quadros estejam preenchidos com os maiores jogadores portugueses.

JOGADORES FALAM DE MEIRIM

— Reina entre nós grande alegria pela vinda do Sr.Meirim. Faz connosco aquilo que é necessário, embora o público comente... Um bom condutor de homens em quem todo o «team» confia plenamente. Estou convencido de que vamos vencer (Cleo, brasileiro).

Eduardo, «capitão» da equipa aparentemente um rapaz inteligente, tem uma boa impressão do Sr.Meirim: **«Aliás, confirma-se o que pensava dele: um homem tremendamente honesto e um profissional como há poucos. «Doping» no Beira Mar? Nunca se tomou. Ainda que isso acontecesse, eu pessoalmente não tomaria...**

— Bom treinador e amigo do jogador. Muito competente no seu trabalho. Um bom psicólogo: entende os problemas de todos os jogadores. Já falei com ele sobre os meus problemas e está quase tudo resolvido. É um homem que dá muita personalidade aos jogadores (alemão).

Nelinho ingressa has fileiras do Benfica. Mesmo assim, no escasso contacto com o Sr.Meirim, tem uma opinião sobre o homem mais discutido do futebol português:

— O seu sistema de trabalho agrada aos jogadores. A par dos nossos problemas particulares encontra sempre para eles a solução adequada.

O guarda-redes Domingos, que vimos rastejante e a deitar os bofes pela boca, após o duche recupera as forças perdidas. Também aposta em Meirim.

— Entrámos há meia dúzia de dias neste sistema acelerado de preparação física. Habituados como estávamos ao «passo de caranguejo» custa-nos a adquirir o ritmo. Quanto aos métodos do Sr.Meirim, acho que são muito dele.Impôs-se à equipa no aspecto de galvanização e actua sobre nós como um estimulante. Em todos os clubes por onde passou conseguiu enormes progressos com os guarda-redes. Julgo que o meu caso não será uma excepção à regra.

RESPONDA, SR. MEIRIM!

Porquê esse concentrar de atenção sobre os guarda-redes? Todos os jogadores são pedras fundamentais...

— Mas o lugar de guarda-redes é dos mais especializados. Tem de estar em impecáveis condições físicas e psicológicas para dar o máximo rendimento. Um «keeper» representa 50 por cento do positivismo ou negativismo de uma equipa.

— Quais os sistemas — de táctica e estratégia — que emprega?

— A estratégia depende daquilo que nos seja dado pôr em execução depois de saber a constituição das equipas adversárias e os seus pontos fortes e fracos. No respeitante à táctica, relaciona-se muito com as pedras possuídas pelo treinador. Simpatizo totalmente com o sistema táctico ofensivo. Aliás, parece-me que não há nenhum técnico que não prefira este método: mas tem de adaptar-se às equipas. Claro que se for treinador do Benfica, Sporting ou Futebol Clube do Porto, com um naipe de excepcionais jogadores, vou para um futebol essencialmente atacante. Se fosse treinador do Unhais da Serra ou dos Inválidos do Comércio teria que jogar à defesa e com quantos mais melhor.

Porque falhou no Belenenses, quando afirmava à «fine bouche» que o clube de Belém seria campeão?

— Estou a fazer um período de repouso até ao fim desta época. Depois, explico. Falhei... veja-se o Belenenses: contratou, este ano, dois dos melhores técnicos mundiais: Zezé Moreira e Scopelli. O êxito desses homens foi rotundo. Como se viu não ganharam o campeonato por infelicidade embora contassem com aquilo que eu não tive: cobertura económica e melhor lote de jogadores. Como já disse, as pessoas não gostam de pensar: ou então veriam isto claramente. Os dois treinadores estrangeiros sempre que venciam eram considerados grandes técnicos e sempre que perdiam a crítica e os 15 000 associados do Belenenses torciam o nariz em sinal de dúvida. Normalmente o clube dos «azuis», quando o Luís Carlos jogava, a vitória era certa. Se Luís Carlos estava fora, o Belenenses não ganhava a ninguém. Ou isso não é verdade? Evidentemente que a minha passagem, por esse clube, teria de ser analisada de uma forma mais profunda e sintética. Sei que vão dispensar dois jogadores (Pedro e Pena). Uma tremenda burrice, pois não encontrarão quem os substitua.

São titulares indiscutíveis em qualquer grande clube português. Se o Belenenses os dispensar é porque deve ter dois fenómenos para os seus lugares.

COMENTÁRIO AO NACIONAL

— Refiro-me em primeiro lugar à polémica do alargamento dos 16 clubes. No início da temporada apregoou-se o descalabro, a falta de interesse do público para uma competição com um desnível tão grande entre três ou quatro equipas e as restantes. Esse alargamento veio, precisamente, provar que o desnível existe: mas isso não afectou a competição. Por outro lado, o desnível tem que existir sempre, a não ser que se pretenda fazer dois tipos de campeonato: um com dez equipas e outro seis. Como isso não é possível (e há toda a necessidade de dar cobertura ao espaço português) especialmente no continente, acho que com 18, 16 ou 14 clubes os melhores continuarão a ser os mais bem organizados no aspecto económico e directivo. Por enquanto são ainda o Benfica, Sporting, Vitória de Setubal, Cuf e Porto que neste campeonato passado (e noutros que se virão a passar) por reflexo do seu poder e equilíbrio das administrações, os clubes que melhores classificações conseguem.

A vinda de treinadores estrangeiros, nomeadamente Hagan e Ronie Allen, contribuíu para o engrandecimento do nosso futebol?

— A minha opinião vem contrariar a generalidade das respostas a essa pergunta. Para ser coerente, digo: o futebol português precisa (ontem hoje e amanhã) de bons técnicos, sejam eles nacionais ou estrangeiros. Pelo que tenho visto de Hagan e a par do trabalho de Allen, em Espanha, através da leitura de jornais e revistas do país vizinho, parece-me que o nosso futebol se enriqueceu com a vinda desses dois técnicos. Hagan, pela sua mentalidade típicamente inglesa e um espírito pouco maleável, pode não ser muito receptível aos seus atletas: mas, numa máquina com o poder do Benfica, conseguiu alcançar os resultados que todos vimos. Isto deve-se á sua perseverança e integridade pessoal.

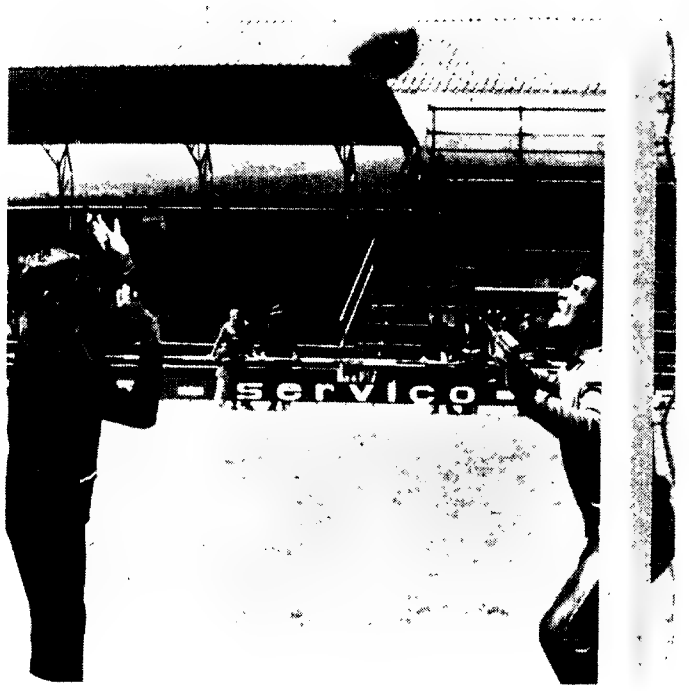
MEIRIM: UM HOMEM NA MULTIDÃO

De facto, Meirim está diferente. Golpes sobre golpes abateram a sua carapaça de grande génio. Foi o fracasso do casamento, as acusações da mulher, o nome nos jornais na secção dos delitos comuns-neste caso de burla - a falta de negócios...

— Tenho um livro praticamente escrito («A face dos Homens») onde a minha vida, desde que nasci, vem em toda a sua verdade e dimensão até ao que se passar na última página. Falo do meu casamento aos 19 anos, com uma mulher com que me aconselharam a não casar por já ter dado provas de desequilíbrio psíquico. Armado em Romeu, casei. Depois sofri as consequências: 16 anos a aguentar os seus ciúmes patológicos e a sua neurose, levada ás últimas consequências.

As filhas de Meirim vivem com o pai num bairro novo da periferia do Porto. Preferiram esta solução. Ana Maria (de 16 anos) e Mónica Cristina (de sete) estudam no Colégio de Santa Justa.

— Sou um homem só, na multidão... Dizem tantas coisas de mim que não correspondem à verdade...



A hora de serviço para Domingos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Beato. — PORTO-ALTO

Meirim no palco. Teatro para os espectadores

Meirim, com a filha, à saída do Colégio

Reduza custos com cabos Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO
MONTAGEM
LIGAÇÃO

SOLIDAL
CONDUTORES ELECTRICOS SARL
ESPOSENDE FABRICA
LISBOA TEL 674828 PORTO TEL 491392

À INDÚSTRIA HOTELEIRA

Possuo 5 estabelecimentos na P. de Londres e Av. Roma que fariam o melhor complexo de restaurante-cervejaria, snack - cinema de bolso, boîte da capital m. próx. dos cinemas e hotéis. Aceito grupo, mas só muito experiente e idóneo.

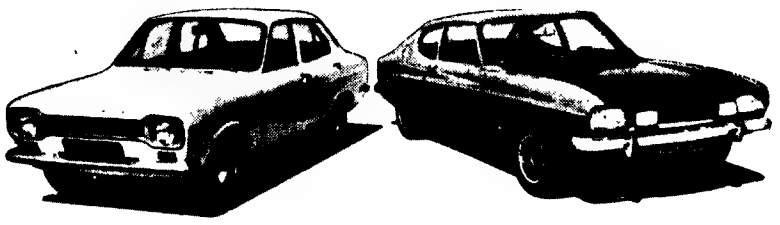
Respostas ao Apartado 1421, Lisboa-1.

DUAS VANTAGENS PARA SI!!

COMPRE UM FORD

EM J. Mendes Coelho, Lda.

E GOZE FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA!



ATÉ 31 DE JULHO

Escolha e compre em J. Mendes Coelho, Lda. qualquer modelo da vasta e qualificada linha Ford e ficará habilitado a 8 dias de maravilhosas Férias para 2 pessoas, com início em 4 de Setembro, com viagens e estadia em regime de pensão completa em hotel de luxo, na bela Baia de Palma de Maiorca. Decida-se pelo melhor... Compre um Ford!

Ford FORD À FRENTE... SEMPRE EM

J. Mendes Coelho, Lda.

INFORME-SE NOS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 6-A R. GOMES FREIRE, 7-C

o seguro de vida vale a pena

sim, vale a pena porque...

■ Mesmo falando em pequenos pagamentos mensais — equivalentes por exemplo ao valor do Abono de Familia — o Seguro de Vida é o único processo actualmente ao alcance da grande maioria dos agregados familiares para fazer face às suas preocupações imediatas de protecção.

■ Os pequenos pagamentos mensais, acumulados e capitalizados ao longo dos anos, constituirão um capital a entregar ao Segurado no fim do prazo do contrato. Mas se ocorrer a morte do Segurado, a Império entrega imediatamente o valor seguro aos familiares indicados na apólice.

■ O Seguro Popular de Vida Império, que alcançou a mais larga expansão alguma vez conseguida na actividade Seguradora portuguesa, é a confirmação do interesse que modalidades deste tipo têm merecido.

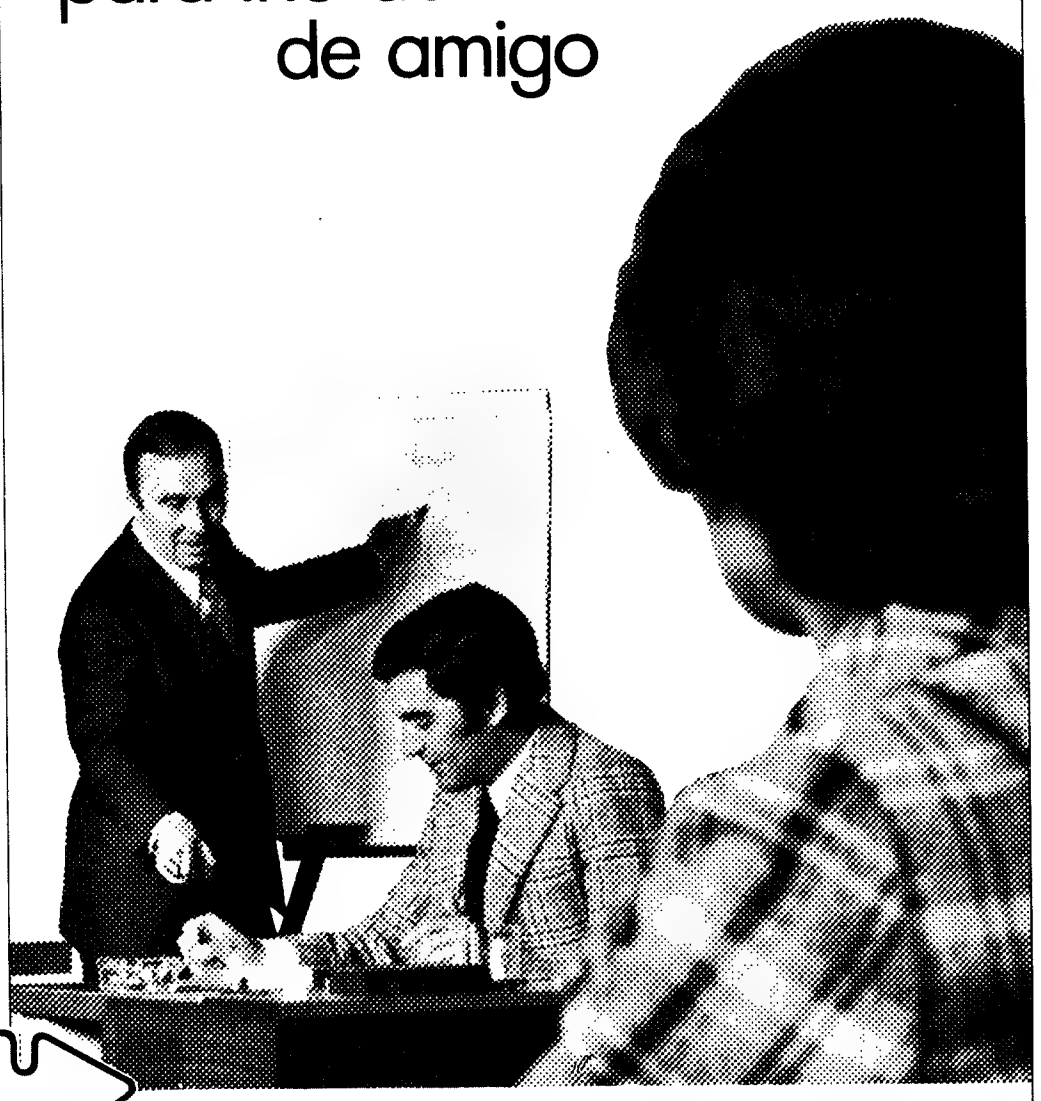
■ Mas o Seguro de Vida oferece-lhe mais alternativas. Da mesma forma, com pequenos pagamentos mensais, poderão ser garantidos capitais ou rendas de montantes muito elevados. É o caso do novo Seguro do Rendimento Familiar Império — agora ao dispor de todos os chefes de família — que garante o pagamento de um capital ou uma renda apenas em caso de morte dentro de um certo prazo.

■ Este novo Seguro permite, ainda, acompanhar a evolução das Necessidades do Grupo Familiar, dando a possibilidade de ajustar os valores seguros de harmonia com as variações do poder de compra de cada Segurado.

■ Por estas e outras razões, de que o Consultor de Segurança Império lhe falará, afirmamos que o Seguro de Vida Vale a Pena.

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

a **Império** formou um consultor de segurança para lhe dar um conselho de amigo



SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR

IMPÉRIO

O Consultor de Segurança Império é um homem escolhido para compreender o seu problema pessoal. Um homem preparado pela Império para lhe propor as soluções que melhor se adaptam às suas necessidades. Um homem que representa a dimensão e o potencial de segurança da Império colocados ao seu serviço.

O seu perfil: competência, seriedade, simpatia.

Analise com ele as vantagens do **seguro de rendimento familiar:** o seguro de vida feito à medida das necessidades de protecção dos que estão a seu cargo. E por um preço que nem sente.

Repare neste exemplo: cerca de 150$00 mensais, para um homem de 30 anos, garantem uma renda anual de 35 contos durante vinte anos.

Para maior comodidade a Império estabeleceu prémios fixos de 50, 100, 150, 200, 250 ou 300 escudos por mês.

Contacte com um técnico e analise seguros com um amigo: o seu Consultor de Segurança Império.

AO SEU SERVIÇO
IMPERIO
a sua seguradora

Rua Garrett, 62 - Lisboa

Estando interessado em conhecer (sem nenhum compromisso) o Seguro do Rendimento Familiar, agradecia que me enviassem elementos que completem a minha informação pessoal.

NOME _____

MORADA _____

IDADE DO FILHO MAIS NOVO _____

OEIRAS:

GINÁSTICA onde pode ser

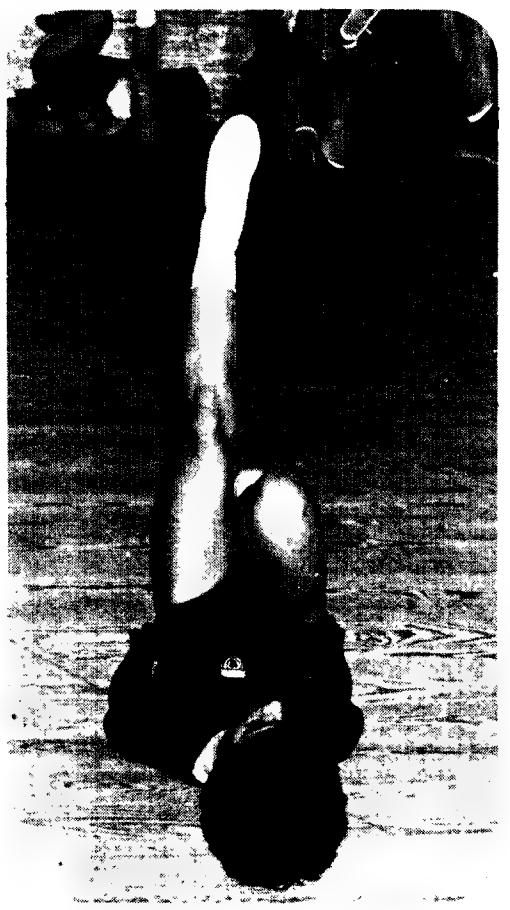
Lutando contra toda a sorte de dificuldades, a Associação Desportiva de Oeiras prossegue, com enorme entusiasmo, a tarefa de sanidade física a que meteu ombros. E, mesmo sem local adequado para reunir (e trabalhar) as suas várias classes ginásticas, marcha em frente arrastando com incompreensões e entraves: mas, direita ao plano radicado na mente dos dirigentes da colectividade.

Dividindo presenças pelas várias salas do Liceu de Oeiras e pela Associação dos Carecas, as ginastas da A.D.O. preparam-se para o sarau anual que terá lugar no próximo dia 17: uma gigantesca mostra do esforço feito durante a temporada será o cartaz da reunião.

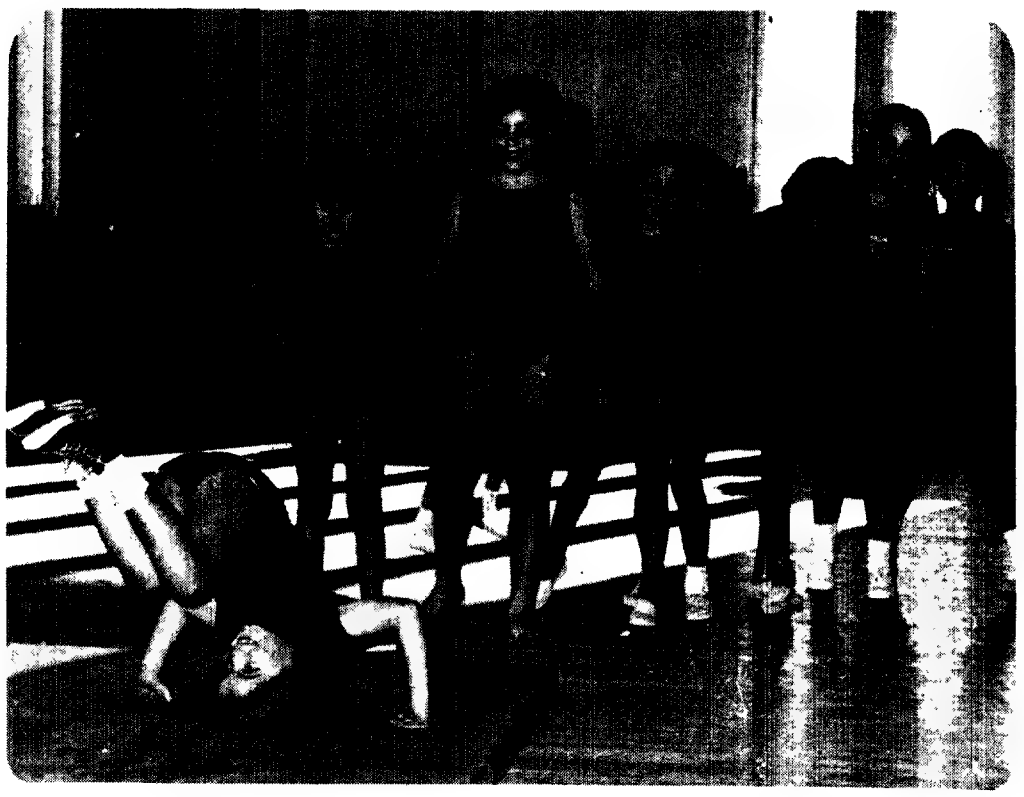
— O grande problema é a falta de um ginásio ou de um pavilhão gimnodesportivo. Estamos à espera...

Na Associação Desportiva de Oeiras: panorama idêntico ao que cerca (e cerceia) muitas outras colectividades espalhadas pelo país. Que não pensam sòmente na emulação desportiva: e, que, por dedicarem a melhor atenção aos desportos não competitivos, vivem de esperanças, de sonhos e de palavras bonitas.

Maria da Conceição: está na primeira fila das alunas infantis e espelha no rosto a alegria pela prática da ginástica



Beatriz Raposo em acção lecciona há 28 anos. Esteve 18 épocas à frente de turmas do Ateneu e durante 5 anos prestou serviço no Ciclo Preparatório



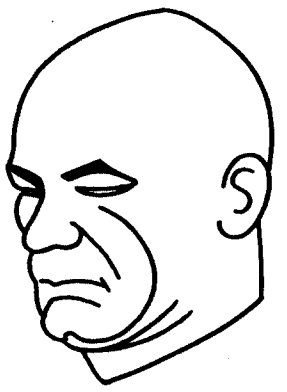
Eis a classe de meninas: Rosário, Teresa, Paula, Guida, Mafalda, Teresinha, João, Mana, Cristina, Nini, Isabel, Ana, Marina, Conceição, Virgínia, Teresa Alexandra, Joãozinha, Paulita, Paula Cristina, Rosarinho, Maria José e Maria da Conceição. São 22 crianças que, pelas 19 horas, vão três vezes por semana suprir nas aulas da A. D. O. a preparação física que não lhes é ministrada nas suas escolas

Beatriz Manuela Raposo é a professora das classes de senhoras e das meninas (dos 7 aos 11 anos) que no próximo dia 17, se exibem no rinque da colectividade

Ao fim da tarde, quando as aulas estão silenciosas de outros ensinamentos, as pequenas ginastas são donas do Liceu de Oeiras. Além de Beatriz Raposo há outros mestres: os professores Monge, Belo Negrão e Fernando Almada (campeão de judo) e Teresa Torgal

O TRAÇO DE PARGANA

Garrincha



Paulo Amaral

1os JOGOS FLORAIS NACIONAIS DO C.A.T. COELIMA

PEÇA INFORMAÇÕES A LENÇÓIS Coelima PEVIDÉM

QUATRO MESES NA VIDA DO SPORTING

MÁRIO LINO

examina homem por homem jogador por jogador

Sejamos objectivos: Lino pegou num grupo de jogadores do Sporting desmoralizados, mal preparados fisicamente, desorganizados em campo e votados ao ridículo perante a própria massa associativa e os adeptos dos outros estádios onde o Sporting se deslocava para tentar o zero-zero. E, em pouco mais de três meses de trabalho, ganhou o direito a participar na «Taça das Taças», venceu convincentemente a «Taça Tejo» (em Reservas) e perdeu com o Benfica, as duas vezes à tangente, em campo neutro e em casa do adversário, justificando em qualquer dos jogos uma produção futebolística para o empate ou mesmo vitória.

Além disso, transmitiu à sua equipa uma audácia competitiva e uma ambição atacante de que os sportinguistas já se haviam esquecido. Agora, entrega ao seu sucessor duas dezenas de profissionais em boas condições físicas, moralizados e aptos a encetar uma nova época para vencer.

Do que foi essa experiência de comandante único do futebol «leonino», do que fez e deixou de fazer, do que conseguiu e do que não teve tempo para realizar, fala-nos hoje Mário Lino: fazendo balanço da sua actividade, como já antes nos confiara as suas expectativas e os seus propósitos de acção logo que tomou conta da equipa deixada de rastos pelo seu antecessor:

— *Quando peguei na equipa, dentro das circunstâncias que todo o público conhece, tinha uma única certeza: de que havia bons jogadores para comandar, elementos que não rendiam o que, segundo a opinião da crítica, da massa associativa e dos mais informados sobre o futebol, estava ao alcance das suas capacidades técnicas e atléticas. Havia apenas material humano para trabalhar e, a partir daí, dentro das minhas concepções, estabeleci um plano tendente a extrair o máximo de cada jogador e da equipa, sabendo já que tudo seria feito em contra-relógio e sem tempo para preparações cuidadas.*

— Como executou esse plano de trabalho?

— *Preocupei-me em dar mais intensidade aos treinos de preparação física, recuperar os jogadores física e psicológicamente de modo a apresentá-los em condições de discutir os decisivos jogos da «Taça» e não comprometer mais o já de si comprometido prestígio futebolístico do clube. Fez-se, em consciência, aquilo que era possível em menos de quatro meses: numa altura em que as outras equipas já estavam estruturadas e com os seus esquemas tácticos decorados e em pleno funcionamento. O que ficou por fazer (e que julgo ser o trabalho-base a partir daqui) é o ajustamento táctico dentro da equipa, a exacta definição e treino do que a cada um compete dentro do campo. Enfim: a introdução de maior disciplina táctica nos movimentos colectivos.*

MAIS CONSCIÊNCIA PROFISIONAL

— Parece-lhe que Ronnie Allen terá de se debruçar mais sobre esse aspecto, ou não terá também de cuidar melhor da disciplina fora do campo?

— *Sim, para além da disciplina táctica, também é necessário encarar desde o início da época maior consciencialização profissional dos jogadores. Embora sendo profissionais, em relação a cada um há ainda mais a fazer neste aspecto.*

— Lino: os jogadores reagiram bem à intensificação do trabalho diário a que você os obrigou?

— *Ao iniciar o programa de trabalhos inclui (por vezes) duas sessões diárias e é natural que um ou outro, ao tomar conhecimento desse facto, reagisse de maneira menos agradável e até inadmissível, mas a partir da segunda ou terceira semana os jogadores viram que a sua condição física anterior era deficiente e que só melhorando-a podiam alcançar os resultados que a eles próprios interessavam. Começou-se (então) a trabalhar gostosamente, os jogadores colaboraram (na sua generalidade) e tudo correu bem. Treinos de manhã e de tarde tornaram-se hábito corrente na vida do jogador: e a forma como todos colaboraram facilitou este trabalho em verdadeiro contra-relógio.*

Lino ainda acrescenta, sobre a execução do plano e sobre os resultados que a partir dele se conseguiram:

Algumas coisas podiam ter corrido melhor, em especial se nos quedarmos nos resultados e sem olharmos ao que ficou para além dos empates e das derrotas. Quanto a mim, só correram verdadeiramente mal os jogos em Faro e na Cuf. Eram dois jogos para ganhar e apenas se conseguiu empatar. Em Faro, a equipa debateu-se bem mas não teve força suficiente para anular os desfavores do árbitro que nos tirou um golo limpo. Na Cuf, a equipa não justificou melhor que o empate. O jogo foi fraco sob o ponto de vista técnico, apesar da belíssima carreira do Grupo Desportivo da Cuf. E não me agradou. Fiz sentir isso aos jogadores, mas estavam ainda latentes certos problemas internos e também ainda se notavam os péssimos efeitos psicológicos da «roupa suja» lavada nos jornais acerca da anterior direcção técnica da equipa. De vez em quando, os nomes de um ou outro jogador aparececiam envolvidos nessas polémicas e quem sofria era a equipa.

Chico e Dinis: os dois extremos «internacionais» do Sporting lançados à fama pelos métodos atacantes de Mário Lino

Peres: a chave do meio-campo, Lino: o obreiro da recuperação

AS DERROTAS COM O BENFICA

Não tivessem acontecido as duas derrotas contra o Benfica e o prestígio de Lino seria hoje insuperável no Sporting. Mesmo assim, julgamos que dirigentes, jogadores, massa associativa e futuro técnico lhe devem agradecer a saúde moral e física com que a equipa termina a época: e alguns elementos devem-lhe agradecer mesmo o facto de estarem agora na selecção (Dinis e Chico, especialmente). Também a vitória na «Taça Tejo» e triunfos em reservas contra uma super-reserva benfiquista, no próprio Estádio da Luz, fazem parte do lado positivo da sua acção: isto, quando falamos em termos de resultados. Só as duas derrotas tangenciais frente aos «encarnados» empalideceram o brilho do seu trabalho. Mas também estes dois desaires têm explicação:

— *As duas derrotas foram frutos mais da infelicidade do que da superioridade do adversário. Podíamos ter ganho ambos os jogos e já nem falo de bolas na trave ou outros acidentes do género. Noto (sobretudo) que tanto num como noutro jogo oferecemos o golo inicial ao Benfica, obrigando a uma recuperação difícil e a alterar o que seria norma desde o início. A equipa estava preparada para atacar e conquistar: dessa forma, teve que aguentar o efeito desses golos, tentar depois acalmar o adversário e só então partir para a viragem do resultado. Valeram-nos a saúde moral que já permitira anular o 1-3 em Coimbra, o 0-1 em Faro. A mim satisfez-me o facto de termos jogado perfeitamente de igual para igual, ao ponto de se desfazer de vez a ideia (que alguém já tinha tornado pública para disfarçar as suas insuficiências e incapacidades) que o Benfica tinha todos os melhores jogadores portugueses e que os do Sporting só serviam para a Reserva dos campeões. Mostrámos que temos gente para ir à Luz, a Alvalade ou ao Estádio Nacional e discutir o resultado sem receios contra o actual campeão. Mais: quanto a mim, a diferença de capacidade em relação ao Benfica só se sente a partir do décimo quinto ou décimo sexto jogador. Em 30 elementos talvez tenham o maior número de melhores jogadores, mas em relação aos onze princinpais e seus substitutos o desnível não existe.*

Wagner estava nos planos de Lino para a fase final da «Taça». A burocracia deixou-o entregue aos prazeres caseiros (aqui na companhia do filho) e à esperança de que em Setembro será.

— Aquelas duas infelizes intervenções de Manaca e Laranjeira não podiam ter sido evitadas se o treinador insistisse com eles para largarem a bola o mais rápido possível?

— *É verdade que sim, mas esse foi um dos aspectos que ficaram por cuidar convenientemente. Não houve tempo para os pequenos e importantes pormenores tácticos que só os treinos resolvem. É um dos pontos que fica para tratar: não podíamos atender a tudo. O tempo era escasso e dava só para a preparação física e a correcção dos maiores desequilíbrios tácticos. Por outro lado, houve um lance que tinha sido bem treinado e saiu mal: e até nos custou a vitória na «Taça». Nelson devia ter fintado José Henrique para a direita e não para a esquerda. Era isso que acontecia nos treinos e o remate no lado direito sairia mais seco e colocado.*

Entrevista por DANIEL REIS
Fotos de ANTÓNIO CAPELA

DINIS E CHICO

Falando da equipa do Sporting, pedimos a Lino para nos dar uma visão geral das possibilidades do grupo, analisar um por um o rendimento dos jogadores no período em que os comandou e as suas possibilidades técnicas futuras. Diz o técnico açoriano:

— *Em relação ao quadro de jogadores (e acentuo quadro e não onze elementos) tenho a certeza de que o deixei valorizado em todos os aspectos. O Sporting de hoje possui nas suas fileiras um bom «plantel», em excelentes condições físicas e psicológicas na certeza de que, com os dois ou três reforços conseguidos para alguns lugares menos bem servidos, poderá ambicionar o máximo. Mais ainda: apraz-me salientar o excelente espírito de companheirismo reinante no «plantel leonino».*

— Com os jogadores que integram o quadro profissional do Sporting pode pensar-se em formar uma equipa de futebol de ataque?

— *É evidente que sim: e o que se está a passar com Chico e Dinis é significativo. Até aqui, o Sporting só fornecia defesas à selecção e, quando muito, o Peres. Dinis só de longe em longe era convocado e ainda assim era discutida a sua convocatória. Este ano mudou-se o sistema adoptado pela equipa, o Sporting passou a atacar sempre que entrávamos em campo: e, fosse qual fosse o adversário. Daí que os nossos avançados chamem a atenção e daí que se repare no facto de o Sporting não ter só defesas. Chico, Dinis e Peres são a prova disso e sinto-me feliz por tê-los ajudado e por ter contribuido modestamente para que hoje estejam no Brasil a a representar o país.*

DAMAS

Continua Mário Lino a falar dos jogadores que mais o ajudaram a modificar o estilo do futebol do Sporting:

— *Ao tomar conta da equipa, Damas estava num dos piores momentos da sua carreira. Ainda sob o meu comando não atingiu logo o melhor mas continuou a trabalhar. Ficou em boa forma depois de cumprir o castigo federativo. Esse período de castigo foi aproveitado para uma recuperação do jogador: e, hoje, Damas está novamente em condições de realizar grandes exibições e dar à equipa a confiança que sempre inspirou.*

PEDRO GOMES E MANACA

— *Pedro Gomes (como titular mais absoluto) e Manaca (na parte final, nomeadamente em dois jogos de Reservas) foram os elementos utilizados como laterais direitos. Pedro Gomes actuou dentro do seu nível, com a habitual determinação e eficácia. Não é bonito a jogar, tècnicamente pode não ser uma maravilha mas é um «leão» de raça que cumpre bem a função, seja com que treinador for. Manaca é um jogador que muito me ajudou a pôr em prática a mudança táctica necessária ao Sporting. Tentei introduzi-lo na equipa numa missão de sacrifício, co-*

só os dos ratar- tudo. dava ica e dese- ro la- tinha mal: ia na finta- direi- Era inos sai-

Spor nos ossi- lisar dos que ossi- Diz

o de ro e o a lori- s. O nas tel», fisi- teza três al- ser- má- sa- o de no

in- nal em bol

e o Chi- Até de- ndo lon- o e a mu- pe- sou iva- ual os n a are ter Pe- sin- ado sta- iam r o

alar aju- do

qui- pio- ira. não con- em prir sse vei- do sta de e que

A

itu- ação nte fo- dos dro seu mi- nito ode s é pre que jo- u a tác- ing. ipa co-

brindo a retaguarda e protegendo os outros dois homens do meio-campo (assim mais libertos para atacar) e Manaca correspondeu em absoluto. Aquele lugar exige rotina: e, se algumas pessoas não gostarem de o ver jogar, por mim entendo que cumpri perfeitamente. Com vista ao futuro jogou a defesa lateral e deu indicações que com mais treinos e rodagem Manaca pode impor-se como lateral de qualquer dos lados consoante o Sporting tiver mais necessidade. A «endurance» do meio-campo deve-lhe ter sido útil neste aspecto.

LARANJEIRA

O ano passado já Laranjeira era utilizado na primeira equipa mas sem regularidade e, inclusive, sem jogar no mesmo posto: vacilando entre a lateral e o centro da área. Lino colocou-o no eixo da defesa, parece que definitivamente:

— *Para mim, Laranjeira é um defesa-central não só ao nível do clube mas a nível nacional. Se não é já o melhor é seguramente um dos melhores defesas portugueses e neste aspecto o Sporting pode descansar durante os próximos dez anos.*

— O primeiro golo no Jamor não revelará ainda algumas deficiências a eliminar?

— *Laranjeira ainda não se inteirou bem das responsabilidades de jogar no centro da defesa: e, por outro lado, a sua extrema juventude atraiçoou-o. Com mais consciencialização, Laranjeira refinará qualidades. A certa altura não se apresentou nas melhores condições físicas e tive de o tirar da equipa para uma «cura de humildade» e para o chamar à responsabilidade. Hoje está bem: e pronto a fazer uma época sensacional em 1972-73.*

CALÓ

— *Na Luz jogou Caló no lugar de José Carlos e posso dizer que correspondeu na hora difícil da chamada. Também tem muita capacidade e faz uma boa dupla com Laranjeira. Mas não há dúvida que Laranjeira é mais jogador e embora tenha a maior simpatia e admiração por Caló tenho que optar entre um e outro. Caló é um dos bons elementos do «plantel leonino» que está em condições de utilização em qualquer altura.*

JOSÉ CARLOS

— José Carlos terá chegado ao fim?

— *Por mim, não. O seu maior problema esta época foram as lesões: que o obrigaram a interromper a preparação. E isso foi-lhe fatal, dada a sua morfologia. Porém, ainda não chegou ao fim da sua extraordinária carreira. Com o treinador inglês e com mais trabalho ainda vai prolongar a sua actividade: o mesmo acontecendo com Hilário, hoje em dia um dos mais regulares jogadores do Sporting, apesar da idade e do tempo que leva a jogar. Hilário é, além disso, o exemplo para todos os camaradas, futebolista sério, compenetrado, trabalhador e que não descura nenhum ponto da sua vida privada que o possa prejudicar profissionalmente. Temos um miúdo, (o Carlos Pereira) que se vem preparando paulatinamente para substituir o grande Hilário: e só a manutenção da forma do «internacional» defesa esquerdo é que adia a entrada do nosso ex-junior. Talvez o próximo ano seja o do lançamento do Carlos Pereira, pois Ronnie Allen gostou bastante de o ver jogar na reseva.*

VAGNER

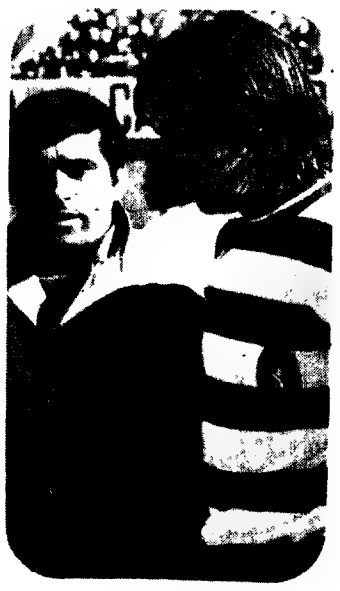
— No meio campo (e com a aquisição de Fraguito) o Sporting não terá garantido já rendimento de alto nível?

— *É dos sectores mais fortes da equipa* — diz Mário Lino. *Temos o Vagner que, infelizmente, ainda não viu resolvida a sua situação: mas que, no início da época, já estará apto a jogar sempre. Confesso-lhe que contava com ele para, na fase final da «Taça» melhorar o rendimento técnico do nosso meio-campo. Tal não aconteceu: todavia, em contrapartida, a maneira como trabalhou (ainda que não jogando) permitiu-me lançá-lo quando Yazalde acusou dificuldades. E, sem motivo para arrependimento. O futuro de Vagner será muito melhor: pois sem rotina de jogo já fez muito. Considero-o, futebolisticamente, ao nível do que melhor há na Europa, em jogadores do meio-campo. O mesmo acontece com o Peres, elemento de categoria intocável e que este ano só não se exibiu ao seu nível há cerca de três meses por lesões. Também Tomé (quando se vir livre da série de lesões que o atormentaram esta época) poderá vir a constituir um bom reforço, ao plano da capacidade evidenciada em Setúbal, à data da transferência para o Sporting. Com todos estes futebolistas em condições físicas ideais o meu clube pode (e deve formar) um meio-campo fortíssimo.*

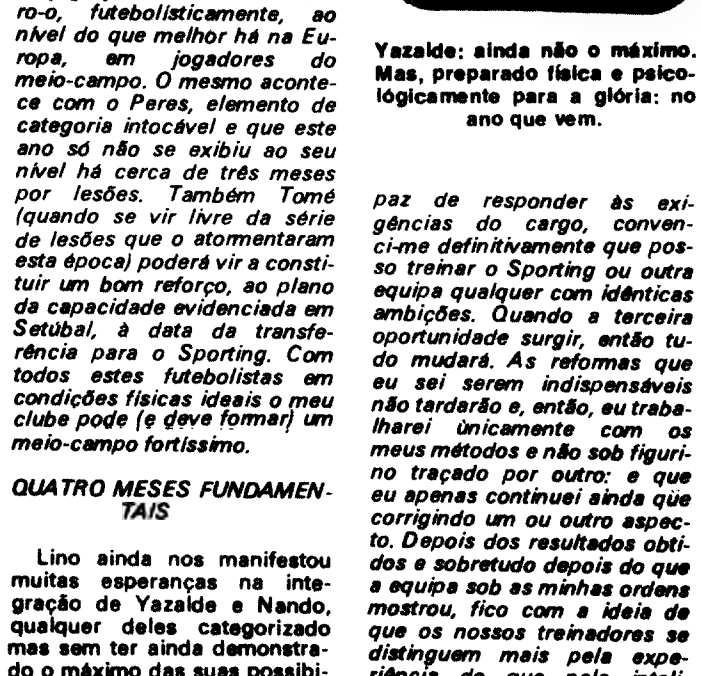
QUATRO MESES FUNDAMENTAIS

Lino ainda nos manifestou muitas esperanças na integração de Yazalde e Nando, qualquer deles categorizado mas sem ter ainda demonstrado o máximo das suas possibilidades. O argentino por lesão de certa gravidade na virilha e consequentes dificuldades de recuperação física. O angolano, por demorar a evidenciar-se tècnicamente. Por fim, o até agora técnico principal do Sporting afirmou:

— *Estes meses foram fundamentais para o meu futuro como treinador. Se até aqui se duvidava da minha capacidade orientadora, se eu próprio não sabia até que ponto seria capaz de responder às exigências do cargo, convenci-me definitivamente que posso treinar o Sporting ou outra equipa qualquer com idênticas ambições. Quando a terceira oportunidade surgir, então tudo mudará. As reformas que eu sei serem indispensáveis não tardarão e, então, eu trabalharei ùnicamente com os meus métodos e não sob figurino traçado por outro: e que eu apenas continuei ainda que corrigindo um ou outro aspecto. Depois dos resultados obtidos e sobretudo depois do que a equipa sob as minhas ordens mostrou, fico com a ideia de que os nossos treinadores se distinguem mais pela experiência do que pela inteligência. Por mim, sou muito novo e estou aqui para aprender. Só que já chegou a altura de ir mostrando algo do que vi no futebol. Com Ronnie Allen, que se tem mostrado atenciosíssimo, prometo lealdade e continuação de trabalho: isto se ele julgar de interesse a minha colaboração e a experiência do futebol do Sporting. Julgo que sim: e que do nosso trabalho o Sporting muito terá a lucrar».*



Yazalde: ainda não o máximo. Mas, preparado física e psicológicamente para a glória: no ano que vem.



Quatro trunfos na manga de Lino e do Sporting. Dinis, Nando, Yazalde e Laranjeira serão «estrelas», com base no trabalho de quatro meses do treinador açoriano

Lino (perfeitamente de pé) diz aos três guarda-redes do clube e ao técnico inglês como deve manter-se de pé a esperança «verde».

AVISO À NAVEGAÇÃO

de PRAÇA a PRAÇA

NEVES DE SOUSA

É história antiga: um tipo não engraça com outro e zuca. Quando pode, corre-lhe com a sorte. Chuta-o. Empurra-o.

Na bola há disso aos pontapés. No Porto, então, os exemplos são aos montes.

Artur Jorge estava podre: tinha uma lesão sem possibilidade de cura. Perdidíssimo para o futebol.

Estava tão doente que nunca mais calçou chuteiras.

Nem na Académica.

Nem no Benfica.

Nem na Selecção.

Custódio Pinto não via um palmo à frente dos olhos. Estava céguinho de todo.

Foi para Guimarães e começou a enxergar a bola.

Osvaldo Silva já nem corria.

Só lhe deu a mecha quando foi para Leixões.

E acelerou no Sporting.

Até o José Augusto não tinha condição para jogar lá.

Só prestou no Benfica. Na Selecção. Entre os «Magriços». No «onze» da Europa. Por todo o Mundo.

Menos nas Antas.

Agora aparece Riera. Estudioso. Calmo. Atento.

Mas, um empregado.

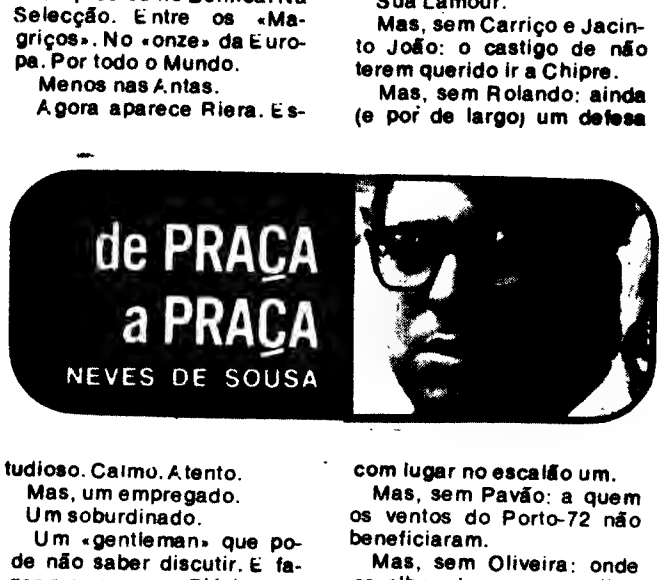
Um soburdinado.

Um «gentleman» que pode não saber discutir. E fazer o mesmo que Flávio, que Amaral, que Otto, que Daucik, que Iustrique.

Quando sairá a lei: «nenhum amador pode dirigir um profissional».

Ah, Riera, Riera: que dura tarefa você tem pela frente!

A caminho do Rio, como um grupo de alegres comadres, aí vai a selecção de



Riera: remar contra ou a favor da maré?

José Augusto.

Com seu Hope.

Com seu Crosby.

Sua Lamour.

Mas, sem Carriço e Jacinto João: o castigo de não terem querido ir a Chipre.

Mas, sem Rolando: ainda (e por de largo) um defesa com lugar no escalão um.

Mas, sem Pavão: a quem os ventos do Porto-72 não beneficiaram.

Mas, sem Oliveira: onde os olhos de quem escolheu não poisaram.

Mas, sem Freitas: 3.º homem do campeonato na classificação dos comentadores de «A Bola». Sem Conceição: o sexto dessa lista. Sem Hilário, sem Tibi, sem Octávio. Sem outros que também foram os mais pontuados da temporada: e até nem viajavam para o Brasil presos por arames, sem poderem dar dois chutos seguidos.

A pensar em Munique foi Abel: ficou por cá Tito.

A pensar em Munique fez o passeio Murça: ficou por cá Alhinho.

A pensar em Munique embarcou Mourinho: Bento já está velho.

Pergunta-se: aquele é o «team» do Povo?

O Brasil tem dado largo contributo ao futebol português. Mas, nem tanto ao mar nem tanto à terra: a par de excelentes valores também têm desembarcado, nesta linguinha junto ao grande mar, autênticos «cepos», indesmentíveis «paus-de-arara», notáveis «barretes» que assentaram como luvas nos inteligentes que os recrutaram.

É claro que isto não vem a propósito de Teles, o rapazinho que o Belenenses teve lá pelo Restelo até que o olho clínico de Scopelli indicou a porta da rua. Mas ajeita-se, não há dúvida, à maioria dos que atravessam o Atlântico em busca desta terra de promissão onde não há (não pode haver) lugar para os Pacotis, os Bés, os Albertos Luís, os Durvais, os Josés Marias, os Nilsons — até para um tal de Edson, que por sinal (descobriu-se depois...) era dentista.

Enfim: o que lá vai, lá vai. Só se pede, em defesa de uma profissão e dos seus profissionais, que a nova lei de igualdade dos direitos entre lusos e brasileiros não proporcione a todo o bicho careta das matas da Amazónia o ensejo de vir por aí fora à pesca de escudos como os caboverdeanos em procura do metropolitano. Falta-nos mão-de-obra eficiente: é uma verdade. Mas isso não é razão para que qualquer brasileiro faça as malas e chegue à tesouraria de Lisboa com o rótulo de «futebolista». Tal como nem todos os ingleses saem lordes ou técnicos da bolinha redonda.

Teles: peixe miúdo também se mistura na rede

EMPREGADA-PUBLICIDADE

Jornal semanário especializado, de grande expansão necessita para o seu departamento de publicidade uma empregada para funções internas e exteriores.

Indicar habilitações literárias, idade estado civil, ordenado pretendido e outros detalhes em resposta a este jornal ao n.º 570.

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

EM LISBOA:

Av Ant Augusto Aguiar, 88-C

R Caminhos de Ferro 62-C

Academia 1º de Setembro: quintal é p'ra couves, né?

A colectividade mais velhinha, de todas as que visitámos até ao momento, debate-se com um problema incrível: tem o seu parque de jogos transformado em horta e estendal para roupa.

A Academia de 1.º de Setembro de 1867, com sede instalada num imóvel da Rua de S. Sebastião da Pedreira, não conta hoje mais de centena e meia de associados. É José Ferrão, antigo jogador de futebol do Benfica e do Oriental, na sua qualidade de actual presidente da direcção, explica:

«Durante os últimos anos o número de sócios baixou consideràvelmente. As direcções que nos antecederam deixaram cair isto no marasmo que se vê!»

A quotização (com mensalidades de 7$50) mal dá para pagar a renda das instalações **980**

José Ferrão: «o quintal sempre foi da Academia»

escudos. E depois, temos a tal história dos legumes:

«Não sei se realmente começou aqui a Academia 1.º de Setembro: mas, se a colectividade tem 105 anos, o prédio pouco menos deverá ter. O actual senhorio explora uma casa de pasto que fica aqui por baixo (é altura de se dizer que o clube ocupa o 1.º e o 2.º andares do edifício) **e há cerca de cinco anos ocupou o lugar de tesoureiro na direcção então empossada. Nessa altura, em combinação com os restantes directores (e eu digo isto sem partir de bases concretas, mas por só assim se poder compreender o que aconteceu) conseguiu transformar uma janela gradeada numa porta que lhe deu acesso ao parque de jogos. Parque esse, transformado hoje naquilo que se pode ver: esplanada, estendal e plantação de couves.»**

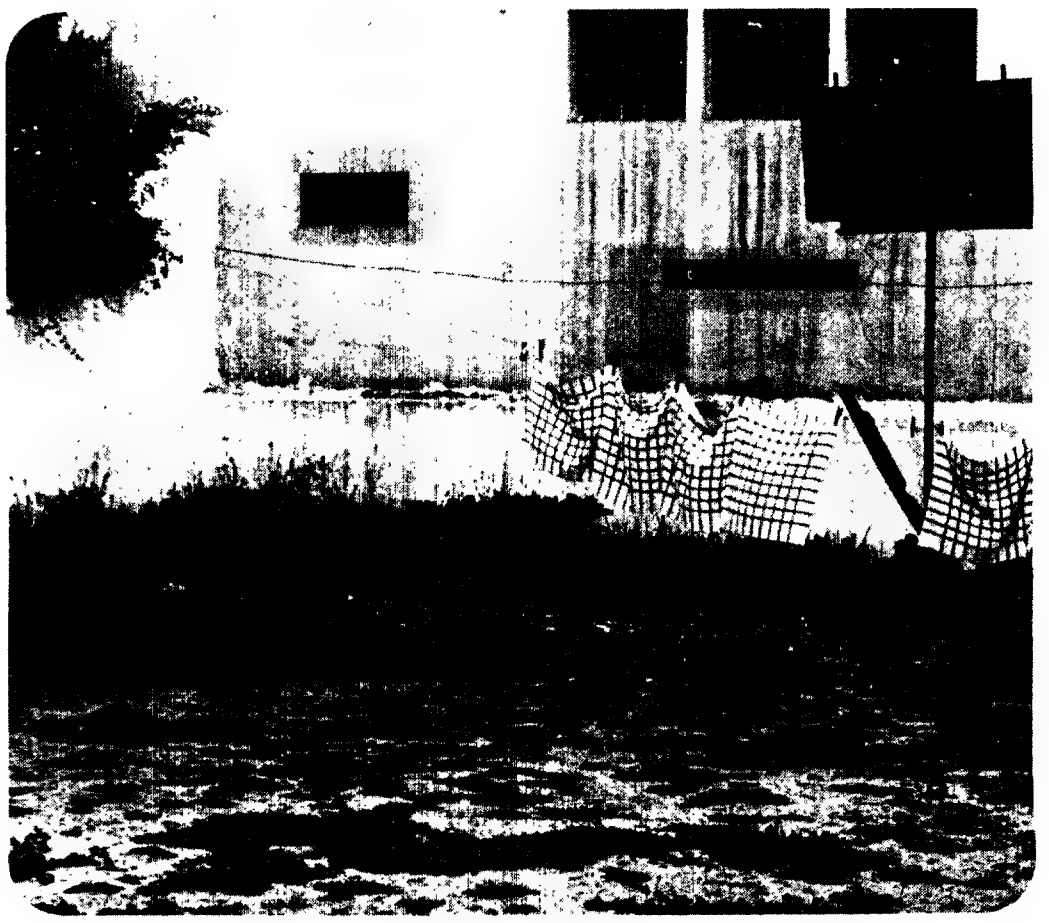
Não existe contrato de arrendamento?

Não, sabe, tudo isto é muito antigo e até os recibos são passados de forma incorrecta. Foi até o sr. presidente da Câmara Municipal, numa audiência que nos concedeu aqui há dias, que nos chamou a atenção para o facto de um recibo que lhe mostrámos, apenas mencionar o pagamento de renda pelo 1.º andar. Ora nós, que íamos lá tentar resolver o problema do parque, uma vez que o sr. presidente da Câmara nos fez aquele reparo, aproveitámos para lhe dar conhecimento que o senhorio, ainda há pouco tempo, tinha perdido uma acção de despejo que nos moveu em relação ao 1.º e 2.º andares. Parece não existirem dúvidas, sobre o subterfúgio utilizado...»

E até há cinco anos o recinto era, efectivamente, utilizado para competições desportivas?

«Era: e eu posso testemunhá-lo porque nasci nas traseiras da Academia. Além disso, há aí pessoas com 50 anos de associados e que conhecem bem a história disto: o quintal sempre foi pertença da colectividade».

Vimos depois uma planta (melhor um projecto, datado de 1953) que previa a construção de um ringue de patinagem no quintal da questão. Ao que nos dizem a ideia não foi avante por falta de verba. O que é certo, é que nele (projecto) não consta nenhuma porta de ligação com o andar térreo. Porque se tem então arrastado o recurso aos tribunais?



O terreno da discórdia com couves em assembleia

Isso é outro caso incrível e não menos chocante. O nosso advogado não consegue provar o que parece tão simples: que nunca existiu ali qualqer porta. E no no que toca a «massa»já lá vão 40 contos...»

Talvez a solução seja arranjar outro advogado...

«Bem isso ainda não aconteceu, porque, na verdade, não se pode provar que esse advogado não esteja a zelar pelos nossos interesses. E sendo assim não temos outro remédio que não seja aguentar».

Verdadeiramente chocante, esteja a razão do lado que estiver (isto o melhor é falar assim senão tenho o homem dos petiscos à perna) é o aspecto do que foi, assim á primeira vista, um campo de basquetebol: tabelas apodrecidas e aros enferrujados, baldes de plástico com terra espalhados pelo chão, aramezinhos para secar os guardanapos da casa de pasto e, ao fundo, as encantadoras couves galegas... E com tal estado de coisas quais são as modalidades que se praticam na Academia?

Temos só o ténis de mesa, porque as condições não dão para mais. Por causa do negócio dum cidadão espanhol, está a juventude dum bairro privada da prática do desporto. Vão frequentar outros ambientes...»

Além das quotas tem a Academia qualquer outra fonte de receita?

«Apenas a exploração do bufete e os banhos. Embora em casa as pessoas tomem banho por aqueles escassos centavos que a televisão anuncia, ainda há quem venha aí pagar cinco coroas da tabela. De resto, a Academia lá se vai suportando: nem dívidas, nem dinheiro em caixa. Temos é de arranjar verba para, em Setembro, vestirmos um número de crianças necessitadas, igual ao aniversário da agremiação: 105.»

Confiados no interesse prometido pelo eng. Santos e Castro, os directores da Academia 1.º de Setembro de 1867 vivem os dias de esperança do pode-ser-que-se-resolva. O advogado não deixará de continuar a zelar pelos interesses de quem lhe paga. Eu e o companheiro Lobo Pimentel, deixamos a colectividade debaixo dos olhares pouco meigos dos «clientes de porta» do proprietário que veio da vizinha, fraterna e amiga, Espanha, para descobrir aqui a sua «árvore das patacas». Ai, povo que, cantas e bailas e choras e chutas, terás tu algum dia, no quintal que te basta, as couves que realmente mereces?

Alexandre Pais

VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA

UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO

EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS — A ÁUSTRIA ..... **Esc. 7.440$00**
Lisboa, Zurique, Salzburgo, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo, Innsbruck, Zurique, Lisboa.

14 DIAS — TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO ..... **Esc. 17.600$00**
Lisboa, Copenhague, Jonkoping, Nykoping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, Gotenburgo, Lisboa.

8 DIAS — INGLATERRA, ESCÓCIA E OS LAGOS ..... **Esc. 7.470$00**
Lisboa, Londres, Chesser, Windermere, Carlisle, Edimburgo, Trossachs, Lago Lomond e outros lagos da Escócia, Newcastle, York, Londres, Lisboa.

25 DIAS — FASCINANTE ORIENTE **Esc. 37.150$00**
Lisboa, Banguecoque, Manila, Tokio, Kamakura, Hakone, Atami, Nagoya, Toba, Ilha das Pérolas, Kyoto, Nara, Hong-Kong, Macau, Fecrão, Lisboa.

8 DIAS — MARROCOS ..... **Esc. 8.100$00**
Lisboa, Casablanca, Rabat, Meeknes, Fez, Marrakech, Casablanca, Lisboa.

15 DIAS — BRASIL E ARGENTINA ..... **Esc. 24.770$00**
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Buenos Aires, Lisboa.

16 DIAS — ESTADOS UNIDOS E CANADA ..... **Esc. 17.500$00**
Lisboa, New York, Filadélfia, Washington, Detroit, Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal, Lisboa

25 DIAS — O CONTINENTE AMERICANO ..... **Esc. 45.300$00**
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Montevideu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, New York, Lisboa.

13 DIAS — GRÉCIA E MÉDIO ORIENTE **Esc. 17.740$00**
Lisboa, Istambul, Beirute, Cairo, Atenas, Lisboa.

28 DIAS — VOLTA AO MUNDO ..... **Esc. 48.155$00**
Lisboa, Beirute, Fecrão, Banguecoque, Hong-Kong, Taipé, Osaka, Kyoto, Tokyo, Honolulu, S. Francisco, Washington, New York, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

VOLEIBOL CORRIDO DOS LUSO-BRASILEIROS

Aproxima-se nova edição dos jogos luso-brasileiros. Não vem ao caso se é no Brasil ou em Portugal: se bem que às vezes tenha interesse saber se é cá ou lá fora, pois sempre há o passeiozito da ordem e convém defender posições. Aliás, até talvez nem interesse muito a nossa opinião pois o voleibol foi afastado dos jogos...

Épocas idas, este desporto comparecia no «rendez-vous» com o País irmão, num confronto que permitia analisar as nossas possibilidades, avaliar até que ponto poderíamos ir num contacto internacional com a «arraia-miúda» do voleibol. Fazíamos contas, chegávamos à conclusão que continuávamos cá muito por baixo, íamos alimentando esperanças de melhores tempos, viviamos do passado: e, por aqui nos quedávamos. Porém, sempre jogáva mos contra o Bra sil no tal confronto de amigos.

É pois pena que tal modalidade tenha ficado de fora.

Já não há possibilidades de a integrar nos jogos deste ano: mas, eis uma opinião, se me dão licença. Devia manter-se o voleibol nos jogos luso-brasileiros e seria de encarar muito a sério a nossa presença em anos futuros. Não a nível senior. As nossas equipas são mistos de veteranos, já não queremos falar em «jogadores idosos» e de jovens que, na sua maior parte e por enquanto, não parecem assegurar um rendimento válido. E, porquê?

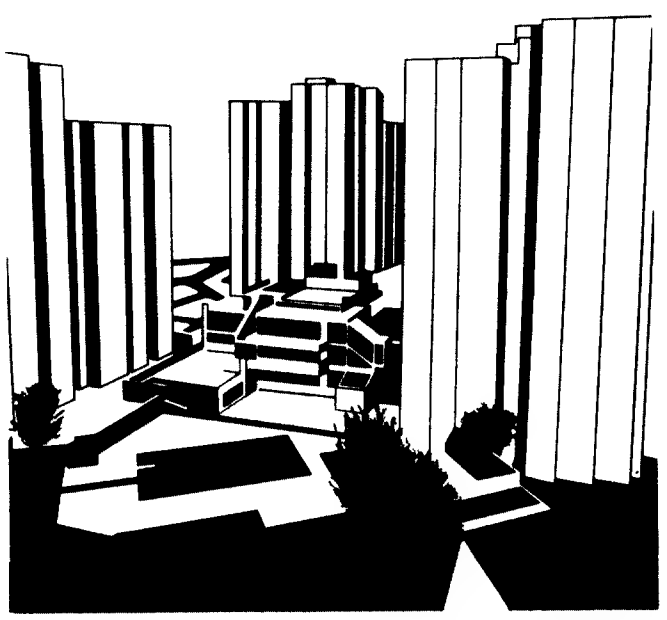
Porque tais veteranos-regressados «tapam» o lugar aos nomes a promover. Estes concluem que não vale a pena trabalhar, pois jogam no «banco». Desistem. Faltam. Muitos (ainda) sentem-se a mais. Continuam os clubes a servir-se dos «ressuscitados». Que remédio, mais não há. E não se passa disto. Há uma selecção: diz-se que uns são novos e outros velhos. O problema de sempre. Para todos. Portanto, a nível senior não interessa e nada feito. Pelo menos no Sul: e, como uma selecção do Norte não basta para representar o País...Voltemos aos Jogos:

Deviamos participar a nivel juvenil e junior, com um trabalho selectivo de base que permitisse, futuramente, ter uma equipa que nos pudesse atirar de novo para o contacto internacional europeu, mercê desse trabalho de captação, selecção e treino exigiveis.

Pode perguntar-se: mas manter-se-iam sempre os mesmos jogadores nos treinos até atingir a craveira senior?. Evidentemente que não. No decorrer dos campeonatos e até à participação activa dessa selecção — jovens hoje, seniores amanhã — iam sendo recrutados elementos para construir: consoante provas dadas. E, mensalmente teriam duas sessões de trabalho, onde só iriam os melhores do mês,. Findas as obrigações escolares, oscolhidos (após o fim dos campeonatos nacionais) seriam reunidos num estágio de trabalho de, pelo menos, duas semanas.

Certamente que se tirariam conclusões válidas, as quais permitiriam aquilatar das nossas possibilidades no campo internacional. E não há dúvida que os jogos luso-brasileiros, talvez por serem em família, podiam funcionar como rampa de lançamento dos novos.

FERNANDO MONTEIRO



As torres da SIURBE em Alferragide proporcionam-lhe um modo privilegiado de vida.

SIURBE

Visite os 5 andares-modelo.

LEIA

motor

Firestone

DE NOVO À FRENTE!

Sensacional apresentação de dois novos pneus radiais:

WIDE OVAL RALLYE RADIAL
CAVALLINO WIDE OVAL

ESPIRAL

Agora, seis tipos diferentes de pneus radiais Firestone! À medida de cada carro e ao gosto de cada automobilista.

Mais aderência. Mais arranque. Mais curvas. Mais segurança. Mais força. Mais performance. Mais velocidade. Mais duração. Mais elegância.

WIDE OVAL RALLYE RADIAL

CAVALLINO WIDE OVAL

NOMES DOS BONS E MAUS ÁRBITROS DE ANDEBOL

Por MATOS MOURA
seleccionador nacional
e treinador do Sporting

Em todas as latitudes a arbitragem é um problema: facto incontroverso. E, também por todos é sabido que, quanto melhores forem as arbitragens, melhor será (e em todos os aspectos) o nível dos jogos.

Se nos dermos ao trabalho de comparar os níveis (no que se refere a categoria) entre os nossos mais destacados praticantes e árbitros, somos desde logo obrigados a notar que eles são muito iguais. No entanto (e nas duas últimas épocas, especialmente) o sector que se refere aos homens do apito deixou-se atrasar: digamos (mesmo) que passou a uma situação de estagnamento. Um defeito-base, de muito difícil resolução.

Temos de admitir (no entanto) que as actuações dos juízes dos jogos, não podem, em boa verdade, manter-se numa ideal linha de continuidade quanto à forma de actuação. Até porque o estado físico e psíquico de hoje pode ser completamente diferente do de daqui a dois ou três dias. Como toda a gente, os árbitros têm os seus problemas: que influem no seu estado de espírito e que, lògicamente, incidem (ou podem incidir) na forma como um encontro é dirigido.

Não se infira deste apontamento que ele é fonte das boas ou más actuações dos árbitros. Muitos outros factores podem vir a reflectir-se no julgamento dos juízes. Existem, dentro do sector das arbitragens (e como cópia fiel do que acontece em todos os agregados humanos) homens das mais diversas condições, de boa e má formação, estudiosos e preguiçosos, inteligentes e pouco lúcidos, valentes e medrosos, cumpridores e faltosos. Existem (ainda) aqueles que arbitram por gosto e aqueles que o fazem em termos de um «biscate» que lhes permite um aumento do seu orçamento mensal. Ora, cabe à Comissão Central fazer uma escolha. Claro que reconhecemos a ingratidão desse trabalho de «peneira»: mas não há dúvida de que tem de ser feito.

É com urgência.

Pensámos, sinceramente, que esta época o nível da arbitragem subiria, dado que os prémios a pagar por tal serviço foram aumentados substancialmente. Tal não aconteceu, infelizmente. Não houve (por parte dos homens do apito) demonstração de maior brio, de maior vontade de progresso: e, por parte de alguns deles, isto pode ser perfeitamente alcançado.

A diferença entre a nossa arbitragem e a dos outros países reside em dois pormenores importantíssimos. O primeiro é o de que se não sabe distinguir entre o jogo duro que as regras consentem e o jogo violento que é absolutamente de condenar. Normalmente, numa mesma jogada, são expulsos os dois jogadores que praticam esta espécie de jogo, quando tal nunca devia acontecer. Segundo: existe entre nós um grande desnível entre os bons árbitros (que os temos), os regulares e os maus. E, então, estes últimos ultrapassam a medida. São mesmo péssimos...

A propósito, assistimos esta época a 14 actuações de árbitros estrangeiros. E, se vimos boas actuações, também observámos algumas pouco mais que sofríveis. Dos estrangeiros que mais nos agradaram destacamos a dupla Ovdal-Rodil (Dinamarca), Pardbusky-Vorreth (Checoslováquia), Cirligeanu-Sidea (Roménia), Janerstam-Larsson (Suécia) e os húngaros Keszthelyi-Marki.

No final do «Pré-Olímpico» de Madrid, entre a Rússia e a Noruega (jogo dirigido pela mundialmente famosa dupla Falk-Rosmanith, da Alemanha Ocidental) assistimos a uma arbitragem que deixou muito a desejar: e em que os nórdicos foram nìtidamente prejudicados, muito em especial por Falk. E tal é a fama desta equipa de árbitros que ela já dirigiu 37 partidas internacionais...

Por ocasião desse torneio, vimos com muito prazer, em Madrid, árbitros portugueses que ali se deslocaram a suas expensas, sinal de que se interessam e demonstração perfeita de que pretendem, nos contactos internacionais, adquirir os conhecimentos necessários para poderem desempenhar cabalmente as suas missões.

Também vimos actuar os alemães de Leste Singer e Siebert que no jogo Irlanda-Polónia foram superiormente imparciais: e que até «consentiram» que se jogasse duramente, mas dentro do que as leis permitem. Os suecos Janerstam-Larsson formam uma dupla que gostaríamos de voltar a ver actuar, pois pareceu-nos que o entendimento entre si é feito pela movimentação dos braços. Deixam jogar com dureza e apitam o mínimo possível.

Mas, tal forma de proceder não acontece entre nós. Assistimos, na Alemanha, a uma decisão que, se fosse entre nós, levantaria grave problema. Foi o caso de um jogador ser excluído, na sua primeira falta, durante cinco minutos: e depois voltar a ser excluído por dois. Ainda no jogo da «final» vimos Maksimov, o fabuloso jogador soviético, ser expulso por duas vezes e em ambas por dois minutos. Haveria algum árbitro português que tivesse coragem para proceder de igual forma? Os nossos juízes abusam da «advertência» e do excesso de gesticulação. Defeitos que urge contrariar.

Vamos tentar fazer uma breve resenha sobre os árbitros portugueses que vimos em acção esta época. As duplas melhores da temporada anterior continuam a ser superiores, mas sem que demonstrassem os progressos que se adivinhavam: Carlos Rocha, António Rodrigues, José Trindade, Carlos Mendes, Nuno Pinho, Armando Castro, Carlos Dinis, António e Joaquim Peixoto, Neves de Almeida, Álvaro Teixeira, José Ribeiro, Mário Morais, Álvaro Lopes, Armando Silva, Jerónimo Gouveia e Guilherme Alves, são os nossos árbitros mais destacados. Uma só revelação: a dupla Fernando Silva-Joaquim Mateus. Vimos três ou quatro actuações deste árbitros que nos deixaram óptima impressão. Se continuarem a trabalhar, em pouco tempo chegarão à craveira dos melhores. Também o veterano Álvaro Teixeira teve uma época boa, continuando com as mesmas qualidades que sempre lhe assinalámos. Armindo Silva e Jerónimo Gouveia, que no ano transacto tão boa impressão nos causaram, tiveram este ano trabalho que nos desiludiu completamente.

Todos estes árbitros poderiam, e em muito, ajudar a modalidade: se quisessem fazer mais um esforço para a sua própria melhoria. E está na sua mão a disciplina: etapa mestra para o progresso do Andebol.

A Comissão Central tem (forçosamente) de afastar alguns maus «apitadores» (o nome da árbitros não lhes pode dizer respeito). São homens que não reúnem um mínimo de condições para o desempenho da missão. A falta de conhecimentos, aliada a uma parcialidade perigosa, são factores que em nada abonam esses indivíduos. Manuel de Abreu, Carlos Alberto, João Martins, Nemésio de Castro, Wenceslau Nogal e José Silva, (por exemplo) não estão à altura de dirigir jogos da I Divisão Nacional.

Realizam-se este ano (durante o Verão) cursos de arbitragem em vários países. Não seria possível mandar lá uma meia dúzia dos nossos melhores juízes, mesmo que, no seu regresso, eles alegassem que nada tinham aprendido?

"JOSEFA DE

Aqui, onde mora a beleza, adivinha-se a virtude: por isso as rosas transpiram o perfume da juventude, no movimento alegre e descontraído da mocidade sem problemas. Quando a elegância se casa com a harmonia, nasce o encanto: o fascínio que esquece os grãos da vida e lança a imaginação nas asas do infinito.

Aqui, é o movimento captado num segundo de eleição: e, no admirar do instantâneo que recorda exercício de destreza, ficamos na eterna dúvida entre o belo e o encantador. Porque, se os modelos proporcionaram à objectiva a captação da imagem o artista soube arrancar ao negativo da película, o lado verdadeiramente positivo da acção.

Aqui, a beleza tem virtude: e a rosa é o perfume da vida.

Que venham os poetas e que cantem a alegria das fitas rasgando o espaço em voos de esperança: porque, se no movimento livre do abstracto há incerteza de rota, incógnita de trajecto, na mão firme das atletas há segurança de gesto, concreto de finalidade. E o poeta não pode faltar: nos sonhos de uma juventude que cuida do espírito e do corpo, os círculos que fazem rasgar o ar (em desenhos informes mas vistosos) representam o compasso de espera que há-de trazer a recta de uma vida vivida em plenitude.

AVA - a perdigão

cuide de si enquanto goza as suas férias em

CALDELAS

FAMOSAS TERMAS HIDROLÓGICAS PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS INTESTINAIS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
GRANDE HOTEL DE CALDELAS

QUARTOS COM BANHO E TELEFONE * CAMPO DE TÉNIS * CAPELA VELA E MOTONÁUTICA NAS BARRAGENS * PISCINA, ETC

GRANDE HOTEL DE CALDELAS
PREÇOS ESPECIAIS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO

PIANOLA

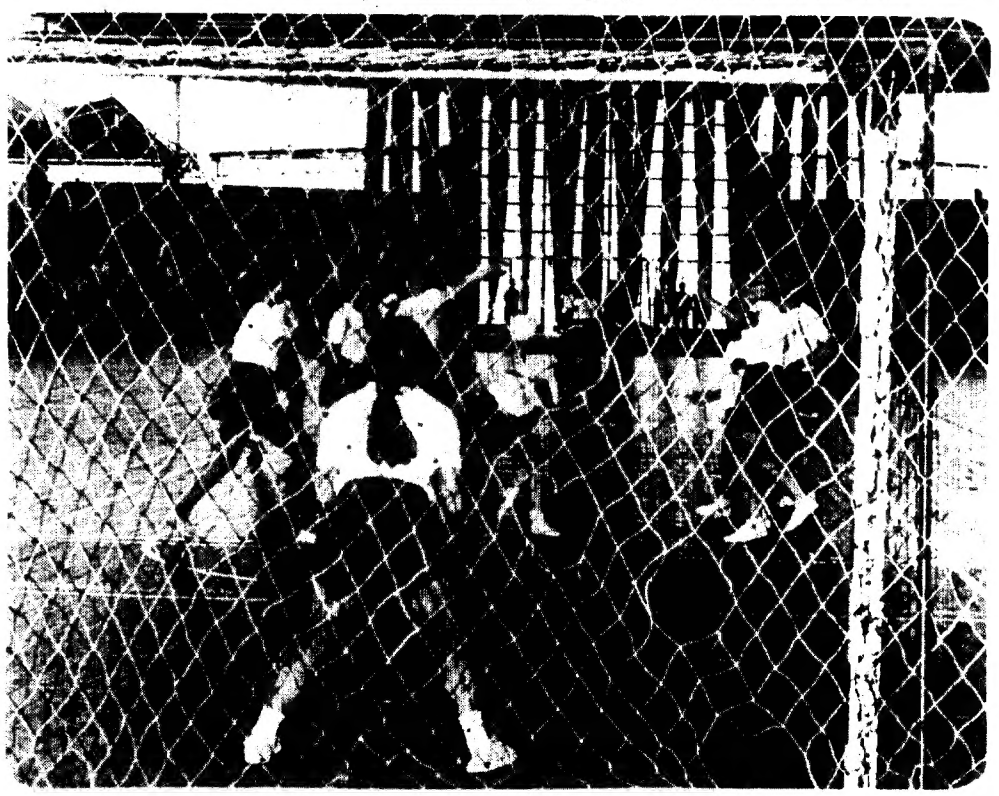
AUTORÁDIOS E REPRODUTORES DE TÉCNICA AVANÇADA

A VENDA NOS AGENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAIS

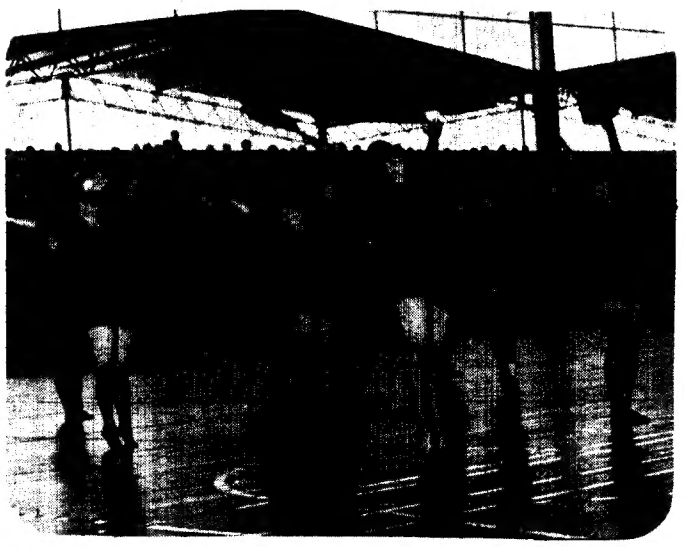
Representantes exclusivos para Portugal: STAND ASLA — PORTO Rua do Bolhão, 78 • LISBOA Rua Cristóvão Figueiredo, 12-B

ÓBIDOS": corpo são em mente sã

Texto de ORLANDO DIAS AGUDO
Fotos de ACÁCIO FIGUEIREDO



Graça, movimento, alegria, dedicação e interesse: poderiam ser estes atributos, os temas destas imagens. Porque em qualquer delas se lê a graça de movimento, a alegria da dedicação, o interesse dentro do jogo. Sem peias nem embaraços, estas raparigas (portuguesas) marginam a prática da educação física, o cumprimento dos esquemas educacionais, com a vivacidade dos jogos, o gosto da corrida com objectivo, a satisfação de vencer no confronto. Sem teias traiçoeiras, elas aplicam-se com vontade, determinação, desejo: porque, para malhas, bastam as da balizas, ondem moram os golos...



Pernas e braços misturam-se e confundem-nos: também aqui se tem de reconhecer arte ao fotógrafo que escolheu o ângulo e disparou no momento preciso. Em dois planos distintos: aplicação e espectáculo, descontracção e espectadores. Pernas erguidas em esforço ou caídas em comodismo, baralham-se na infinidade do número: mas, identificam-se no gesto que as rege. Porque, se cá em baixo há beleza de acção, graciosidade de movimento, lá em cima há admiração vencida, vontade de imitar. E ambas cantam suas determinações: as primeiras, com as pandeiretas que empresatam sedução; as segundas com os aplausos justos e marcarem parágrafo de esquema. O melhor prémio, afinal, para as donas de sorrisos bonitos e sinceros.

Olhares atentos, palmas justas: no friso de jovens (onde cada rosto é ainda uma incógnita quanto ao futuro) mora a confiança de um amanhã risonho e feliz que, infelizmente, nem a todos contemplará. Todos eles, no entanto, saberão um dia recordar esta tarde maravilhosa vivida no ginásio do Estádio Universitário, quando ali viveram horas de encanto e fascínio que marcaram o encerramento das actividades da sua escola: a Josefa de Óbidos. Nesse adeus, as rosas transpiraram o perfume da vida

Também na dança a beleza com virtude tem aroma de rosa jovem: quando o ritmo marca a cadência do movimento sincopado, a bancada fica presa de encantamento. Mais pela graça e jovialidade, do que pelo cenário que as vestes: de blusa e saia às riscas, de camisola e calça de fantasia com pata de elefante (ou muito simplesmente de traje regional) o que mais impressiona e encanta é a certeza do desenho esboçado, a afinação do conjunto, a adaptação às circunstâncias. Na vibração do vira, como na cadência do tango, o eterno feminino marca presença e prende o olhar: é quando o sonho impossível toma forma e a imaginação voa para o infinito.

OLIMPIADAS MODERNAS UMA HISTÓRIA AMÁVEL

Hélade renascida, versão de Coubertin: o reacender do facho

Onde há uma introdução (como convém) e uma pesquisa às causas longínquas do sonho do barão Pierre de Coubertin

Por ANTONIO TADEU

«Juramos que nos apresentamos nos Jogos Olímpicos como concorrentes leais e respeitadores dos regulamentos que os regem e desejosos de neles participar com espírito cavalheiresco, para honra do nosso País e glória do desporto».

E esta a fórmula actual do juramento olímpico. Nela se fala, portanto, de lealdade, de respeito, de cavalheirismo, de honra, de glória. A honra e a glória estariam na pura, desinteressada participação do atleta. Mas, o atleta anseia pelo triunfo. Portanto, não será criticável que o atleta queira ganhar, passar à frente dos outros. Até os gregos antigos tinham essa ambição. A de passar à frente dos outros. A de serem coroados de louros. A de serem homens-deuses. (E nenhum deus grego quis deixar de ser homem.) A lealdade, o respeito, o cavalheirismo, esses já são problemas à medida de cada qual... mortal.

Tudo isto é muito bonito. Mas já Luciano afirmava, referindo-se aos participantes nas Olimpíadas da Grécia Antiga, que os exercícios, as lutas, mais não eram do que a preparação para outras pelejas, destinadas à conquista de glórias: quer para o Estado, quer para a pessoa.

Pois aí está ela! Aí está a política. Em Munique, no Verão, *verão* como a luta e o interesse público se concentram no grande desafio América-Rússia. Verão — como diria a pitonisa de Delfos — como os pequenos continuarão a ser pequenos e os grandes continuarão a ser grandes. Verão como as medalhas de ouro, de prata e de cobre (a honra e a glória) serão repartidas com cavalheirismo, respeito e lealdade... Não contando, claro, com alguns «pequenos» mais atrevidos, sempre com a mania de derrubar gigantes, ainda que é pedrada.

Assim, David venceu Golias...

Caro leitor: quem nos dera a prudência e a sapiência do inefável Ulisses, marido de Penépole, pai de Telémaco, Ulisses que, embora naufragando de vez em quando, não se perdeu, até nas águas mais turvas.

EP verdade, caro leitor. Propomo-nos fazer a «nossa» história das Olimpíadas modernas. Vamos a ela. E comecemos pelas «causas remotas».

BREVE VIAGEM À GRÉCIA ANTIGA E TERRAS LIMÍTROFES

Sempre com a mania das datas, a história diz que a primeira Olímpiada foi disputada no ano de 776 antes de Cristo. Que um certo Koroibos ganhou a primeira prova — uma corrida de quase duzentos metros. E a história acrescenta que os últimos Jogos Olímpicos da antiguidade se realizaram no ano de 393. Nessa altura, o imperador Teodósio proibiu tudo, porque considerava aquilo como simples manifestação pagã, porque julgava aquilo tudo muito anti-cristão, porque havia circo em Roma, porque havia hipódromo (e revoluções) em Constantinopla.

Houve (veremos adiante) quem ficasse com saudades dos «bons velhos tempos». Da grande festa na floresta sagrada de Zeus, nas margens do rio Alfeu. Festa de gente com *«mente sã num corpo são»*...

Palavras de Solon, homem de direito: *«na verdade, esses dois elementos são para o corpo humano o que a joeira é para o trigo: o folhelho do grão voa e fica o trigo puro»*. De trigo puro se faz pão para os circenses, mas isso é outra história...

Desporto e beleza. Eram assim os helénicos. Faziam desporto em Olímpia, em Corinto, onde calhava: e faziam campeonatos de «misters» e «misses», normalmente em Elis, para os primeiros, normalmente em Lesbos, para elas, as segundas.

Teodósio quis acabar com tudo. Que fazer? Reconheça-se que o *«velho espírito»* andava um tanto adulterado. Vejam só: estava o público muito bem reunido no estádio de Corinto, em 196 antes de Cristo, quando, antecipando-se a todas as jogadas, um general (de seu nome Flamínio) fez um discurso do qual salientamos o seguinte passo: *«o senado romano e o general vencedor declaram que, estando a Macedónia agora submetida, todas as cidades gregas antes sujeitas ao rei Filipe são, a partir de hoje, independentes, livres de qualquer imposto e sujeição a uma potência exterior»*. Reza a história que toda a gente ficou muito contente. Mas, pensando bem, que desporto era aquele?

Posta a interrogação, com todo o seu «suspense», anunciamos o próximo episódio, com este título em proposta: *«De como Pierre de Fredy, barão de Coubertin, teve sonhos de juventude e os quis pôr em prática, ressuscitando Olímpia, algumas décadas depois de os arqueólogos terem feito o mesmo.»*

MANUEL DE OLIVEIRA: PARAGEM DO CAMPEÃO

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO

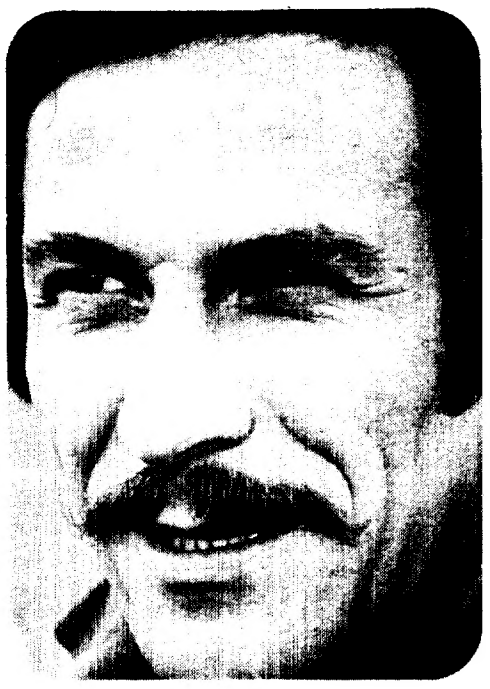
Com muita tristeza anuncio uma provável baixa no nosso Desporto. A retirada de uma das maiores e mais representativas figuras da cena desportiva nacional está a um passo de se efectuar. Mas, até lá e enquanto esse passo não for dado, confio no brio e vontade do atleta: já que, como valor desportivo o seu nome está devidamente credenciado. Trata-se de Manuel de Oliveira, um homem que, se quiser e puder, tem à sua frente uma das suas melhores vitórias de sempre.

É difícil, no nosso meio, arranjar quem o possa substituir. Nas pistas de atletismo, ao mais alto nível, ele tem sido durante anos a nossa vedeta máxima. Foi nessas pistas, a discutir os primeiros lugares, que o seu nome se impôs. Mas, na carreira dos grandes atletas nem tudo são rosas: além dos naturais sacrifícios que se lhes pede, surgem (por vezes) contrariedades difíceis de vencer. Mais difíceis do que uma dúzia de adversários...

«Vai para três anos que me apareceu uma lesão no tendão de um pé que me impediu, por mais de um ano, de pisar as pistas com regularidade. Fui operado, depois de centenas de tratamentos sem quaisquer resultado. Ou antes: esses tratamentos davam para fazer a minha vida normal. Felizmente a operação, difícil em princípio e agravada por ter forçado o tendão doente, acabou bem.

Manuel de Oliveira, mesmo não treinando, todos os dias está em Alvalade. Houve, porém, quem o acusasse de levar uma vida pouco própria para um atleta, o que não era verdade. A má vontade a que está sujeito alguém que tenha «nome»...

«Realmente, a minha lesão prolongou-se precisamente por querer demonstrar a essas más línguas que estavam erradas a meu respeito. Aliás, no Sporting, por quem fiz alguns sacrifícios na altura e a quem tenho de defender, sabiam-no bem.»



Manuel de Oliveira: regressará como grande campeão?

. Manuel de Oliveira, após a operação (efectuada na época passada) atingiu quase a sua forma normal. Todavia, quem for agora a Alvalade, encontra-o fora das pistas. A paisana. Porquê?

. *«Outra lesão que, pelos sintomas, será igual à anterior: mas no outro pé. Espero o diagonóstico certo por parte do dr. Carlos Costa, responsável pelo êxito da outra intervenção cirúrgica. Depois se verá. No entanto, parece, quase é certo, que tenho de voltar a ser operado. Desta vez não faço é o mesmo disparate e espero que as más línguas também não...»*

E Munique?

. *«Pois esse é o meu grande desgosto. Pensava lá ir: e, como sempre, sem os favores de ninguém, já que sempre fiz os mínimos exigidos pela Federação Internacional de Atletismo. Estava ainda nos meus planos voltar a apoderar-me do «record» dos dez mil metros, bem como melhorar o dos cinco quilómetros. Assim, e no que respeita aos Jogos Olímpicos, ficam-me completamente interditos, pois a recuperação vai ser demorada. Após a operação, terei de estar inactivo cerca de 40 dias. Entretanto, o peso sobe e a forma desce».*

. O consagrado atleta do Sporting tem um «palmarés» invejável. E recordista da milha (4m. 04 s.); 2 000 m (5 m. 14,2 s.); 3 000 m (8 m. 2,2 s.); 3 000 m obstáculos (8 m. 36,2 s.) e 5 000 m (13 m. 50,8 s.). Manuel de Oliveira é uma das chamadas «forças da natureza». A Serra da Estrela é seu berço. Ainda estou recordada de, há uns anos, quando veio para o Sporting, os pedais de uma bicicleta esperavam por ele. Afinal, foi ao «Primeiro Passo»: onde se revelou e apoderou do «record» dos 700 metros.

Aos 32 anos o famoso atleta leonino não está velho. Vejo a idade de alguns grandes nomes da sua especialidade e chego à conclusão de que ele ainda pode oferecer ao Desporto nacional momentos iguais aos que conserva como das melhores páginas do atletismo português.

«Mas será muito difícil. Contando mesmo que esta nova lesão seja completamente debelada, os grandes contactos internacionais (onde há mais possibilidades de alcançar boas marcas) não se conseguem todos os dias: e nem sempre se pode fazer os tempos que desejamos. Além disso, começo já a acusar uma certa saturação: o que me parece normal ao fim de 13 anos de atletismo. Vamos a ver: vencida mais esta contrariedade da minha vida, o Sporting (que já me garantiu uma festa de homenagem) dirá a última palavra sobre a minha utilidade ao seu serviço».

Manuel de Oliveira: isso nem parece teu. A tua utilidade nem pode merecer discussão. O que desejo é tornar a ver-te como até há pouco: brioso, lutador e a discutir na meta os primeiros lugares com outros senhores da cena do atletismo internacional.

Tu sabes que podes vencer uma vez mais. E penoso, não contesto. Mas, como saboreaste os teus maiores triunfos?